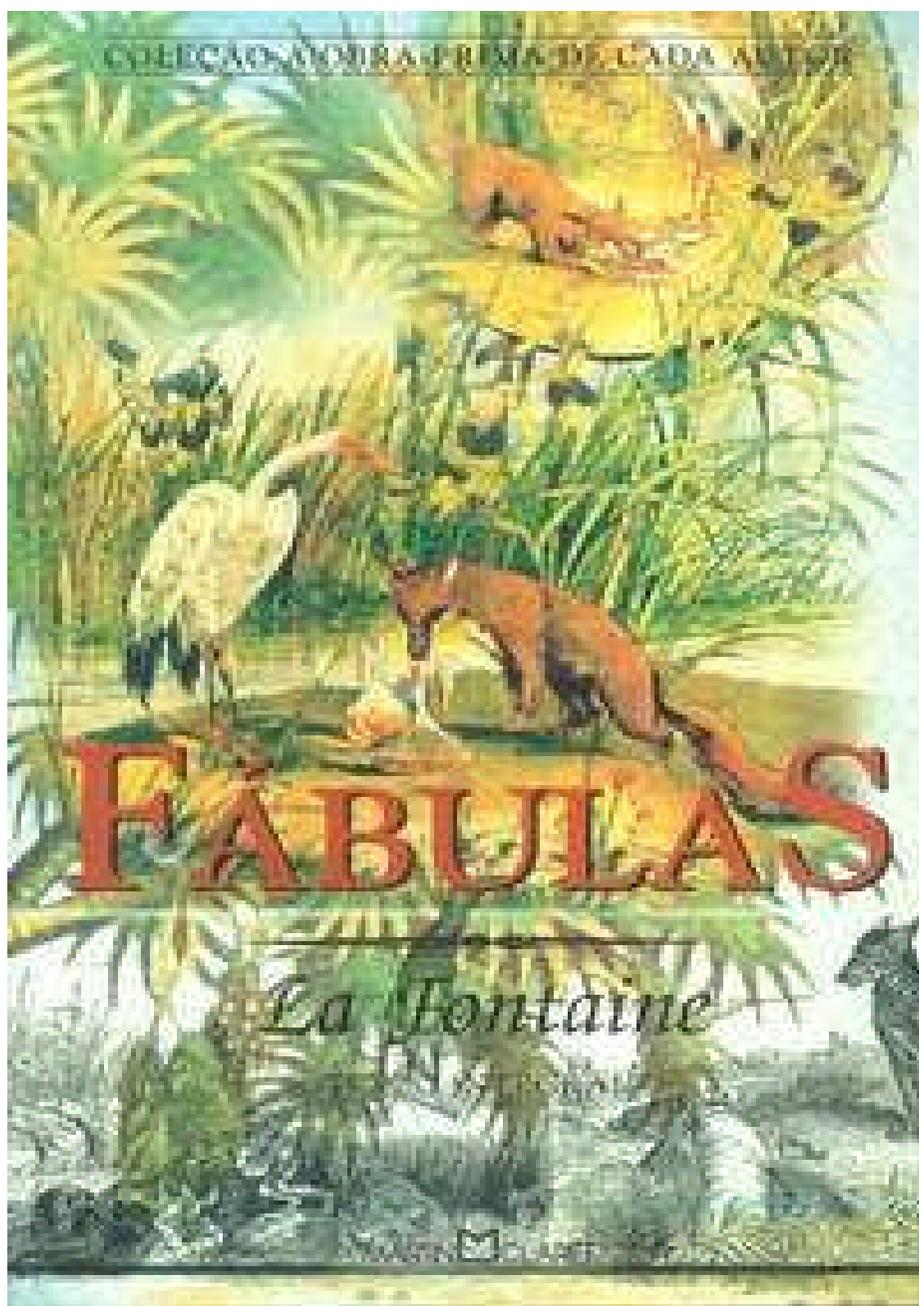


COLEÇÃO ANIMAIS PRIMA DE CADA AUTOR



FABULAS

La Fontaine

FÁBULAS



La Fontaine

Antologia

Tradução: Vários Tradutores

C R É D I T O S

© *Copyright* desta tradução: Editora Martin Claret, 2005

Título original francês: Fables

IDEALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO

Martin Ciarei

CAPA

Ilustração

Marcellin Talbot

MIOLO

Revisão

Marinice Argenta

M^{ra} de Fátima C. A. Madeira

Tradução

Vários tradutores

Projeto Gráfico

José Duarte T. de Castro

Direção de Arte

José Duarte T. de Castro

Digitação

Graziella Gatti Leonardo

Editoração Eletrônica

Editora Martin Claret

Fotolitos da Capa

OESP

Papel

Off-Set, 70g/m²

Impressão e Acabamento

Paulus Gráfica

Editora Martin Claret Ltda - Rua Alegrete, 62 - Bairro Sumaré

CEP: 01254-010 - São Paulo – SP

Tel.: (11) 3672-8144 - Fax: (11) 3673-7146

www.martinclaret.com.br

Agradecemos a todos os nossos amigos e colaboradores — pessoas físicas e jurídicas — que deram as condições para que fosse possível a publicação deste livro.

Este livro foi impresso na primavera de 2005.

P R E F Á C I O

A história do livro e a coleção "A Obra-Prima de Cada Autor"

MARTIN CLARET

Que é o livro? Para fins só estatísticos, na década de 1960, a UNESCO considerou o livro "uma publicação impressa, não periódica, que consta de no mínimo 49 páginas, sem contar as capas".

O livro é um produto industrial.

Mas também é mais do que um simples produto. O primeiro conceito que deveríamos reter é o de que o livro como objeto é o veículo, o suporte de uma informação. O livro é uma das mais revolucionárias invenções do homem.

A *Enciclopédia Abril* (1972), publicada pelo editor e empresário Victor Civita, no verbete "livro" traz concisas e importantes informações sobre a história do livro. A seguir, transcrevemos alguns tópicos desse estudo didático sobre o livro.

O livro na Antiguidade

Antes mesmo que o homem pensasse em utilizar determinados materiais para escrever (como, por exemplo, fibras vegetais e tecidos), as bibliotecas da Antiguidade estavam repletas de textos gravados em tabuinhas de

barro cozido. Eram os primeiros "livros", depois progressivamente modificados até chegar a ser feitos — em grandes tiragens — em papel impresso mecanicamente, proporcionando facilidade de leitura e transporte. Com eles, tomou-se possível, em todas as épocas, transmitir fatos, acontecimentos históricos, descobertas, tratados, códigos ou apenas entretenimento.

Como sua fabricação, a função do livro sofreu enormes modificações dentro das mais diversas sociedades, a ponto de constituir uma mercadoria especial, com técnica, intenção e utilização determinadas. No moderno movimento editorial das chamadas sociedades de consumo, o livro pode ser considerado uma mercadoria cultural, com maior ou menor significado no contexto socioeconômico em que é publicado. Como mercadoria, pode ser comprado, vendido ou trocado. Isso não ocorre, porém, com sua função intrínseca, insubstituível: pode-se dizer que o livro é essencialmente um instrumento cultural de difusão de idéias, transmissão de conceitos, documentação (inclusive fotográfica e iconográfica), entretenimento ou ainda de condensação e acumulação do conhecimento. A palavra escrita venceu o tempo, e o livro conquistou o espaço. Teoricamente, toda a humanidade pode ser atingida por textos que difundem idéias que vão de Sócrates e Horácio a Sartre e McLuhan, de Adolf Hitler a Karl Marx.

Espelho da sociedade

A história do livro confunde-se, em muitos aspectos, com a história da humanidade. Sempre que escolhem frases e temas, e transmitem idéias e conceitos, os escritores estão elegendo o que consideram significativo no momento histórico e cultural que vivem. E assim, fornecem dados para a

análise de sua sociedade. O conteúdo de um livro — aceito, discutido ou refutado socialmente — integra a estrutura intelectual dos grupos sociais.

Nos primeiros tempos, o escritor geralmente vivia em contato direto com seu público, que era formado por uns poucos letrados, já cientes das opiniões, idéias, imaginação e teses do autor, pela própria convivência que tinha com ele. Muitas vezes, mesmo antes de ser redigido o texto, as idéias nele contidas já haviam sido intensamente discutidas pelo escritor e parte de seus leitores. Nessa época, como em várias outras, não se pensava no enorme percentual de analfabetos. Até o século XV, o livro servia exclusivamente a uma pequena minoria de sábios e estudiosos que constituíam os círculos intelectuais (confinados aos mosteiros no início da Idade Média) e que tinham acesso às bibliotecas, cheias de manuscritos ricamente ilustrados.

Com o reflorescimento comercial europeu em fins do século XIV, burgueses e comerciantes passaram a integrar o mercado livreiro da época. A erudição laicizou-se, e o número de escritores aumentou, surgindo também as primeiras obras escritas em línguas que não o latim e o grego (reservadas aos textos clássicos e aos assuntos considerados dignos de atenção).

Nos séculos XVI e XVII, surgiram diversas literaturas nacionais, demonstrando, além do florescimento intelectual da época, que a população letrada dos países europeus estava mais capacitada a adquirir obras escritas.

Cultura e comércio

Com o desenvolvimento do sistema de impressão de Gutenberg, a Europa conseguiu dinamizar a fabricação de livros, imprimindo, em cin-

qüenta anos, cerca de vinte milhões de exemplares para uma população de quase cem milhões de habitantes, a maioria analfabeta. Para a época, isso significou enorme revolução, demonstrando que a imprensa só se tornou uma realidade diante da necessidade social de ler mais.

Impressos em papel, feitos em cadernos costurados e posteriormente encapados, os livros tomaram-se empreendimento cultural e comercial: os editores passaram logo a se preocupar com melhor apresentação e redução de preços. Tudo isso levou à comercialização do livro. E os livreiros baseavam-se no gosto do público para imprimir, sobretudo, obras religiosas, novelas, coleções de anedotas, manuais técnicos e receitas.

O percentual de leitores não cresceu na mesma proporção que a expansão demográfica mundial. Somente com as modificações socioculturais e econômicas do século XIX — quando o livro começou a ser utilizado também como meio de divulgação dessas modificações, e o conhecimento passou a significar uma conquista para o homem, que, segundo se acreditava, poderia ascender socialmente se lesse — houve um relativo aumento no número de leitores, sobretudo na França e na Inglaterra, onde alguns editores passaram a produzir, a preços baixos, obras completas de autores famosos. O livro era então interpretado como símbolo de liberdade, conseguida por conquistas culturais. Entretanto, na maioria dos países, não houve nenhuma grande modificação nos índices percentuais até o fim da Primeira Guerra Mundial (1914/18), quando surgiram as primeiras grandes tiragens de livros, principalmente romances, novelas e textos didáticos. O número elevado de cópias, além de baratear o preço da unidade, difundiu ainda mais a literatura. Mesmo assim, a maior parte da população de muitos países continuou distanciada, em parte porque o livro, em si, tinha sido

durante muitos séculos considerado objeto raro, passível de ser adquirido somente por um pequeno número de eruditos. A grande massa da população mostrou maior receptividade aos jornais, periódicos e folhetins, mais dinâmicos e atualizados, além de acessíveis ao poder aquisitivo da grande maioria.

Mas isso não chegou a ameaçar o livro como símbolo cultural de difusão de idéias, como fariam, mais tarde, o rádio, o cinema e a televisão.

O advento das técnicas eletrônicas, o aperfeiçoamento dos métodos fotográficos e a pesquisa de materiais praticamente imperecíveis fazem alguns teóricos da comunicação de massa pensar em um futuro sem os livros tradicionais, com seu formato quadrado ou retangular, composto de folhas de papel, unidas umas às outras por um dos lados.

Seu conteúdo e suas mensagens, racionais ou emocionais, seriam transmitidos por outros meios, como, por exemplo, microfilmes e fitas gravadas.

A televisão transformaria o mundo inteiro em uma grande "aldeia" (como afirmou Marshall McLuhan), no momento em que todas as sociedades decretassem sua prioridade em relação aos textos escritos.

Mas a palavra escrita dificilmente deixaria de ser considerada uma das mais importantes heranças culturais, para todos os povos.

E no decurso de toda a sua evolução, o livro sempre pôde ser visto como objeto cultural (manuseável, com forma entendida e interpretada em função de valores plásticos) e símbolo cultural (dotado de conteúdo, entendido e interpretado em função de valores semânticos). As duas maneiras podem fundir-se no pensamento coletivo, como um conjunto orgânico (em que texto e arte se completam, como, por exemplo, em um livro de

arte) ou apenas como um conjunto textual (no qual a mensagem escrita vem em primeiro lugar — em um livro de matemática, por exemplo).

A mensagem (racional, prática ou emocional) de um livro é sempre intelectual e pode ser revivida a cada momento.

O conteúdo, estático em si, dinamiza-se em função da assimilação das palavras pelo leitor, que pode discuti-las, reafirmá-las, negá-las ou transformá-las. Por isso, o livro pode ser considerado um instrumento cultural capaz de liberar informação, sons, imagens, sentimentos e idéias através do tempo e do espaço.

A quantidade e a qualidade das idéias colocadas em um texto podem ser aceitas por uma sociedade, ou por ela negadas, quando entram em choque com conceitos ou normas culturalmente admitidas.

Nas sociedades modernas, em que a classe média tende a considerar o livro como sinal de *status* e cultura (erudição), os compradores utilizam-no como símbolo mesmo, desvirtuando suas funções ao transformá-lo em livro-objeto.

Mas o livro é, antes de tudo, funcional — seu conteúdo é que lhe confere valor (como os livros das ciências, de filosofia, religião, artes, história e geografia, que representam cerca de 75% dos títulos publicados anualmente em todo o mundo).

O mundo lê mais

No século XX, o consumo e a produção de livros aumentaram progressivamente. Lançado logo após a Segunda Guerra Mundial (1939/45), quando uma das características principais da edição de um livro era as capas entreteladas ou cartonadas, o livro de bolso constituiu um grande êxito

comercial. As obras — sobretudo *best-sellers* publicados algum tempo antes em edições de luxo — passaram a ser impressas em rotativas, como as revistas, e distribuídas às bancas de jornal. Como as tiragens elevadas permitiam preços muito baixos, essas edições de bolso popularizaram-se e ganharam importância em todo o mundo.

Até 1950, existiam somente livros de bolso destinados a pessoas de baixo poder aquisitivo; a partir de 1955, desenvolveu-se a categoria do livro de bolso "de luxo". As características principais destes últimos eram a abundância de coleções — em 1964 havia mais de duzentas nos Estados Unidos — e a variedade de títulos, endereçados a um público intelectualmente mais refinado.

A essa diversificação das categorias adiciona-se a dos pontos-de-venda, que passaram a abranger, além das bancas de jornal, farmácias, lojas, livrarias, etc. Assim, nos Estados Unidos, o número de títulos publicados em edições de bolso chegou a 35 mil em 1969, representando quase 35% do total dos títulos editados.

Proposta da coleção "A Obra-Prima de Cada Autor"

A palavra "coleção" é uma palavra há muito tempo dicionarizada, e define o conjunto ou reunião de objetos da mesma natureza ou que têm qualquer relação entre si. Em um sentido editorial, significa o conjunto não-limitado de obras de autores diversos, publicado por uma mesma editora, sob um título geral indicativo de assunto ou área, para atendimento de segmentos definidos do mercado.

A coleção "A Obra-Prima de Cada Autor" corresponde plenamente à definição acima mencionada. Nosso principal objetivo é oferecer, em formato de bolso, a obra mais importante de cada autor, satisfazendo o leitor que procura qualidade*.

Desde os tempos mais remotos existiram coleções de livros. Em Ní-nive, em Pérgamo e na Anatólia existiam coleções de obras literárias de grande importância cultural. Mas nenhuma delas superou a célebre biblioteca de Alexandria, incendiada em 48 a.C. pelas legiões de Júlio César, quando estes arrasaram a cidade.

A coleção "A Obra-Prima de Cada Autor" é uma série de livros a ser composta de mais de 400 volumes, em formato de bolso, com preço altamente competitivo, e pode ser encontrada em centenas de pontos-de-venda. O critério de seleção dos títulos foi o já estabelecido pela tradição e pela crítica especializada. Em sua maioria, são obras de ficção e filosofia, embora possa haver textos sobre religião, poesia, política, psicologia e obras de auto-ajuda. Inauguram a coleção quatro textos clássicos: *Dom Casmurro*, de Machado de Assis; *O Príncipe*, de Maquiavel; *Mensagem*, de Fernando Pessoa e *O Lobo do Mar*, de Jack London.

Nossa proposta é fazer uma coleção quantitativamente aberta. A periodicidade é mensal. Editorialmente, sentimo-nos orgulhosos de poder oferecer a coleção "A Obra-Prima de Cada Autor" aos leitores brasileiros. Nós acreditamos na função do livro.



* Atendendo a sugestões de leitores, livreiros e professores, a partir de certo número da coleção, começamos a publicar, de alguns autores, outras obras além da sua obra-prima.

I N T R O D U Ç Ã O

La Fontaine e as suas fábulas

PINHEIRO CHAGAS

O que faz o supremo encanto de La Fontaine como fabulista, o que constitui a sua imensa superioridade sobre todos os que antes e depois dele trataram este mesmo gênero, não é de certo a originalidade, porque raríssimas serão as fábulas cuja idéia ele não houvesse encontrado em Esopo e em Phedro, nos fabulários da meia-idade, ou nos contos italianos; não é também a beleza excepcional do estilo, nem a pureza da metrificacão bastante desleixada às vezes. O que constitui o seu encanto supremo é a vida que ele sabe dar a todos esses animais que se movem no imenso tablado da natureza, que falam a linguagem que ele lhes presta, obedecendo a paixões que ele lhes atribui. É que os seus personagens têm a um tempo a verdade humana e a verdade zoológica, não essa verdade illusória que o Sr. Paulo de Rémusat dele exigiu, essa verdade que não é verossímil, essa verdade de empalhador zoológico que faz da borboleta o símbolo da constância, e da rola a imagem da volubilidade. La Fontaine escreveu verdadeiramente a *Comédia humana* dos animais. O cão, a raposa, o lobo, o leão, o rato, o gamo

são os Gobseck e os Rastignac, e os Rubempré que reaparecem a cada instante nos mil capítulos destacados desse vasto romance. É sempre com prazer que tornamos a encontrar o despótico leão, esse Luiz XIV da fábula, que entra também de chicote em punho no parlamento animalesco, e se deixa embair pela raposa cortezã e matreira como um Dangeau da corte leonina, e o estouvado ratito, e o *Monsieur du Corbeau*, vaidoso como um pintalegrete dos jardins de Versailles, e *dom pourveau*, como ele diz, grunhidor e pançudo como um abade espanhol.

Referi-me há pouco ao Sr. Paulo de Rémusat, e efetivamente esse escritor, em um artigo deveras infeliz, quer provar que La Fontaine era um detestável naturalista, que não conhecia os hábitos dos animais que punha em cena, e apenas prova que é ele que não compreende muitas vezes o pensamento do grande fabulista.

Não estranha, por exemplo, analisando a primeira fábula, que La Fontaine Fizesse da formiga uma avarenta, quando a formiga é pelo contrário um animal caridoso e socorredor, possuindo no mais alto grau o sentimento da solidariedade! Mas, Sr. Paulo de Rémusat, quem foi que lhe disse que a formiga de La Fontaine era uma avarenta? A formiga de La Fontaine é uma burguesa honesta, que lida de verão e de inverno, que cuida de si, do seu marido e dos seus filhos, do arranjo da sua casa, e que recebe na ponta das baionetas aquela cigana da cigarra, aquela cantadeira de estio, aquela artista da vida alegre, que parece não compreender o que a vida tem de sério e de austero, os santos deveres do trabalho e da família. É por isto que, de mão na ilharga, tendo acabado de dar farta esmola às formigas mais pobres, declara à aventureira que não há para ela pequeninos insetos na dispensa. E note-se que La Fontaine faz com que a cigarra seja repelida por

uma fêmea do formigueiro, e não por um macho. Os machos são indulgentes em geral para estas cantoras da vida airada, mas as fêmeas têm uma aversão profunda pelas artistas que passam a vida a cantar, enquanto elas a consomem na labutação incessante, na faina da casa. Não, Sr. Paulo de Rémusat, não foi La Fontaine que não compreendeu as formigas, foi o crítico que não compreendeu o poeta. Essas são as minuciosidades a que o espírito estreito dos realistas liga uma importância extrema. Há pouco tempo um crítico lembrou-se de notar o absurdo de Desdêmona falar depois de ter sido asfixiada com um travesseiro. Se podia falar, estava salva. É perfeitamente justa a observação, mas há três séculos que o *Othello* subjuga as platéias com a sublime expressão das paixões verdadeiramente humanas que nesse drama se agitam, sem que nunca os espectadores dessem por esse erro que é aliás incontestável.

Mas, deixando de parte essas insignificâncias, veremos na observação capital do Sr. de Rémusat que é ele que não entende o alcance das fábulas do grande poeta. Pois não se cansa a explicar que o corvo é um animal espartíssimo, e que não podia portanto cair nos laços da lisonjeira?! Mas onde é que La Fontaine assevera que o corvo seja um tolo? Pois quando o cardeal de Richelieu deixava cair as honras, as mercês sobre aqueles que fingiam entusiasmar-se com as suas tragédias, não se parecia terrivelmente com *Monsieur du Corbeaul* E era um tolo o cardeal de Richelieu? Não obtinha tudo o que quisesse de Frederico II quem lhe louvasse os versos detestáveis, e era um tolo por acaso o grande rei da Prússia? Não, *Monsieur du Corbeau* não é um tolo, é um vaidoso, e ainda os mais inteligentes, sendo vaidosos, se deixaram ilaquear facilmente pelas mais grosseiras lisonjas.

Naturalista ou não, La Fontaine conhece admiravelmente os animais,

como conhece uma sociedade um viajante finamente observador, que se pode uma ou outra vez enganar no estudo de alguns costumes, mas que perfeitamente a compreende nos seus traços capitais. E aquele eterno distraído, aquele malicioso observador, em cujo espírito passa como em uma lanterna mágica a imagem da sociedade do seu tempo, que ele parece não ver, mas que ali se desenha com rara perfeição, sorriu-se com a sua legendaria *bonhomie* ao ver como se coadunam bem com as comédias de Versailles as comédias dos currais e das colméias, dos arvoredos e dos antros, dos lagos e dos rios. Na capoeira vê ele passar, de crista vermelha emproada, um galo Luiz XIV, seguido por uma galinha branca, que é a La Vallière, e uma galinha pedrês que é a Maintenon. As formigas organizam aos seus pés os cantões da sua Suíça. Rodeiam os cortesãos humildemente o leão que desperta, e recebe ao seu *petit lever* o seu ministro raposa, e o lobo seu superintendente. Ao ver a raposa aconselhar o leão doente a esfolar o lobo e a aquecer o corpo com a sua pele ainda tépida, parece-nos estar vendo Colbert a aconselhar Luiz XIV a tirar a pele também ao opulento Fouquet. E da mesma forma que vemos passar na obra vasta de Molière a humanidade encarnada nos tipos já hoje consagrados dos Orgons e dos Gerontes, dos Arnolphos e dos Leandros, dos Harpagões e dos Tartufos, assim vemos também nessa imensa e risonha comédia de La Fontaine, em uma comédia que povoa com os seus milhares de atores o monte e a planície, os bosques e os jardins, a humanidade disfarçada, como em um vasto carnaval, com raposas e lobos, cegonhas e tartarugas, ursos, leões e macacos. E o vulgo ri-se e trata desdenhosamente o *bonhomme* La Fontaine, que não se ocupa senão dos seus animais, dos seus títeres, dos seus bonifrates, cujos fios ele move, e que toda a atenção lhe cativam, e não reparam os frívolos

que o julgam frívolo que é a eterna comédia da humanidade que se está espelhando aos seus olhos nesse mundo inferior, cuja inteligência ele defende energicamente contra Descartes, nessa sociedade de colossos e de infinitamente pequenos, onde, como acontece entre os homens, são a força e a manha que triunfam sobre a razão e o direito.

* * *

Jean de La Fontaine nasceu em 1621 em Château-Thierry, na Champagne, e foi o suco e o verdor dessa boa terra francesa onde nasce o mais francês de todos os vinhos. Se a sociedade de Versailles o tivesse envolto nos seus liames, como envolveu Molière e Racine, nunca La Fontaine escreveria senão pastorais; mas felizmente La Fontaine era tão distraído, que passou pela corte sem que desse por tal, e sem que dessem por ele! A isso deve o grito independente da sua musa, até às vezes revolucionária:

*Notre ennemi, c'est nutre maitre
Je vous le dis en bon françois.*

La Fontaine era filho de um inspetor das águas e florestas, como hoje diríamos, que lhe deixou o seu emprego, bastante rendoso. Um tio, cônego em Soissons, emprestou-lhe uns livros de devoção, e aqui temos o nosso La Fontaine, ardendo em aspirações religiosas, e morto por entrar nas ordens. Um oficial da guarnição lê-lhe uma ode de Malherbe, e La Fontaine atira ao lume os sermonários, e desata a fazer odes. O seu parente Pintrel e o seu colega Maucroix recomendam-lhe a leitura dos antigos, e dentro em pouco aparece o nosso fabulista com uma comédia de Terêncio traduzida. Apresentam-no a Fouquet, que se gloriava de proteger as artes e que dese-

java fazer de Vau um segundo hotel Rambouillet, não encontra quem lhe faça com mais prontidão e delicadeza umas sextilhas todas perfumadas com as fragrâncias marinescas e gonjonitas. Cai na desgraça Fouquet, e as damas da corte disputam entre si a glória de terem La Fontaine em sua casa. A duquesa do Bouillon é a primeira, pede-lhe contos em verso, e aos quarenta e três anos estréia-se La Fontaine neste gênero em que será inimitável. Entra na corte como gentil-homem da duquesa de Orléans, trabalha para a corte no gênero que se deseja, encontrando meio de arranjar para a música de Sully aquele delicioso poemeto de *Psyché*. Morrendo a duquesa de Orléans, é madame de la Sablière quem recebe o vagabundo poeta. Madame de la Sablière adora as fabulas, e as fábulas caem-lhe no regaço como lhe cairiam as cerejas de uma cerejeira que sacudisse. Enfim na última fase da sua vida desperta de novo o sentimento religioso, e é com um *Dies irae* em verso que o autor da *Noiva do rei de Garbe* fecha a sua carreira poética.

O que prova tudo isto? Prova que La Fontaine era verdadeiramente como os seus patrícios diziam, um espírito *primesautier*. O seu organismo vibrava a qualquer sopro. O seu estro tinha como o vinho da sua terra o ácido carbônico, e apenas desrolhava a garrafa das suas inspirações, lá vinha logo um jorro cintilante de espuma que trasbordava para qualquer copo. E o que era na poesia, era-o na conversação, e nos contos, e na vida, exuberante e libertino, casando sem saber porque, e esquecendo-se da mulher como se esquecera do seu Terêncio e dos seus livros de devoção, quando outros gêneros o tentaram.

Distraído! Eterno distraído!, diziam, e quem é que imaginava que o bom do La Fontaine fosse capaz do observar alguma coisa do que se passava na corte, ele que nem observava o que se passava em sua casa. Enga-

navam-se todos, e mal conheciam aquele gênio independente e pessoal, o único talvez que soube conservar a sua individualidade gaulesa isenta e maliciosa no meio daquela literatura versalhesa toda sujeita às etiquetas da corte, e que tinha por suprema aspiração um sorriso aprovador do senhor supremo, do rei. Racine morre, porque esse sorriso lhe falta; Molière sente a cada instante o seu gênio impetuoso bater freneticamente com as asas nas grades da sua gaiola dourada; Boileau passeia e passa no meio daquela literatura disciplinada, como um capitão instrutor com a sua *tática poética* na mão, ensinando os seus recrutas a fazerem quadras ou quadrados, esgrima de odes, tragédias em escalão, e poemas épicos em coluna de cantos. Só La Fontaine, o guerrilheiro, o indisciplinado, não entra no alinhamento. Desculpa-se-lhe isso enfim, é um miliciano incorrigível. Não há meio de obrigar os seus contos a vestir o uniforme de mosqueteiros, nem as suas fábulas a apresentar-se de cabeleiras de canudos. Pertence La Fontaine à velha milícia francesa, é capitão-mor nos terços de Rabelais. E acabou-se!... O *bonhomine* La Fontaine! Absolutamente inofensivo! De vida airada, e de musa cigana! Deixa-o lá com os seus brutinhos.

E ele, entretanto, apenas apanhava umas férias, corria a meter-se nas suas queridas florestas de Château-Thierry. Deitava-se de papo para o ar, em cima da relva orvalhada, ouvia os rouxinóis cantar e assobiar os melros, seguia com interesse os trabalhos das formigas, espreitava a lebre desconfiada e a perdiz matreira, e, no meio daquela sociedade especial, lembrava-se então de tudo o que vira na corte, onde nada lhe passara despercebido; e alegre, travesso, exclamava: "És perfeitamente um membro do Parlamento, meu rouxinol tagarela. Se julgas que o rei milhafre atende aos teus discursos, estás servido, meu velho! E vocês, rãs coaxantes, que andais a pedir

um rei a Jove, sem saber o que isso custa; e tu, cegonha, que vais ingenuamente arrancar um osso à garganta do lobo, como Portugal à Inglaterra na guerra da sucessão, como sois afinal de contas semelhantes aos homens!" E nisso, gizava em dois traços as suas pequeninas comédias, e os seus dramas microscópicos, sorria-se da loucura do pombo viajante, abandonando o frouxel do ninho pelo prazer de viajar, cantava em versos imortais a altivez do carvalho e as doces objeções do canavial flexível, e, malicioso, alegre, saboreando a plenos pulmões a viração livre dos seus bosques, inebriava-se com os borbotões de seiva da vegetação rumorejante, e assobiava com os melros a comédia da sociedade.

Ora, o bom do La Fontaine!, dizia a corte sorrindo, e La Fontaine, atirava-lhe negligentemente esta formidável apóstrofe, que, depois de bem compreendida, fez a revolução de 89.

... de tout temps

Les petits ont pâti dos sottises des grands!

Foi Sainte-Beuve quem compreendeu admiravelmente La Fontaine, chamando-lhe o poeta francês mais pessoal e cismador do século XI, e não o compreendeu Lamartine que declara detestá-lo, por haver transportado para o mundo animalesco os vícios da sociedade humana. Se Lamartine conhecesse da natureza mais que o rouxinol, convencional e acadêmico que diz madrigais à rosa, e do que o aristocrático lebreu que lhe lambe a mão fina e elegante, quando o poeta passeia de colete branco e de mão no peito, de olhos azuis em alvo e de alaúde debaixo do braço, pelas alamedas de Milly, monologando salmos, aceitando a natureza como o cenário da sua individualidade, e os animais como os comparsas do seu teatro perce-

beria que La Fontaine imergindo-se em plena natureza, vivendo em íntima comunicação com esses irmãos inferiores que o tem por advogado, não faz mais do que reproduzir nos seus versos a vida animal na sua vasta multiplicidade, as comédias da raposa, ao lado dos dramas de amor materno da leoa e do mocho, a epopéia do carvalho e do mosquito, e o idílio terno dos pombos! E o poeta do alaúde e do saltério compreenderia que a alma do *bonhomme* La Fontaine era um lago límpido e cristalino onde se mirava a natureza com as suas lágrimas e os seus risos, com os seus milhares de personagens envoltos nas mil peripécias em encontradas da tragicomédia que constitui a existência na terra, tanto a existência do homem como a do animal e da planta.



Processo artístico de La Fontaine

THEOPHILO BRAGA

As fábulas de La Fontaine, lidas e admiradas universalmente sob o ponto de vista moral, encerram uma lição bem mais profunda quanto ao problema da criação artística. Acreditou-se por muito tempo que o gênio estético tirava todos os elementos da sua obra da própria impressiönabilidade, impondo-se à admiração nas condições de uma absoluta originalidade. O gênio era como o deus bíblico tirando o mundo do nada. Ao trabalho da moderna síntese física, que levou à conclusão *ex nihilo nihil*, corresponde também a descoberta da crítica literária de que todas as grandes manifestações estéticas realizadas pelas capacidades individuais assentam sobre uma base tradicional, e são tanto mais belas e imperecíveis quanto esse tema transmitido pelo passado e por outras civilizações que adquiriu um caráter de universalidade. As fábulas de La Fontaine põem em evidência este princípio fundamental achado não só para a crítica das obras-primas das literaturas, como para a disciplina e impulso para a renovação das formas estéticas da civilização moderna.

Os assuntos ou temas poéticos das fábulas de La Fontaine não lho pertencem; uns acham-se nas coleções orientais, como a do *Pantchatantra*, desconhecida no seu tempo, outros vieram até nós transmitidos nas coleções greco-romanas de Esopo, Phedro, Aviano, Babrias, Baldus; outros

acham-se nas coleções árabes, como a da *Calila e Dimna*, transmitidos a todo o Ocidente pelos jograis franceses nos seus *fabliaux* e pelos moralistas católicos nos seus *exemplários*. E, contudo, quanto mais conhecido é o tema tradicional, tanto mais bela foi a forma literária individual que La Fontaine deu à fábula. MaxMuller, em um estudo comparativo da fábula da *Bilba de leite*, estabeleceu com a mais segura e completa erudição, pela aproximação dos elementos novelísticos, todos os elos da cadeia tradicional, desde o oriente búdico até a época da Renascença na Europa. O que o eminente sanscritista fez em especial para esta fábula pode aplicar-se a todas as outras composições de La Fontaine do mesmo gênero, trabalho em parte já tentado por Robert no *Essai sur les fabulistes qui ont précédé La Fontaine* (1825). Os estudos críticos sobre as tragédias de Shakespeare, no passo que tiram a este gênio assombroso a originalidade dos temas dramáticos, tomados umas vezes dos novelistas italianos, outras vezes dos *Homens ilustres* de Plutarco, outras vezes de esboços informes de escritores que o precederam, simultaneamente põem em máximo relevo o poder emocional da linguagem e das situações, e lógica dos caracteres, que são a vida daquelas sublimes criações. O mesmo se observa nas comédias de Molière, em grande parte tomada das comédias *dall 'arte* do teatro italiano, e das *comédias famosas* do teatro espanhol; o que compete ao gênio é a forma, é a síntese filosófica, é a conclusão moral, tudo enfim que revela a cunho da poderosa individualidade, e que nos descobre o trabalho da sua idealização.

A arte, como a define Augusto Coz, é a idealização da realidade; se o escritor em vez de observar a realidade, inventa a seu arbítrio, produz monstros, aleijões quimeras, sem ação sobre a simpatia do público, como acontece com essas criações dos eruditos acadêmicos, e em geral com as

mediocridades, que ignoram esta grande lei da relação mútua entre o elemento tradicional e a elaboração literária. Todos os espíritos que deram até hoje a sua admiração incondicional às fábulas de La Fontaine, à parte o Juízo sistemático de Lessing, nunca lhe tomaram conta da originalidade; tinham o pressentimento da importância subalterna do tema tradicional, diante da forma pitoresca individualista e eterna fixada pelo poeta; anteviram os resultados da crítica do nosso século, que tende a determinar as formas generativas de todas as literaturas. De fato, a *Fábula*, que é o desenvolvimento de uma comparação espontânea, aparece-nos entre os povos mais antigos como um produto impessoal, anônimo, igualmente como o Anexim, do que ela é muitas vezes um resumo, circula sem a responsabilidade de autor, e por isso mesmo com maior poder moral.

Entre povos os mais afastados pelo espaço, pela raça, existem temas tradicionais comuns de fábulas, como a da mulher que depila o amante, e a dos membros e o estômago; que se acham na coleção chinesa dos Avadanas! A preferência das comparações que constituem a fábula tomadas sempre das relações dos animais entre si, das suas qualidades e hábitos, levam a inferir que esta criação estética teve a sua origem em uma época fetichista da sociedade, em uma civilização brotohistórica negróide, que deu lodo o desenvolvimento a essa ordem de concepções religiosas, especialmente na arte ou na moral. O epíteto com que as fábulas eram conhecidas na Grécia revela o conhecimento de tal proveniência, e Theon distingue as fábulas em *líbias* (Lassen aproxima o nome de *Esopo de Aitiops*), *sibaríticas*, *frígias*, *sicilianas*, *cariárias*, *egípcias* e *cípricas*, como que acentuando o seu fundo negróide. Muitas das fábulas de Lokman aparecem tratadas em Esopo; e Neumann, Maracci, Hottinger e Golins, unificam os dois poetas em uma

mesma entidade; na coleção atribuída a Esopo, aparecem fábulas comuns ao *Pantchatantra*, como a do *Leão e o Mosquito*, a da *Águia e a Tartaruga*, a do *Asno com a pele de Leão*, e a *Presa e a Sombra*. Esta similaridade revela um fundo étnico comum, que na Índia se determina pela classe ínfima explorada pela propaganda búdica. Na Grécia, antes de Esopo, já as fábulas eram conhecidas e posteriormente à época esópica outras fábulas tradicionais, e transmitidas pelo vulgo, receberam forma literária, não só em obras dramáticas como em obras filosóficas. Em Hesíodo, acha-se a fábula do *Abutre e o Rouxinol*, em Stesichoro, a do *Homem e o Cavalo*, e em Alceo, a da *Serpente e o Escaravelho*. Archiloco alude à fábula da *Raposa e do Macaco*, e da *Águia e o Raposo*; Eurípedes traz a fábula do *Homem e a Morte*; Platão a do *Lobo e a Raposa* e do *Leão doente*. As relações das fábulas conhecidas na Grécia com as das raças semitas, levam a inferir da impersonalidade de Esopo, cuja entidade mítica é caracterizada por Viço, Neumann, Brucker, Welcker e Camerarius. A tradição esópica é como a tradição homérica, não escrita; a fábula chegou a ter o seu desenvolvimento épico, como se vê pelo ciclo de *Renard* na Idade Média. A transformação da tradição oral em forma rítmica é que fez porventura adotar o nome de Esopo; *Asoph* em hebraico significa o verso, a poesia. O caráter de estrangeiro, do gênero poético, é que se fixou na personalidade de Esopo na qualidade de *escravo*. Os temas tradicionais das fábulas foram tratados nas escolas dos sofistas gregos como assuntos de exercícios literários de redação; eram os *loci communes*, também adotados nas escolas de Roma. cujos cadernos achados no fim da Idade Média vieram a constituir as *Fábulas de Fedro*, outra entidade sem existência real, formada do epíteto da rocha *phoedrica*, da qual tinha sido, segundo a lenda, precipitado Esopo.

As fábulas de La Fontaine, nascidas neste campo comum da tradição universal, também tiveram o mesmo destino que as fábulas esópicas e pódricas, entraram nas escolas, e serviram de leitura e para caligráficos. A grande obra de arte, assim vulgarizada, decaiu da sua imponente majestade, a que a crítica a restitui pondo em evidência o lado individual, a forma pitoresca, a exclusiva idealização de La Fontaine. Já, na época de Luiz XIV, Fénelon, que compreendia a simplicidade do gênio grego, admirava La Fontaine pela despreocupação do estilo e do pedantismo humanista, em uma corte onde reinava o pseudoclassicismo. Esta espontaneidade de La Fontaine é uma intuição poética, que o leva a encontrar nos modismos populares os efeitos pitorescos das suas descrições e dos seus diálogos. Ninguém mais original do que La Fontaine na expressão literária; a forma simples do vulgo condiz com os quadros primitivos da concepção mítica do tema da fábula. É esta harmonia entre a idéia e a forma que torna bela a sua criação, criação em que naufragaram todos os poetas eruditos do seu tempo, como Furetière, Perrault, Lenoble, Benserade e tantos outros. Fénelon, apreciando La Fontaine sob o aspecto da simplicidade, deu à crítica uma base segura; a simplicidade é a verdade. E de fato, nas situações da fábula, é admirável a verdade e poder de observação com que La Fontaine pinta os caracteres e hábitos dos animais, a ponto de se poder estabelecer um paralelo entre os traços descritivos de Bulron na sua *História natural*, e as impressões do poeta. Nas páginas do naturalista está o verdadeiro comentário científico das descrições do fabulista. Mas La Fontaine não se limita ao lado objetivo, descrevendo o aspecto dos animais sob essas máscaras, representou os tipos morais, os caracteres, as qualidades e as índoles dos diferentes indivíduos da sociedade do seu tempo. Sob o ponto de vista

subjetivo dos retratos morais, ele é tanto ou mais verdadeiro do que La Bruyere nos *Caracteres*, que em rigor constituem o completo comentário dos personagens alegóricos de La Fontaine.

O poeta, escolhendo para a manifestação do seu gênio a forma da fábula, por uma perfeita harmonia do espírito soube conciliar o prestígio da erudição humanista do classicismo francês, com os restos da tradição medieval conservados apenas no *esprit gaulois*, de que o poeta é um dos mais sinceros representantes. A fábula acordava-lhe a imaginação, vindo pelas coleções greco-romanas, ou pelas coleções dos troveiros medievais; a comparação de uma fábula de Esopo ou Phedro, ou de uma fábula metrificada por Maria de França, reelaborada por La Fontaine, revelam-nos a dupla simpatia do artista, a qual faltou a Boileau e a Racine, que professavam o mais soberano desdém pela Idade Média. La Fontaine, nos seus *Contos*, dando forma culta aos *Fabliaiix* acentuou mais a preferência por esta Idade fecunda de onde saíram todos os germens da sociedade moderna; assim estabelecendo a solidariedade entre a civilização greco-romana e a medieval, por isso é e será sempre o gênio querido da cultura moderna, que se afirma pelo conhecimento da continuidade histórica.



Quem foi o ilustrador Grandville

Desenhista e caricaturista, Jean Ignace Isidore Gérard Grandville nasceu na cidade de Nancy em 1803 e faleceu em Paris 1847, depois de se revelar, nos gêneros pictóricos que escolheu, um dos maiores artistas do seu tempo.

Filho de um pintor de miniaturas, o pai lhe teria inculcido o gosto por tudo quanto era real, descendo aos mínimos pormenores. Era dotado, de fato, de um espírito de observação extraordinário, condição necessária para a afirmação de qualquer pintor, mas verdadeiramente imprescindível quando se trata de um caricaturista.

Pode-se dizer que não houve figura nem acontecimento de sua época que tivessem escapado ao traço veemente de Grandville. Homens influentes foram por ele ridicularizados, mas a sua arte esteve igualmente ao serviço dos humildes que ele soube magistralmente defender. Tendo adquirido uma maneira muito pessoal de registrar quaisquer incidentes, não se limitou, de resto, à fisionomia humana, retratando com fina ironia as paixões e os vícios do homem, enquanto os animais e até as plantas tiveram igualmente lugar de relevo na sua obra.

Grandville iniciou a sua carreira pela litografia, logo se impondo à consideração e ao respeito da crítica e do público com várias séries de gravuras sobre "O domingo dum bom burguês ou as atribulações da pequena propriedade", "Os brinquedos da infância", "Os prazeres da juventude", "Os gozos da idade madura" e "Os passatempos da velhice".

Foi, porém, com as "Metamorfoses do dia" (1828) que alcançou as portas da popularidade; fez então as "charges" dos homens célebres da época, mostrando-os "travestidos" de animais. Muitos nunca lhe perdoaram a irreverência, procurando diminuir a obra de Grandville. Mas outros amigos e, sobretudo, o público que tanto o admirava, jamais lhe faltaram com a compreensão devida aos artistas de excepcional craveira.

Grandville foi colaborador assíduo e destacado de jornais famosos, notadamente de *Charivari*, *La Caricature*, *Magasin Pittoresque*. *Le Convoide la Liberte* e *La Basse-Cour*. Ilustrou ainda numerosas obras, destacando-se os desenhos que fez para as *Fábulas* de la Fontaine, *Robinson Crusoe*, *Don Quixote*, *As viagens de Gulliver*. *Canções de Béranger*, *As flores animadas* e *As Estrelas*.

Como ilustrador de La Fontaine, o seu trabalho chegou a despertar polêmica, pois alguns preferiam as ilustrações que Gustavo Doré fez para a mesma obra. Damos razão aos que defenderam a concepção de Grandville, já que o nosso artista, além de prosseguir uma obra que, em outros domínios, já havia esboçado, nos parece mais fielmente inspirado no espírito do imortal La Fontaine. Na verdade, o grande fabulista francês, embora pensando nos homens, recorreu, freqüentemente, aos animais e às plantas para sublinhar os erros e as maldades dos humanos. Por que não acompanhá-lo neste caminho? Foi o que fez Grandville. Hoje ainda, decorrido mais de um século sobre a sua morte, as ilustrações das *Fábulas* mantêm toda a atu-

alidade, sem deixarem de revelar o melhor da fantasia do grande caricaturista.

Para se ter uma idéia da cotação artística de Grandville, abrimos as páginas do *Dictionnaire Critique et Documentaire des Peintres, Sculpteurs, Dessinateurs et Graveurs de tous les temes et de tous les Pays*, editado em Paris em 1913, onde encontramos as seguintes indicações "*Peintures* — Paris Vte. 6 Mars 1891: 'Le dimanche d'un bon bourgeois': 200 francs 'Chague âge a ses plaisirs': 140 fr. — Vte. 20 et 21 février 1899: 'Maison de campagne ambulante'; '*Ouvriers au milieu d'engins de guerre*': 130 fr. — *Dessins* — '*Mieux vaut tard que jamais*'; '*A l'amour et au feu on s'habitue; La pelle se moque du fourneau*', etc. *Six sujets pour des proverbes*: 110 fr.

Quer dizer que, meio século após a sua morte, Grandville era um artista cujos trabalhos todos disputavam, sendo considerado um dos grandes desenhistas da primeira metade do século XIX. Tendo-se perdido ou dispersado uma boa parte das suas obras, as ilustrações que vêm sendo transmitidas de edição em edição, em especial no que respeita às *Fábulas* de La Fontaine, sublinham ainda o grande nível artístico a que ascendeu o "chargista" ou o desenhista. É que Grandville foi, não há dúvida, um dos maiores artistas da sua época: penetrando no reino da fantasia, ele aventurou-se em um mundo a que só chegariam, um século mais tarde, os modernistas atuais, notadamente os surrealistas. E foi, simultaneamente, vigorosa testemunha desse tempo, visto que os seus desenhos definem as aspirações e as inquietações dos seus contemporâneos.

Grandville morreu no asilo parisiense de Vanves, onde fora internado como louco. Aí está outra informação que poderá talvez explicar a sua exuberante fantasia no domínio dos sonhos. Desaparecendo com apenas

quarenta e três anos de idade, pode-se dizer que morreu prematuramente, sem tempo de concluir a sua obra. Todavia, o que deixou basta para elevar a grande altura o desenhista e o caricaturista que foi Jean Ignace Isidore Gérard Grandville.



A monsenhor, o Delfim¹

Se existe alguma coisa de hábil na república das letras, pode-se dizer que é a maneira pela qual Esopo apresentou sua moral. Seria realmente de desejar que outras mãos e não as minhas tivessem realçado os ornamentos da poesia, pois que o mais sábio dos antigos² julgou que elas não eram inúteis. Ouso, MONSENHOR, apresentar-vos alguns ensaios. É um entretenimento conveniente aos vossos primeiros anos. Estais em uma idade³ em que o divertimento e os jogos são permitidos aos príncipes; porém ao mesmo tempo deveis dedicar alguns dos vossos pensamentos a reflexões sérias. Tudo isto se encontra nas fábulas que devemos a Esopo. A aparência é pueril, confesso-o; mas essa puerilidade serve como cobertura a verdades importantes.

Não duvido, absolutamente, MONSENHOR, de que olheis de maneira favorável invenções úteis e ao mesmo tempo tão agradáveis: o que se pode desejar ainda mais do que esses dois pontos? Esopo encontrou uma

¹ Luís de França, chamado *O Grande Delfim* e *Monsenhor*, filho de Luís XIV e de Maria Teresa, nascido em Fontainebleau em 1661 e falecido em 1711.

² Sócrates

³ O Delfim tinha então seis anos e cinco meses.

arte singular fazendo-os juntar um ao outro: a leitura de seu trabalho espalha insensivelmente em uma alma as sementes da virtude, e a ensina a conhecer-se sem que ela se aperceba deste estudo, e enquanto crê fazer por completo outra coisa. É uma habilidade da qual se serviu muito afortunadamente aquele⁴ em quem Sua Majestade lançou os olhos para vos dar instruções. Ele o faz de tal modo que aprendeis sem trabalho ou, para melhor dizer, com prazer, tudo o que é necessário que um príncipe saiba. Esperamos muito desta conduta. Mas, para dizer a verdade, existem coisas das quais esperamos infinitamente mais: são, MONSENHOR, as qualidades que nosso invencível monarca vos deu com o nascimento; é o exemplo que todos os dias ele vos dá. Quando o vedes formular tão grandes desígnios; quando o considerais como olha sem se admirar, a agitação da Europa⁵ e as máquinas que ela remove para desviá-lo de sua empresa; quando penetra, em sua primeira tentativa até o coração de uma província onde se encontram a cada passo barreiras intransponíveis, e que ele subjuga uma outra em oito dias, durante a estação mais inimiga da guerra, quando o repouso e os prazeres reinam nas cortes dos outros príncipes; quando não contente de dominar os homens, quer triunfar também dos elementos; e quando, na volta desta expedição onde venceu como um Alexandre, vós o vedes governar seus povos como um Augusto; confessai a verdade, MONSENHOR, suspirais pela glória tanto quanto ele, apesar da impotência de vossos anos. Certamente não é uma alegria bem sensível ao nosso monarca; mas é um espetáculo bem agradável para o universo, o ver crescer as-

⁴ O Sr. Presidente de Perigni.

⁵ Designa a tríplice aliança que a Inglaterra, a Espanha e a Holanda fizeram juntas, há aproximadamente vinte anos. para deter as conquistas do rei. *Nota de Richetot* (Cesar-Pierre Richelet, 1641-1698).

sim uma jovem planta que um dia cobrirá com sua sombra tantos povos e nações.

Deveria estender-me sobre este assunto; porém, como a incumbência que tenho de vos divertir é mais proporcional às minhas forças do que o de vos louvar, apresso-me em vir às fábulas, e não acrescentarei às verdades que vos disse senão esta: é, MONSENHOR, que eu sou, com um zelo respeitoso.

Vosso muito humilde, muito obediente e muito fiel servo,

de La Fontaine



Prefácio

A indulgência que tiveram para com algumas de minhas fábulas me dá margem para esperar a mesma graça para esta coleção. Não foi senão um dos mestres de nossa eloquência que desaprovou o intuito de pô-las em verso: ele julgou que seu principal ornamento era o de não ter nenhum; que, portanto, o constrangimento da poesia, unida à severidade de nossa língua, me embaraçariam em muitos pontos, e baniriam da maioria dessas narrativas a concisão, que se pode muito bem chamar a alma do conto, pois que sem ela, necessariamente, este se enfraquece. Esta opinião não poderia provir senão de um homem de excelente gosto; eu pediria somente que ele a relaxasse um pouco, e acreditasse que as graças lacedemônias não são de tal modo inimigas das musas francesas, que não se possa muitas vezes fazê-las caminhar juntas.

Além do mais, não empreendi a tarefa senão seguindo o exemplo, não quero dizer dos antigos, que não tem conseqüência para mim, porém dos modernos. É de todos os tempos e entre todos os povos que fazem profissão de poesia, que o Parnaso julgou isto seu apanágio. Apenas as fábulas que se atribuem a Esopo se evidenciaram, Sócrates achou a propósito ves-

ti-las com as librés das Musas. O fato que Platão relata é tão agradável, que não posso deixar de fazer dele um dos ornamentos deste prefácio. Diz ele que tendo sido Sócrates condenado à pena última, transferiram a execução da sentença devido a certas festas. Cebes foi vê-lo no dia de sua morte. Sócrates disse-lhe então que os deuses, por várias vezes, o tinham avisado, durante o sono, de que ele devia dedicar-se à música antes de morrer. A princípio não havia compreendido o que esse sonho significava; pois, como a música não consegue tornar o homem melhor, para que tal dedicação? Devia haver mistério nisso, tanto mais que os deuses não se cansavam de lhe enviar a mesma inspiração. Viera-lhe ainda uma dessas festas. De tal modo, pensando nas coisas que o céu podia exigir de si, ele tinha dado acordo de que a música e a poesia têm tanta relação entre si, que seria possível tratar-se da última. Não existe boa poesia sem harmonia: porém, não existe mais sem imaginação; e Sócrates não sabia o que dizer, na verdade. Afinal ele achara um meio termo: era escolher fábulas que contassem alguma coisa de verdadeiro, tais como as de Esopo. Ele empregou, portanto, os últimos momentos de sua vida a pô-las em verso.

Sócrates não foi o único que considerou como irmãs a poesia e nossas fábulas. Fedro testemunhou que também sentia isto; e, pela excelência de seu trabalho, podemos julgar o do príncipe dos filósofos. Depois de Fedro, Avieno tratou do mesmo assunto. Afinal os modernos os seguiram: temos exemplos não somente entre os estrangeiros, como entre nós. É verdade que, quando nossa gente nisto trabalhou, a língua era tão diferente do que é agora, que não se deve considerá-los senão como estrangeiros. Isto não me desviou de meu empreendimento; pelo contrário, orgulhei-me com a esperança de que, se eu não andasse com sucesso nessa carreira, pe-

lo menos me dariam a glória de tê-la aberto.

Possivelmente acontecerá que meu trabalho faça nascer em outras pessoas o desejo de levar a empresa mais longe. Tanto é preciso para que esta matéria seja esgotada, que sobram ainda mais fábulas para pôr em verso além das que fiz. Francamente, escolhi as melhores, isto é, as que me pareceram tais; porém, além do fato de que possa ter-me enganado em minha escolha, não será muito difícil dar uma outra forma mesmo àquelas que escolhi; e se essa forma for menos extensa, sem dúvida será melhor aprovada. Seja o que for que aconteça, ser-me-ão sempre agradecidos: quer tenha sido feliz minha temeridade, e que eu não me tenha afastado demais do caminho que precisava manter, quer seja pelo fato de eu ter induzido outros a fazer melhor.

Penso ter justificado suficientemente minha intenção: quanto à execução, o público será o juiz. Não se encontrarão aqui a elegância nem a extrema concisão que tornam Fedro recomendável: são qualidades acima do meu alcance. Como me era impossível imitá-lo nisso, julguei que precisava, em compensação, alegrar o trabalho mais do que ele o fez. Não que eu o censure por ter permanecido nesses termos: a língua latina não pedia nada mais; e, se se quiser olhar com cuidado, reconhecer-se-ão nesse autor o verdadeiro caráter e o verdadeiro gênio de Terêncio. A simplicidade é magnífica nesses grandes homens; eu, que não tenho a perfeição da linguagem como eles tiveram, não a posso elevar a um tão alto ponto. Portanto, foi preciso compensar por outro lado: foi o que eu fiz com um pouco mais de audácia, do que Quintiliano diz que não seria demais alegrar as narrações. Aqui não se trata de apresentar uma razão, é bastante que Quintiliano a tenha dito. Portanto, considerarei que, sendo essas fábulas conhecidas por

todo mundo, eu não faria nada se não as tornasse novas por meio de alguns traços que revelassem o gosto. E o que se pede hoje em dia: deseja-se novidade e alegria. Não chamo alegria o que provoca o riso; mas, um certo encanto, um ar agradável que se pode dar às espécies de assuntos, mesmo os mais sérios.

Mas, não é tanto pela forma que dei a esse trabalho que se deve aqui-latar o seu valor, senão por sua utilidade e por seu conteúdo; pois o que há de recomendável nas produções do espírito, que não se encontre no apólogo? É alguma coisa de tão divino, que diversos personagens da Antiguidade atribuíram a maior parte dessas fábulas a Sócrates, escolhendo assim, para lhes servir de pai, aquele dentre os mortais que mantinha mais comunicações com os deuses. Não sei como eles não fizeram descer do céu essas mesmas fábulas, e como não lhes designaram um deus como patrono, assim como a poesia e a eloquência. O que digo não é completamente sem fundamento, pois que, se me é permitido mesclar o que temos de mais sagrado com os erros do paganismo, vemos que a Verdade falou aos homens por parábolas; e a parábola será ela outra coisa senão o apólogo, isto é um exemplo fabuloso, e que se insinua com mais facilidade ainda e de efeito mais comum e mais familiar? Quem nos propusesse não imitar senão os mestres da sabedoria, nos forneceria um motivo de escusa quando consideramos que as abelhas e formigas são capazes disso que nos pedem.

É por essas razões que Platão, tendo banido Homero de sua república, deu a Esopo um lugar bastante honroso. Ele deseja que as crianças su-guem essas fábulas com o leite; recomenda às amas para ensiná-las; pois nunca é cedo para se acostumar à sabedoria e à virtude. Antes de sermos levados a corrigir nossos hábitos, é preciso trabalhar para torná-los bons

enquanto somos ainda indiferentes ao bem ou ao mal. Ora, que método pode contribuir mais utilmente do que essas fábulas? Dizei a uma criança que Crasso indo contra os partas empenhou-se em seu país, sem considerar como se sairia; que isto o fez perecer a ele e, ao seu exército, qualquer esforço que fizesse para se retirar. Dizei à mesma criança que a raposa e o bode desceram ao fundo de um poço para mitigar sua sede; que a raposa saiu, tendo-se servido das costas e dos chifres de seu companheiro como de uma escada; pelo contrário, o bode ficou lá dentro por não ter tido tanta previdência; e que por conseguinte é preciso considerar em todas as coisas as conseqüências. Pergunto qual desses dois exemplos produzirá mais impressão sobre esta criança. Não ficará ela no último, como o mais acorde e menos desproporcionado do que o outro à limitação de seu espírito? Não se deve alegar que os pensamentos da criança são por si mesmos mui to infantis, sem acrescentar ainda novas brincadeiras. Essas brincadeiras não são tais senão na aparência; pois, no fundo, trazem um sentido muito consistente. E como, pela definição do ponto, da linha, da superfície, e por outros princípios muito familiares, chegamos a conhecimentos com que se medem afinal o céu e a terra, assim também, pelo raciocínio e as conseqüências que se podem tirar destas fábulas, formam-se o julgamento e os costumes, toma-se a criatura capaz de grandes coisas.

Elas não são somente morais, fornecem ainda outros conhecimentos: as propriedades dos animais e seus diversos caracteres aí estão expressos; por conseguinte, os nossos também, pois que somos o resumo do que existe de bom e de mau nas criaturas irracionais. Quando Prometeu quis formar o homem, ele apreendeu a qualidade dominante de cada animal: dessas peças tão diferentes, compôs nossa espécie, fez este trabalho que se

chama o Pequeno Mundo. Assim essas fábulas são um quadro onde cada um de nós se encontra pintado. O que elas nos apresentam confirma as pessoas de idade avançada nos conhecimentos que a experiência lhes deu, e ensina às crianças o que é preciso que saibam. Como estas últimas são recém-chegadas ao mundo, não conhecem ainda os habitantes; não se conhecem a si mesmas: não se deve deixá-las nessa ignorância senão o menos que se possa; é preciso ensinar-lhes o que é um leão, uma raposa, bem como o mais; e porque se compara algumas vezes um homem a essa raposa ou a esse leão. É nisto que as fábulas trabalham: as primeiras noções das coisas provêm delas.

Já passei do tamanho comum dos prefácios; entretanto ainda não dei conta da disposição de meu trabalho.

O apólogo é composto de duas partes, das quais se pode chamar uma o corpo, a outra a alma. O corpo é a fábula; a alma, a moral. Aristóteles não admite na fábula senão os animais; exclui os homens e as plantas. Esta regra é menos de necessidade do que de conveniência, pois que nem Esopo, nem Fedro, nem qualquer dos fabulistas a observou; bem ao contrário da moral, da qual ninguém se dispensa. Quando me aconteceu fazê-lo, não foi senão nos lugares onde ela não pôde entrar com graça, e onde é fácil ao leitor deduzi-la. Não se considera na França senão o que agrada: é a grande regra, e, por assim dizer, a única. Portanto, não julguei que fosse um crime passar por cima dos antigos costumes, quando não podia pô-los em uso sem lhes causar dano. No tempo de Esopo a fábula era simplesmente narrada, a moralidade separada e sempre no fim. Veio Fedro, que não se sujeitou a esta ordem: embelezou a narração, e algumas vezes transporta a moral do fim para o começo. Quando necessário encontrar-lhe um lugar, eu

não falho nesse preceito senão para observar um, que não é menos importante: é Horácio quem no-lo dá. Este autor não quer que um escritor se obstine contra a incapacidade de seu espírito, nem contra a de seu assunto. Jamais, ao que ele pretende, um homem que deseja se sair bem, não o consegue nesse caso: abandona as coisas das quais vê bem que nada saberia sair de bom:

Et quae

Desperat tractata nitescere posse relinquit

Foi o que fiz com relação a algumas lições de moral cujo sucesso não esperei muito.

Não falta senão falar da vida de Esopo. Não vejo quase ninguém que não tenha como fabulosa a que Planúdio nos deixou. Diz-se que este autor tentou dar ao seu herói um caráter e aventuras que não correspondem às suas fábulas. Isto me pareceu a princípio fictício; porém, afinal achei alguma base nessa crítica. Em parte é fundada com referência ao que se passa entre Xantos e Esopo: encontra-se muita tolice. Ora! Qual o sábio a quem coisas semelhantes não acontecem? Toda a vida de Sócrates não passou na seriedade. O que me confirma no meu sentimento, é que o caráter que Planúdio dá a Esopo é semelhante ao que Plutarco lhe deu em seu *Banquete dos Sete Sábios*, isto é, de um homem sutil, e que nada deixa passar. Dir-me-ão que o *Banquete dos Sete Sábios* é também uma invenção. É fácil duvidar de tudo; quanto a mim, não vejo muito bem porque Plutarco teria querido impor à posteridade esse traço, ele que faz profissão de ser verdadeiro em toda parte, e conservar a cada um o seu caráter. Quando assim fosse, eu não saberia senão mentir sob a palavra de outrem: acreditar-me-ão menos

se eu permaneço na minha? Pois o que eu posso é compor um tecido de minhas conjeturas, o qual intitularei: *Vida de Esopo*. Qualquer verossimilhança que eu lhe dê, não será bastante; e, fábula por fábula, o leitor preferirá sempre a de Planúdio à minha.



A monsenhor, o Delfim

Luiz Gonzaga Fleury (Trad.)

Aqui canto os heróis dos quais Esopo é autor;
Elenco de que a história é irreal mas de valor,
Pois verdades contém que servem de lição.
A qualquer ser dou voz, té os peixes falarão:
Tem endereço a nós o que deles se ouvir;
Recorro aos animais para os homens instruir.
Rebento ilustre que és de um rei dos céus amado,
Para o qual todo o mundo está de olhar voltado.
Rei que curvar fazendo os maiores em glórias,
Seus dias contará pelas suas vitórias.
Um outro te dirá com voz mais poderosa
Os feitos de avós teus, dos reis a ação virtuosa;
Eu te vou entreter com leves aventuras,
Nestes versos traçar mui rápidas pinturas;
E se não conseguir o bem de te agradar,
A honra ao menos terei de tal coisa tentar.



LIVRO 1



A cigarra e a formiga

Bocage (Trad.)

Tendo a cigarra em cantigas
Folgado todo o verão
Achou-se em penúria extrema
Na tormentosa estação.

Não lhe restando migalha
Que trincasse, a tagarela
Foi valer-se da formiga,
Que morava perto dela.

Rogou-lhe que lhe emprestasse,
Pois tinha riqueza e brio,
Algum grão com que manter-se
Até voltar o aceso estio.

"Amiga, — diz a cigarra —
Prometo, à fé d'animal,
Pagar-vos antes de agosto
Os juros e o principal."

A formiga nunca empresta.
Nunca dá, por isso junta:
"No verão em que lidavas?"
A pedinte ela pergunta.

Responde a outra: "Eu cantava
Noite e dia, a toda hora.
— Oh! Bravo!, torna a formiga:
Cantavas? Pois dança agora!"

Os ladrões e o asno

Gonçalves Crespo (Trad.)

Brigavam dois ladrões por um roubado burro:
Com ele um quer ficar, quer outro expô-lo à venda
E enquanto a discussão entre ambos corre a murro.
Terceiro vem que empolga a causa da contenda.



Não raro uma província ao burro é semelhante.
E uns príncipes quaisquer, iguais aos salteadores:
O Turco, o Transilvano, o Húngaro — em que instante,
Em vez de dois que busco, eis três dos tais senhores!

Abunda esta fazenda — embora com freqüência
Nenhum lugar consiga a terra conquistada,
Se vem o quarto ladrão que rindo da pendência
Cavalga no jumento e aos três dá surriada.



A raposa e a cegonha

Curvo Semedo (Trad.)

Quis a raposa matreira
Que excede a todas na ronha.
Lá por piques de outro tempo,
Pregar um ópio à cegonha.

Topando-a, lhe diz: "Comadre,
Tenho amanhã belas migas,
E eu nada como com gosto
Sem convidar as amigas.

De lá ir jantar comigo
Quero que tenha a bondade:
Vá em jejum porque pode

Tirar-lhe o almoço a vontade".

Agradeceu-lhe a cegonha
Uma oferenda tão singela,
E contava que teria
Uma grande fartadela.

Ao sítio aprazado foi.
Era meio-dia em ponto.
E com efeito a raposa
Já tinha o banquete pronto.

Espalhadas em um lajedo
Pôs as migas do jantar
E à cegonha diz: "Comadre,
Aqui as tenho a esfriar.

Creio que são muito boas, —
Sansfaçon, — vamos a elas".
Eis logo chupa metade
Nas primeiras lambidelas.

No longo bico a cegonha
Nada podia apanhar;
E a raposa em ar de mofa,
Mamou inteiro o jantar.

Ficando morta de fome,
Não disse nada a cegonha;
Mas logo jurou vingar-se
Daquela pouca vergonha.

A dar-me o gosto amanhã
D'ir também jantar comigo".

A raposa lambisqueira
Na cegonha se fiou,
E ao convite, às horas dadas,

No outro dia não faltou.

Uma botija com papas
Pronta a cegonha lhe tinha;
E diz-lhe: "Sem cerimônia,
A elas, comadre minha".

Já pelo estreito gargalo
Comendo, o bico metia;
E a esperta só lambiscava
O que à cegonha caía.

Ela, depois de estar farta,
Lhe disse: "Prezada amiga,
Demos mil graças ao céu
Por nos encher a barriga".

A raposa conhecendo
A vingança da cegonha,
Safou-se de orelha baixa.
Com mais fome que vergonha.

Enganadores nocivos,
Aprendeí esta lição.
Tramas com tramas se pagam.
Que é pena de Talião.

Se quase sempre os que iludem
Sem que os iludam não passam.
Nunca ninguém faça aos outros
O que não quer que lhe façam



O menino e o mestre-escola

Barão de Paranapiacaba (Trad.)

Tenho em vista zurzir na minha história
Todo o pedante, autor de vão discurso,
Que ralhando, não vale a quem se afoga,
A minguá de recurso.

Rapaz travesso, doidejando às soltas,
Perto da margem de empolado rio

Tais cabriolas fez que, ao fim de contas,
Dentro d'água caiu.

Quis o céu que no sítio do sinistro
Vegetasse, a propósito, um salgueiro,
A que, abaixo de Deus, salvar a vida
Deveu o calaceiro.

Passava por ali um mestre-escola;
E o rapaz a gritar: "Senhor, socorro!
Acudi-me, por Deus, que o ramo estala,
E, em se quebrando, eu morro".

Ouvindo este clamor, o pedagogo,
Sem notar ser imprópria a ocasião,
Dirige ao pobre, prestes a afogar-se,
Este longo sermão:

"Vede a que ponto chega a travessura!
Vão lá matar-se por traquinas tais!
Como é difícil tomar conta deles!
Oh! Desgraçados pais!

Quanto à família e os mestres envergonham!
Que sustos causam! Que profunda mágoa!"
Tendo assim esgotado o palanfrório,
Tira o menino d'água.

Gente, em que não pensais, aqui se abrange;
Pedantes, tagarelas e censores,
Entram no quadro, que esboçado fica
Com verdadeiras cores.

Faz grande turma cada classe dessas,
— Raça, da Providência abençoada,
Que em tudo busca exercitar, sem peias,
Sua língua afiada. —

Mas ouve, amigo meu: Se em transes luto
Vem primeiro livrar-me do embrechado;
Deita arenga depois e a gosto exaure
O teu palavreado.



O galo e a pérola

Gonçalves Crespo (Trael.)

Um galo achou num terreiro
Uma pérola, e ligeiro
Corre a um lapidário e diz:
"Isto é bom, é de valia.
De milho um grão todavia
Era um achado mais feliz".

Um néscio ficou herdeiro
De um manuscrito, e a um livreiro
Vai à pressa, e fala assim:
"É bom, é livro acabado.
Concordo, mas um *ducado*
Valia mais para mim!"

O carvalho e o caniço

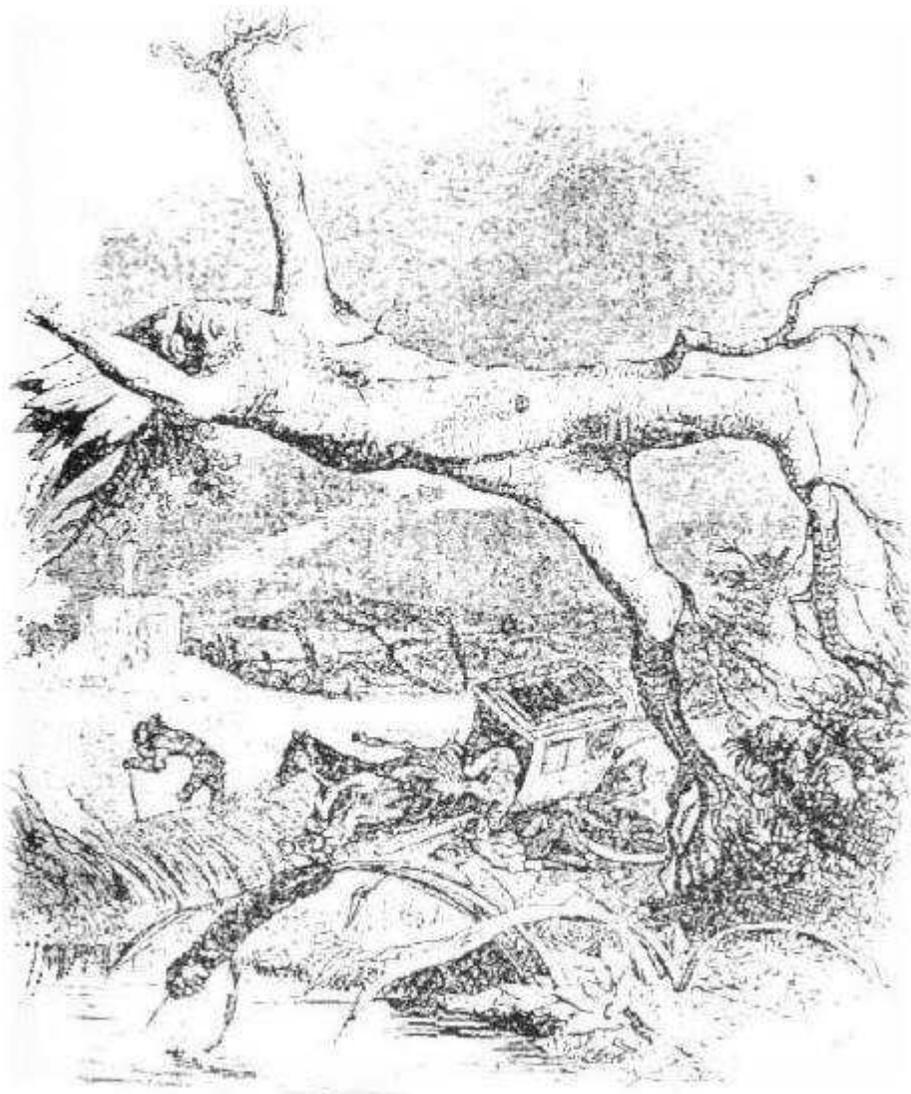
Barão de Paranapiacaba (Trad.)

Dizia ao caniço robusto carvalho:
"Sou grande, sou forte;
És débil e deves, com justos motivos,
Queixar-te da sorte!

Inclinas-te ao peso da frágil carriça;
E a leve bafagem.
Que enruga das águas a linha tranqüila
Te averga a folhagem.

Mas minha cimeira tufões assoberba.
Com serras entesta;
Do sol aos fulgores barreiras opondo,
Domina a floresta.

Qual rija lufada, do zéfiro o sopro,
Te soa aos ouvidos,
E a mim se afiguram suaves favônios
Do Norte os bramidos.



Se desta ramagem, que ensombra os contornos,
A abrigo nasceras,
Amparo eu te fora de suis e procelas,
E menos sofreras.

Mas tens como berço brejais e alagados,
Que o vento devasta.
Confesso que sobram razões de acusares
A sorte madrasta."
Responde o caniço: "Das almas sensíveis

É ter compaixão;
Mas crede que os ventos, não menos que os fracos,
Minazes vos são.

Eu vergo e não quebro. Da luta com o vento
Fazeis grande alarde:
Julgais que heis de sempre zombar das borrascas?
Até ver não é tarde."

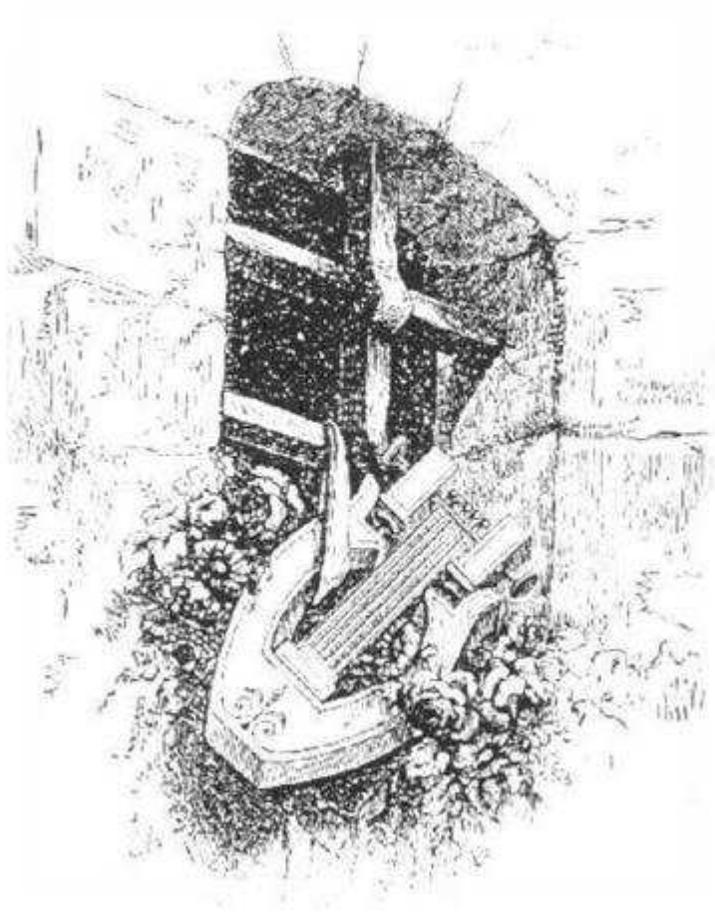
Mal isto dissera, dispara do fundo
Dum céu carregado
O mais formidável dos filhos que o Norte
No seio há gerado.

Ereto o carvalho, faz frente à refrega;
E o frágil arbusto
Vergando, flexível — do vento aos arrancos
Resiste, sem custo.

Mas logo a nortada, dobrando de força,
Por terra lançava
O roble que às nuvens se erguia e as raízes
No chão profundava.



LIVRO II



Contra os de gosto exigente

Barão de Paranapiacaba (Trael.)

Se ao nascer, eu tivesse em partilha,
Esses dons geniais e seletos,
Que, a mãos cheias, a mãe da Epopéia
Conferiu a seus vates diletos;

Às mentiras de Esopo os sagrara;
Porque foram mentira e poesia
Sempre amigas, vivendo no seio
Da mais plena e perfeita harmonia.

Mas não sou tão mimoso do Pindo,
Que alindar ouse tantas ficções;
Posso e tento somente algum brilho
Dar do Frígio às gentis invenções.

Talvez outros anais hábeis consigam
Este fito alcançar, que mirei;
Entretanto, de certa maneira,
O sistema do mestre alterei.

Até aqui, em linguagem que é nova,
Pus o lobo e o cordeiro a falar;
Inda mais — arvoredos e plantas
Fiz em seres parlantes mudar.

Quem não vê nisto tudo magia?
"Grande coisa (dirão os censores)
Numas seis narrações de crianças,
Esgotastes da forma os primores!"

— "Quereis contos de autêntica origem,
E de estilo grandiloquo e sério?
Vou, de pronto, exigentes censores,
Sujeitá-los ao vosso critério..."

Lassos os Gregos de lutar dez anos
Contra as velhas, ilíacas muralhas,
Ferem assaltos mil e cem batalhas,
Sem alcançar vitória dos Troianos.
Um cavalo de pau, que se dizia
De Palas artificio e invento novo,
Os chefes principais do argivo povo

Em seus enormes flancos recebia.
Diomedes prudente, Ajax feroso,
O sábio Ulisses, esquadões a rodo,
Leva em si o colosso monstruoso,
Que deve Tróia destruir de todo.
Nem poupam numes do furor tremendo.
O engenhoso, inaudito estratagema
Paga do construtor fadiga extrema..."
"— Basta! (Vai um dali me interrompendo)
Que período longo! Estou cansado!
Esse grande cavalo de madeira,
Tanto herói, tanta gente assim guerreira,
É tema tedioso e repisado.
Antes o canto do raposo arteiro,
Que do estólido corvo a voz exalta.
Demais — é vosso tom muito altaneiro!
Mudai de solfa; assunto não vos falta".

Desço de tom. Eis um tema
Que, há pouco, me não lembrava:
"Amarílde ciumenta
Em seu Alcino pensava;

Julga ter por testemunhas
Somente o cão e os carneiros.
Tireis, que a vira de longe,
Metendo-se entre os salgueiros,

Ouve a pastora, que às brisas
Atira o terno descante,
Pedindo-lhes vão levá-lo
À seu dedicado amante..."

— "Vede essa quadra (diria
Um crítico impertinente):
Meti-a outra vez na forja,
Pois não tem rima cadente".

— "Duro censor! Não te calas?
Não queres que finde o conto?
Agradar meticolosos
É bem delicado ponto".

Os que têm gosto difícil
Em tudo encontram defeitos;
Nada lhes toa. Infelizes!
Nunca vivem satisfeitos!

O conselho dos ratos

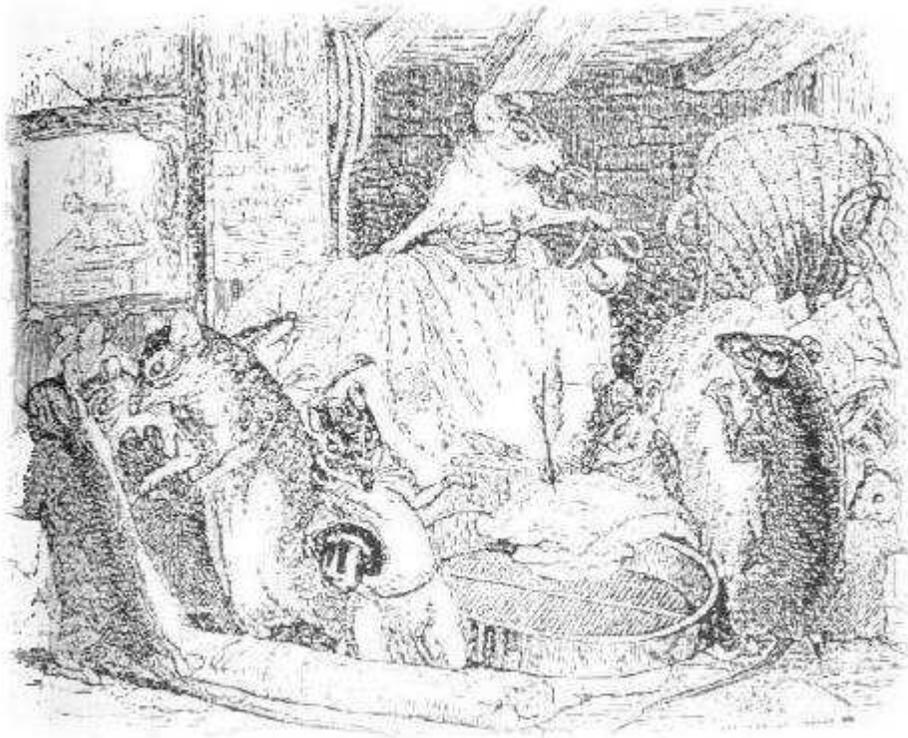
Curvo Semedo (Trad.)

Havia um gato maltês,
Honra e flor dos outros gatos;
Rodilardo era o seu nome.
Sua alcunha — Esgana-ratos.

As ratazanas mais feras
Apenas o percebiam,
Mesmo lá dentro das tocas
Com susto dele tremiam;

Que amortalhava nas unhas
Inda o rato mais muchucho,
Tendo para o sepultar
Um cemitério no bucho.

Passava entre aqueles pobres,
De quem ia dando cabo,
Não por um gato maltês.
Sim por um vivo diabo.



Mas janeiro ao nosso herói
Já dor de dentes causava,
E ele de telhas acima
O remédio lhe buscava.

Dona Gata Tartaruga,
De amor versada nas lides,
Era só por quem na roca
Fiava este novo Alcides.

Em tanto o deão dos ratos,
Achando léu ajuntou
Num canto do estrago o resto,
E ansioso assim lhe falou:

"Enquanto o permite a noite.
Cumpre, irmãos meus, que vejamos

Se à nossa comum desgraça
Algum remédio encontramos.

Rodilardo é um verdugo
Em urdir nossa desgraça;
Se não se lhe obstar, veremos
Finda em breve a nossa raça.

Creio que evitar-se pode
Este fatal prejuízo:
Mas cumpre que do agressor
Se prenda ao pescoço um guizo.

Bem que ande com pés de lã.
Quando o cascavel tinir,
Lá onde quer que estivermos
Teremos léu de fugir".

Foi geralmente aprovado
Voto de tanta prudência;
Mas era a dúvida achar
Quem Fizesse a diligência.

"Vamos saber qual de vós,
Disse outra vez o deão.
Se atreve a dar ao proposto
A devida execução."

— Eu não vou lá, disse aquele;
— Menos eu, outro dizia;
— Nem que me cobrissem de ouro,
Respondeu outro, eu lá ia!

— Pois então quem há de ser?
Disse o severo deão;
Mas todos à boca cheia
Disseram: "Eu não, eu não!"

Tornou-se em nada o congresso;
Que o aperto às vezes é tal,
Que o remédio que se encontra
Inda é pior do que o mal.

Assim mil coisas que assentam
Numa assembléia, ou conselho;
Mas vê-se na execução
Que tem dente de coelho.

O lobo pleiteando contra o raposo perante o macaco

Curvo Semedo (Trad.)

Queixou-se uma vez o lobo
De que se via roubado,
E um mau vizinho raposo
Foi deste roubo acusado.

Perante o mono foi logo
O réu pelo autor levado,
E ali se expôs a querela
Sem escrivão, nem letrado.

"À porta da minha fuma.
Dizia o lobo enraivado.
Pegadas deste gatuno
Tenho na terra observado."



Dizia o réu em defesa:
"Tu, que és ladrão refinado!
O que, se vives de roubos.
Podia eu ter-te furtado?"

— Furtaste! — Mentas! — Não minto!
Questões, gritos, muito enfado.
Já do severo juiz
Tinham a testa azoado.

Nunca Têmis vira um pleito
Tão dúbio, tão intrincado!
Nem que pelos litigantes
Fosse tão bem manejado.

Mas da malícia dos dois
Instruído o magistrado,

Lhes disse: "Há tempo que estou
De quem vós sois informado:

Portanto, em custas em dobro
Seja um e outro multado,
E tanto o réu como o autor,
Por três anos degredado".

Dando por paus e por pedras
O mono tinha assentado,
Que sempre acerta o juiz,
Quando condena um malvado.

O leão e o mosquito

Filinto Elísio (Trad.)

"Vai-te, excremento do Orbe, vil inseto!"

(Ao mosquito dizia o leão um dia)

Quando, clamando guerra,

Respondia o mosquito:

— Cuidas que tenho susto, ou faço caso,

De que rei te intitules? Mais potente

É um rei, que tu não és, e eu dou-lhe o amanhã,

Que me dá na vontade. — Assim falando,

Trombeta de si mesmo, e seu herói,

Toca a investir, e pondo-se de largo,

Lança as linhas, e atira-se ao pescoço

Do leão, que enlouquece,

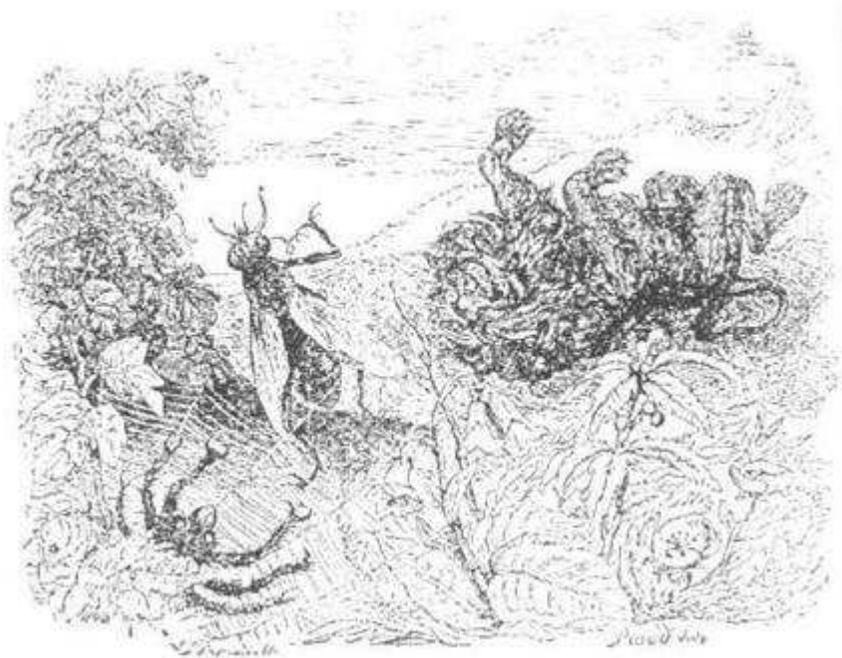
Que espuma, e que nos olhos relampeja:

Ruge horrendo, e pavor em roda infunde

Tão rijo, que estremece, e que se esconde

Toda a gente. — E era obra dum mosquito

Tão insólito susto:



Atormenta-o essa esquirola de mosca,
Que ora helfas lhe pica, ora o costado,
Ora lhe entra nas ventas. —
Então lhe sobe ao galarim a sanha,
Então triunfa, e ri do seu contrário.
O invencível, de ver no irado busto,
Que dentes, garras, em lavá-lo em sangue
Seu dever desempenham.
O costado do leão se esfolia, e rasga,
Dá num, dá noutro quadril com a cauda estalos.
Fere a mais não poder, com o açoite os ares. —
Desse extremo furor, que o cansa, e quebra.
Fica prostrado e torvo. —
Eis que o mosquito ali blasona ovante;
Qual a investir tocou, vitórias toca,
Pelo Orbe as assoalha,
Pavoneando gira. — Mas no giro
Certa aranha, que estava de emboscada,
De sobressalto o colhe,
E lhe chupa a ufanía.

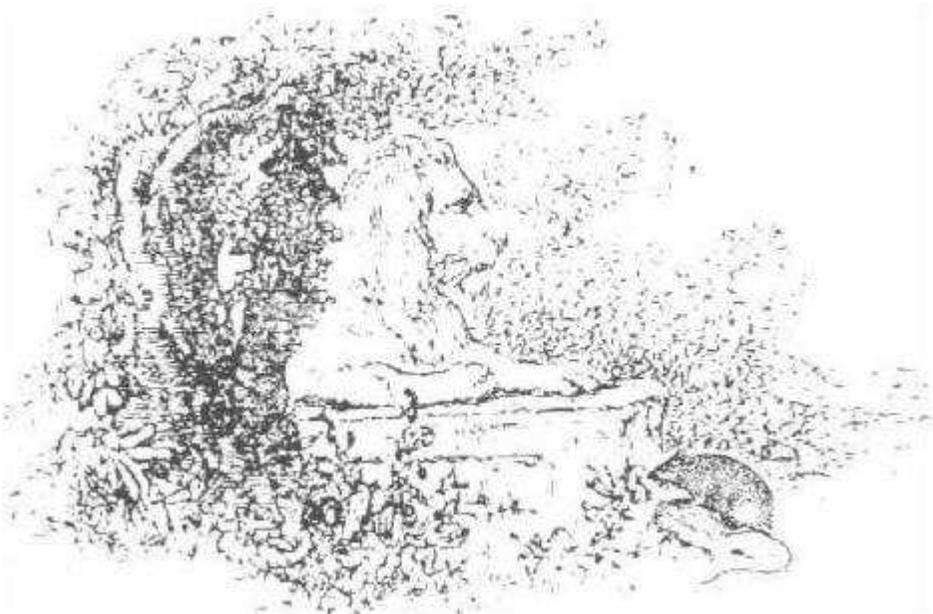
Doutrinas serviçais há nesta fábula.
Eis uma: Que o que mais entre inimigos
Devemos de temer, são muitas vezes
Os mais pequenos deles.
Outra é: Que alguém escapa aos perigos,
Que em menor lance acaba.

O leão e o rato

Curvo Semedo (Trad.)

Saiu da toca aturdido
Daninho pequeno rato,
E foi cair insensato
Entre as garras de um leão.

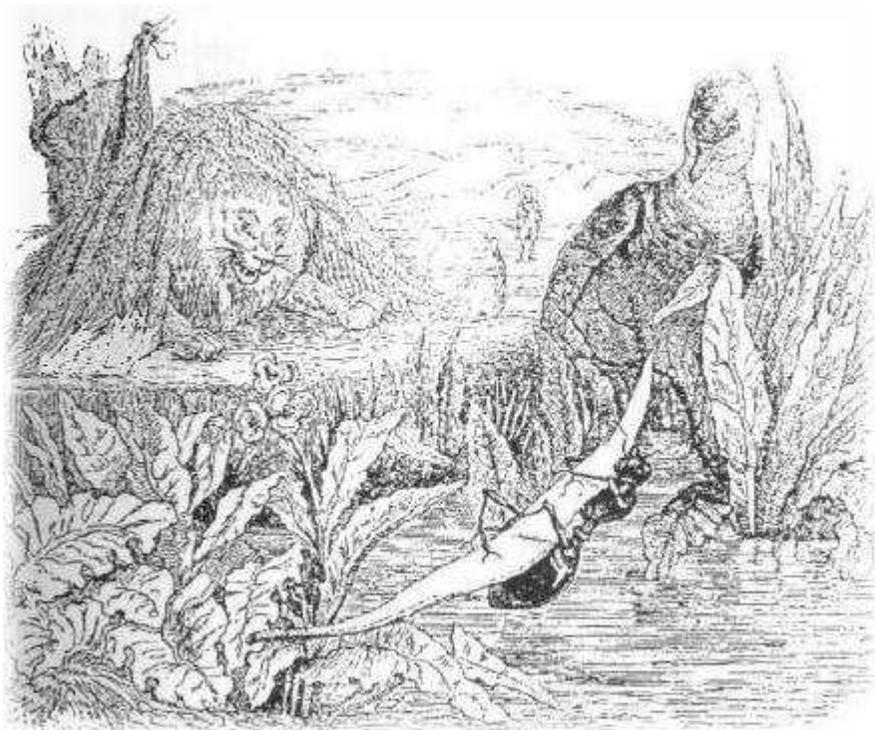
Eis o monarca das feras
Lhe concedeu liberdade,
Ou por ter dele piedade.
Ou por não ter fome então.



Mas essa beneficência
Foi bem paga, e quem diria
Que o rei das feras teria
De um vil rato precisão!
Pois que uma vez indo entrando
Por uma selva frondosa,
Caiu em rede enganosa
Sem conhecer a traição.

Rugidos, esforços, tudo
Balda sem poder fugir-lhe:
Mas vem o rato acudir-lhe
E entra a roer-lhe a prisão.
Rompe com seus finos dentes
Primeira e segunda malha;
E tanto depois trabalha,
Que as mais também rotas são.

O seu benfeitor liberta,
Uma dívida pagando,
E assim à gente ensinando
De ser grata à obrigação.
Também mostra aos insofridos,
Que o trabalho com paciência
Faz mais que a força, a imprudência
Dos que em fúria sempre estão.



A pomba e a formiga

Curvo Semedo (Trad.)

Enquanto a sede uma pomba
Em clara fonte mitiga,
Vê por um triste desastre
Cair n'água uma formiga.

Naquele vasto oceano
A pobre luta e braceja,
E vir à margem da fonte
Inutilmente deseja.

A pomba, por ter dó dela,
N'água uma ervinha lança;
Neste vasto promontório

A triste salvar-se alcança.

Na terra a põe uma aragem;
E livre do precipício,
Acha logo ocasião
De pagar o benefício:

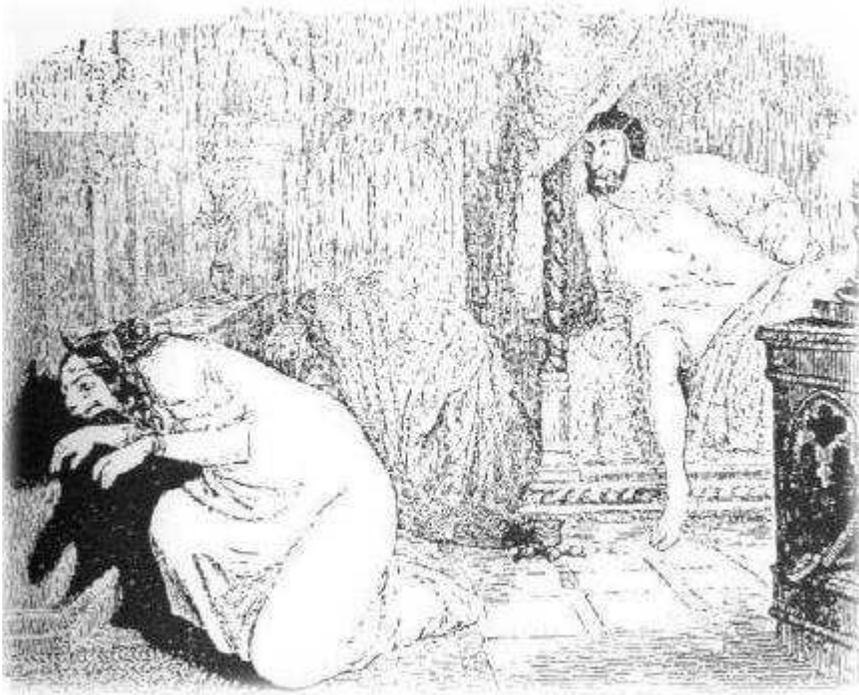
Que vê atrás de um valado,
já fazendo à pomba festa,
Um descalço caçador
Que dura farpa lhe assesta.

Supondo-a já na panela,
Diz: "Hei de te hoje cear!"
Mas nisto a formiga astuta
Lhe morde num calcanhar.

Sucumbe à dor, torce o corpo,
Erra o tiro, a pomba foge;
Diz-lhe a formiga: "Coitado!"
Foi-se embora a ceia de hoje!"

De boca aberta ficando,
Conhece o pobre glutão
Que só devemos contar
Com o que temos na mão.

E posto enfim que haja ingratos,
Notar devemos também
Que as mais das vezes no mundo
Não se perde o fazer bem.



A gata metamorfoseada em mulher

Barão de Paranapiacaba (Trad.)

A uma gata que tinha, um tal pascácio
Com paixão adorava.
Era tão meiga, delicada e bela!
E tão doce miava!

Doido, mais doido que os que estão no hospício,
O nosso namorado,
Com preces, choro, encantos, sortilégios,
Logrou dobrar o fado.

Numa bela manhã nossa gatinha
Em mulher se mudou;
E o seu adorador, no mesmo dia,
Por esposa a tomou.

Doido de amor, qual fora de amizade,
O hipocôndrico esposo
julga a mulher — das perfeições da Terra
Santo ideal formoso.

Enche-a de adulações, cobre-se de mimos;
E nem longes sequer
Lhe vê de gata; ilude-se, julgando-a
Toda e em tudo mulher.

Uns ratinhos, porém, roendo a esteira,
Vieram perturbá-los.
Presto a moça levanta-se do leito;
Mas não pôde apanhá-los.

Tornam os ratos a arranhar a esteira;
E a noiva, de gatinhas,
Agarra, desta vez, os tais murganhos
Com dentes e mãozinhas.

Em forma de mulher os pobres ratos
Não na podem fugir,
É deles sorte à gata transformada
De incentivo servir.

Este caso o poder da natureza
Nos demonstra de sobra;
Passado certo tempo o vaso embebe,
O pano toma a dobra.

Em vão do sestro e propensão que a levam
Quereis desavezá-la;
Por mais que trabalheis, zomba de tudo;
Não podeis reformá-la.

Nem à força de rilha, ou de forcados,
Mudará de feição;

Nem lograreis o impulso dominar-lhe,
Empunhando um bastão.

Fechai-lhe a porta, como se expelísseis
Figadal inimigo;
Há de voltar a rápido galope
Ou forçar o postigo.



L I V R O III

O moleiro, o filho e o burro

Barão de Paranapiacaba (Trad.)

Sendo a invenção das artes
Direito de morgado,
Foi na vetusta Grécia
O apólogo inventado.

Não se lhe pode a messe
De modo tal ceifar,
Que aos pósteros não reste
Muito que respigar.

Na terra fabulosa
Há regiões desertas,
Onde os poetas fazem
Contínuas descobertas.

Um caso ouvi, que mostra
Engenho de invenção;
Dele a Racan fizera
Malherbe a narração.



Esses rivais de Horácio,
De sua lira herdeiros,
Discípulos de Apolo
E mestres verdadeiros.

A sós, sem testemunhas.
Num sítio se encontraram,
E assim idéias penas,
Um de outro confiaram.

RACAN

"Ó vós, que tantos marcos
Passastes da existência,
Que tendes deste mundo

Tão longa experiência:

Dizei-me que carreira
Eu devo preferir:
Desejo seriamente
Pensar no meu porvir.

Sou vosso conhecido;
Sabeis quem são meus pais,
Se tenho algum talento,
Juízo e cabedais.

Convém que na província
Morada eu vá fixar?
Cargo exercer na corte,
Ou na milícia entrar?

Mescla de amargo e doce
Tem quanto o mundo encerra;
Há no himeneu seus sustos,
Seu júbilo há na guerra.

Se o gosto meu seguisse
Soubera o que escolher.
Mas devo à corte, ao povo
E aos meus satisfazer".

MALHERBE

"Querer que de seus atos
O mundo se contente?!
Antes de responder-vos
Ouvi-me atentamente:

Li algures que um velho moleiro
E seu filho — taludo *muchacho* —
Certo dia na feira vizinha
Tinham ido vender um seu macho.

Por poupá-lo e por ele bom preço
Alcançar — eis o meio que empregam:
Reunindo-lhe as patas, o ligam,
E num pau, como a lustre, o carregam.

O primeiro que os viu na passagem,
Irrompeu em tremenda risota:
"Oh! Meu Deus! Que visíveis pascácios!
Que basbaques! Que gente idiota!

Onde vai este par de galhetas
Pôr em cena tão parvo entremez?
Nesse grupo o que chamam de burro
Não parece o mais burro dos três".

O Moleiro, que ouvira a chacota,
Conhecendo-se réu de sandice,
Fez que o bruto, liberto das cordas,
Por seus cascos jornada seguisse.

Nosso burro, a quem mais aprazia
Viajar daquela outra maneira,
Ornejou séria queixa a seu dono,
Que foi surdo à asinal choradeira.

Sobe o moço ao costado do macho,
E o moleiro no encalço lhes vai;
Eis um grupo de três mercadores
De repente, ao encontro lhes sai.

Um dos tais, a esbofar-se, gritava
"Isto é carro adiante de bois!
Pois o moço é que vai repimpado.
Indo à pata o mais velho dos dois!

Tens lacaio de barbas de neve!
Eia, desce, rapaz, sem demora!

Deixa o velho montar na alimária;
É servir-lhe de pajem agora".

— Meus senhores, eu vou contentar-vos —
(Dá-se pressa em dizer o velhote).
Desce o filho e cavalga o burrico,
Que despeja o caminho, de trote.

Encontraram parado na estrada
De três moças ulhento farrancho;
Uma diz: "A criança a estrompar-se.
E o barbaças montado, tão ancho!

Bamboleia-se e faz-se bonito,
A pimpar, qual um bispo, o patola!
Quem assim à galhofa se presta
Tem decerto pancada na bola".

MOLEIRO

"Raparigas, deixai-vos de asneiras;
Eu já velho, a chibar de bonito!
Ide embora; não devo aturar-vos.
Nem vos quero servir de palito".

De dar troco a dichotes já farto,
Põe o velho o rapaz à garupa;

Mas debalde; que a pouca distância,
Nova troça com ele se ocupa.

TROÇA

"Esta gente perdeu o miolo!
Pobre burro! Tem sobra de lastro!
Se o perseguem de espora e azorrague,
Dão-lhe cabo do frágil canastro.

Vão causar a este velho servente
Com tal carga mortal pulmoeira.
Dentro em pouco ele estica os jarretes;
Só a pele lhe vendem na feira".

MOLEIRO

"Pretender contentar toda a gente
E decerto chapada toleima;
Mas tentemos o extremo recurso;
Se falhar, não persisto na teima".

Descem ambos. Qual bispo em viagem
Grave marcha o burrico adiante;
Eis, de lado: "Ó que cena gaiata!
(Zombeteiro lhes grita um tunante);

Pois então anda o burro a seu gosto
E o moleiro, pedestre, a escoltá-lo?
Qual se deve cansar? Burro, ou dono?
É melhor nuns bentinhos guardá-lo.

Quem antes rustir os sapatos
E o brutinho poupar. Nicolau,
(Diz a copla) se vai ver Joana,
É montado em seu velho quartau.
Ó que trio de brutos sendeiros!"

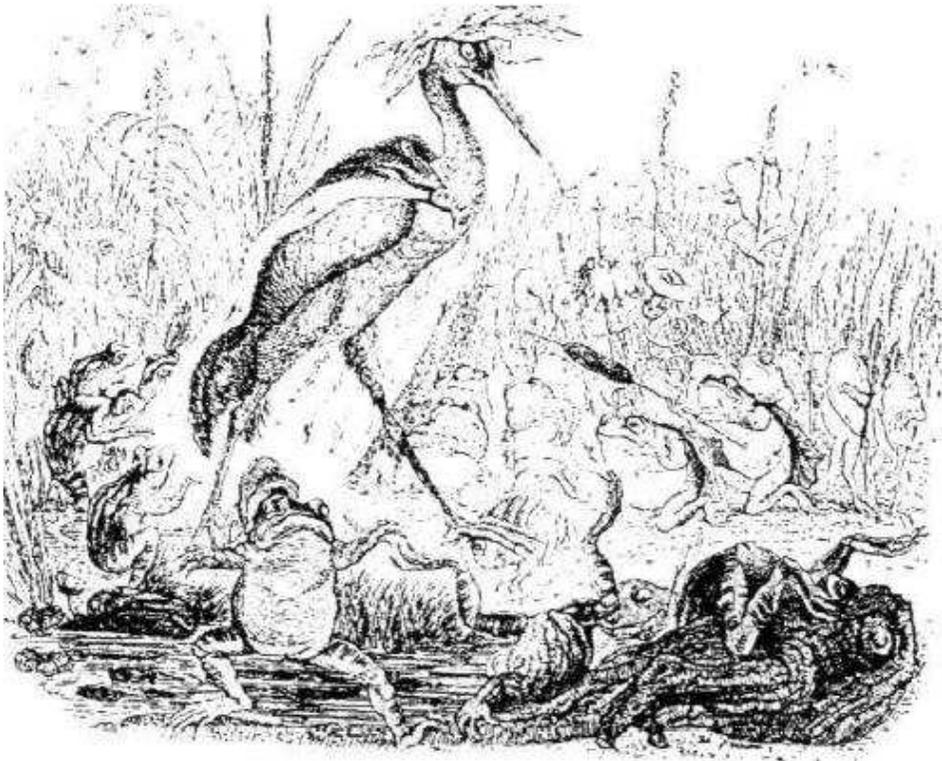
MOLEIRO

"Razão tendes, sou burro; estou vendo;
Mas foi bom; pois, de agora em diante,
Só por mim dirigir-me pretendo.

Quer a gente me louve, ou censure,
Quer de minhas ações nada diga,
Hei de sempre entregá-la ao desprezo,
Sem que nunca afligir-me consiga".

Quanto a vós, o Racan, convencei-vos:
Quer sigais as fileiras de Marte,
Quer do príncipe entreis ao serviço.
Quer do Amor arvoreis o estandarte;

Ide, vinde, ou caseis na província;
Alto emprego ou governo ocupeis;
Hão de sempre cortar-vos na pele
Sem que a boca do mundo tapeis.



As rãs pedindo rei

Francisco Palha (Trad.)

Viviam certas rãs num charco imundo
Em república plena. Era um pagode!

Tal qual uns democratas, que há no mundo,
Julgando que a república, no fundo,
Outra coisa não é senão a gente
Fazer o que bem quer e quanto pode,
A rã tripudiava impunemente.
Todos os dias era certo o choque
Entre o batráquio forte, intransigente,
E parte da nação, já descontente,

Largou-lhe lá do céu um rei pacato,
De suma gravidade,
Das alturas tombando, o rei na queda
Fez tal espalhafato,
Que as fêmeas em pavor, os machos fulos,
Aquelas saltitando, estes aos pulos,
Como é uso das rãs nas grandes crises,
Cada qual a gritar: arreda!, arreda!
Entre os juncais, no lodo, nas raízes
Dos salgueiros se enreda.

Por longo tempo em seus esconderijos
Das rãs esteve homiziado o povo,
Transformaram-se em medo os regozijos
Da antiga bacanal. Gigante novo
Cuidavam ser o rei que o céu lhes dera.
Não ousavam sequer sair da toca:
Pois, não raro, os instintos maus de fera
Por imprudente a presa é que os provoca.
Já nessas muito a pêlo vinha
Dizer: *Cautela e caldo de galinha...*

O rei era um pedaço de madeira.
Nem mais, nem menos. — Numa bela tarde
Uma das rãs, por ser menos covarde
Ou mais bisbilhoteira,
Tirou-se de cuidados, manso e manso
Na flor das águas surge, e, às guinadinhas,
Com muito tento e jeito,

Do cepo se aproxima.
Após ela vem outra... e outra... aos centos!
Vendo que o rei não sai do seu ripanço,
Rodeiam-no; coaxam: *Salta acima...*
E coaxado e feito!...

O rei, temido outrora, às picuinhas
Dessa chusma vilã se vê sujeito.

Em rápido momento
Sobre ele a malta audaz se encarapita,
E faz do bom monarca um bom assento.
Nem chus nem bus! Galado que nem porta,
Qual fora noutros tempos!...

Isto irrita.
Rompem as rãs então numa algazarra
Que o pântano atordoia,
Os fios d'alma a quem as ouve corta:
"Leva daqui, ó Jove, esta almanjarra
Que nem mexe, nem pune, nem perdoa,
E mais parece uma alimária morta.
Cabide duma croa.
Em vez de nosso rei — nossa vergonha!"

Vai Júpiter que faz? Uma cegonha
Das muitas que possui logo destaca,
E manda que das rãs ponha e disponha,
Numa das mãos o queijo e noutra a faca.
Ora a cegonha, apenas em seu trono
Dona das rãs se vê e sem ter dono,
Diz consigo:

"Nasci dentro de um fole!
Quem tira agora o papo da miséria
Sempre sou eu!..."

Passeia toda séria,
Perna aqui... perna além, num andar mole
E quanta rã apanha quanta engole.
Geral consternação o charco enluta,
Renovam-se as lamúrias:

Que o rei é doido e tem às vezes fúrias;
Que, doido ou não, o povo trata à bruta;
Doutro rei que as não coma mais depressa
Por fim, que faça o deus formal promessa!

Mas Júpiter tonante

Destarte lhes responde:

"Inútil prece!

Dei-vos um rei tranqüilo, inofensivo,
Que nem sempre se tem, nem se merece:

Um rei, que era um regalo!

Foi vê-lo e pô-lo pela barra fora!

Dei-vos segundo: um gênio um pouco vivo...

Meninas, agüentá-lo!

Era bom o primeiro e foi-se embora.

É mau este de agora.

Contentai-vos com ele, ó meus indezes,

Que venha quem vier... pior mil vezes!"

O raposo e o bode

Barão de Paranapiacaba (Trad.)

O capitão raposo
Ia caminho ao lado
De seu amigo bode,
D'alta armação dotado.

Este não via um palmo
Diante do nariz;
Era formado aquele;
Nas burlas mais sutis.

Ungidos pela sede,
Lograram penetrar



Num poço, cujas águas
Sorveram a fartar.

Disse o raposo ao bode:
"O que fazer agora?
Beber não foi difícil;
É sim vir para fora.

As tuas mãos e pontas
Ergue, compadre, acima,
E o corpo sobre o muro

Solidamente arrima.

Subindo por teu lombo,
Trepando na armação,
Alcançarei a borda,
A fim de dar-te a mão."

BODE

"Por minhas barbas, digo:
Podes ficar ufano!
Jamais eu descobrira
Tão engenhoso plano."

Safando-se o raposo,
O bode lá deixou;
E sobre a paciência
Este sermão pregou:

RAPOSO

"Se Deus te dera tino
Em dose, à barba igual,
De certo não caíras
Em arriosca tal.

O caso é que estou fora!
E pois, compadre, adeus!
Livra-te desse apuro,
Dobrando esforços teus.

Veda negócio urgente
Que eu possa te valer."

Quem entra numa empresa
O fim deve prever.

A gota e a aranha

Barão de Paranapiacaba (Trad.)

Quando a aranha e a doença da gota
Rebentaram do abismo infernal,
"Sois, ó filhas, lhes disse o demônio,
Dois terríveis agentes do mal.

Cumpre agora escolher os lugares,
Para vossa morada talhados;
Vede aqueles humildes casebres,
E esses lindos palácios dourados;

Decidi-vos por uns, ou por outros,
Pois que neles deveis habitar;
E, na falta de acordo, é preciso
Pela sorte essa escolha fixar."

"Vá morar quem quiser em choupanas!"
(Diz a aranha com ar de desprezo).
Mas a gota que vira em palácio
Uma escola hipocrática em peso;

Refletiu que entre tantos doutores
Não podia à vontade viver;
Preferiu a palhoça e no artelho
De um lapuz foi-se, a gosto, esconder.

"Creio (diz) que não fico inativa
Neste posto que a salvo escolhi,
E que a gente que segue a Esculápio
Não me obrigue a mudar daqui.



Num floreio dourado do teto
Fez a aranha segura guarida,
Trabalhando a valer, qual se houvesse
Arrendado aposento por vida.

Que engenhosa era a teia que urdira!
Quantas moscas na rede prendeu!
Mas no dia seguinte a criada
Todo aquele artefato varreu.

Surge a rede tecida de novo,
E a vassoura outra vez a arrepanha,
Compelindo a mudar de aposento

Cada dia coitada da aranha.

Tendo embalde exaurido os recursos,
Foi o inseto da gota em procura;
Encontrou-a no campo gemendo
Entre as garras de atroz desventura.

Nem a mais infeliz das aranhas
Poderá comparar-se com ela.
Racha lenha com seu hospedeiro.
Cava, sacha, revolve a coirela.

Atormente-se a gota (é provérbio)
E metade da cura teremos. —
Diz a gota "Ai, irmã! Já não posso!
Eu vos peço — de casa troquemos."

Pronta a irmã da palavra lhe pega
E a cabana investiu sem tardança;
Lá não acha vassouras que a forcem
A viver em contínua mudança.

Eis a gota, que às juntas, de um bispo
Do seu lado, frechara direito.
Ceva nele o furor, condenando-o
A não mais levantar-se do leito.

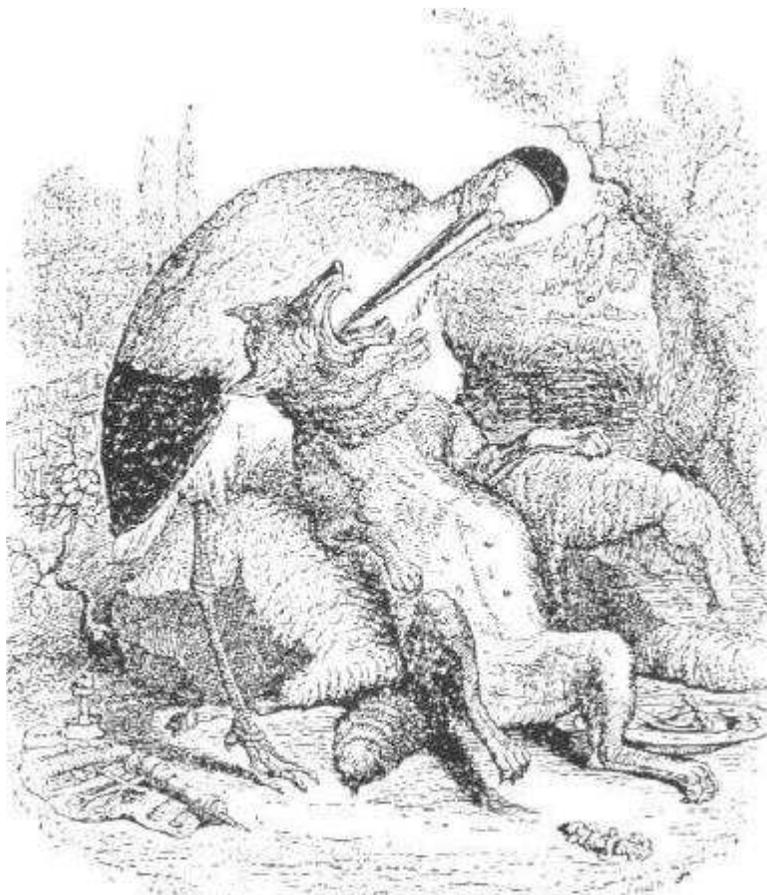
São baldadas fricções, cataplasmas;
Vai de mal a pior o doente;
Nem se pejam os tais doutoraços
De entreter a moléstia da gente.

Foi-lhes útil, portanto, o remédio;
Dessa troca vantagens colheram.
Ambas tendo conforto e agasalho
Satisfeitas da sorte viveram.

O lobo e a cegonha

Barão de Paranapiacaba (Trad.)

Vorazes comem lobos;
Nada lhes vence a gana;
Eis o que fez um deles;
Em farta comezaina.



Tão sôfrego engolira,
Sua avidez foi tanta,

Que de través lhe fica
Um osso na garganta.

Sentindo-se engasgado,
E sem poder gritar,
julgou-se na agonia
E prestes a expirar.

Uma cegonha (ó dita!)
Passa dali vizinha;
Chamada por acenos,
Vem acudi-lo asinha.

Com grande habilidade
Procede à operação;
Retira o osso — e a paga
Requer do comilão.

"A paga! (exclama o lobo)
Comadre! Estás brincando!
Pois não te deixo livre,
A vida desfrutando?"

Não me saiu dos dentes
Tua cabeça intata?
Vai-te e das minhas garras
Cuida em fugir, ingrata!"



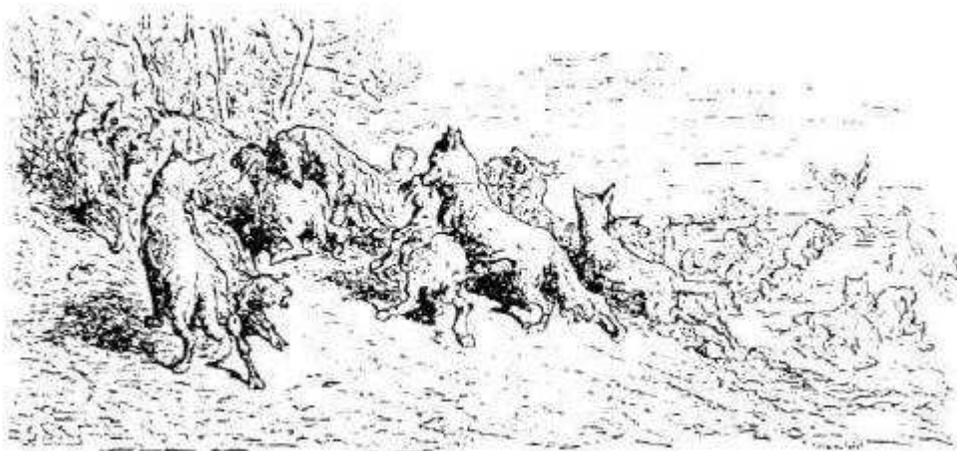
A raposa e as uvas

Bocage (Trad.)

Contam que certa raposa,
Andando muito esfaimada,
Viu roxos maduros cachos
Pendentes de alta latada.

De bom grado os trincaria,
Mas sem lhes poder chegar.
Disse: "Estão verdes, não prestam,
Só cães os podem tragar!"

Eis cai uma parra, quando
Prosseguia seu caminho,
E crendo que era algum bago,
Volta depressa o focinho.



Os lobos e as ovelhas

Couto Guerreiro (Trad.)

Os lobos e as ovelhas, que tiveram
Uma guerra entre si, tréguas fizeram:
Os lobos em reféns lhes entregavam
Os filhos; as ovelhas os cães davam.
Os lobinhos, de noite, pela falta
Dos pais, uivavam todos em voz alta:
Acudiram-lhes eles acusando
As ovelhas de um ânimo execrando;
Pois contra o que é razão e o que é direito,
Algum mal a seus filhos tinham feito:
Faltavam lá os cães que as defendessem,
Deu isto ocasião a que morressem.

Haja paz, cessem guerras tão choradas;
Mas fiquem sempre as armas e os soldados,
Que inimigos que são atraíçoados,
Tomaram ver potências desarmadas.

Não durmam, nem descansem confiadas
Em ajustes talvez mal ajustados:
Nem creiam na firmeza dos tratados,

Que os tratados às vezes são tratadas.
Só as armas os fazem valiosos,
E ter muitos soldados ali juntos
Respeitáveis a reis insidiosos;
Senão, para os quebrar há mil assuntos:
E mais tratados velhos, carunchosos.
Firmados na palavra dos defuntos.



O leão velho

Bocage (Trad.)

Decrépito o leão, terror dos bosques,
E saudoso da antiga fortaleza,
Viu-se atacado pelos outros brutos,
Que intrépidos tornou sua fraqueza.

Eis o lobo com os dentes o maltrata,

O cavalo com os pés, o boi com as pontas,
E o mísero leão, rugindo apenas,
Paciente digere estas afrontas.

Não se queixa dos fados, porém vendo
Vir o burro, animal d'ínfima sorte:
"Ah! Vil raça! — lhe diz — morrer não temo,
Mas sofrer-te uma injúria é mais que morte!"

A mulher teimosa afogada

Curvo Semedo (Trad.)

Um homem que era casado
Com mulher néscia e teimosa,
Que tinha um gênio danado,
Foi um dia
Fazer certa romaria,
Distante do povoado.

Eis que um rio caudaloso
No fim da estrada encontraram,
Que passar era forçoso.
O marido
Sonda o vau, e prevenido
Teme entrar no pego undoso.

A mulher, teimosa e má,
Lhe diz: "Entra n'água, ó fona,
Que perigo nenhum há.
— Há perigo,
Torna-lhe ele, — e não prossigo!"
E ela diz: "Pois eu vou lá!"



Nisto, mete-se imprudente
À levada impetuosa
Feita pela grossa enchente;
Então cai,
E, indo ao fundo aos urros, vai
Envolvida na corrente.

Aterrado o pobre esposo,
Vendo aquela atroz desgraça,
Inda quer salvá-la ansioso;
Que a lastima,
E vai pelo rio acima
Procurando-a cuidadoso.

Os que viram abismá-la
Vendo-o ir contra a corrente,
Dizem: "Valha-te uma bala,
Ó borracho!
Se foi pelo rio abaixo,

Lá em cima é que hás de achá-la?"

Torna-lhe ele: "Este dragão
Sempre com todos viveu
Em fera contradição,
E por má
juro que subindo irá,
Se as águas descendo estão.

Às avessas da outra gente
Andou toda a sua vida;
Mas já teimosa imprudente
Não será;
Que o gênio que o berço dá
Tira-o a tumba somente".

O gato e o rato velho

Barão de Paranapiacaba (Trad.)

Num fabulista li que um tal bichano
Rodilardo segundo,
Tomou a peito, exterminando os ratos,
Livrar deles o mundo.

No felino Alexandre os ratos viam
Átila algoz e fero;
Tremiam todos, uma légua em torno,
Desse novo Cérbero.

Arsênico, mundéus, tábuas em falso,
E toda a ratoeira



Eram, do gato a par, armas de morte,
De infantil brincadeira.

Mas, vendo o nosso herói que a grei dos ratos
Das tocas não saía,
E, por mais forte caça que lhe desse,
Nem um aparecia;

Pendura-se, ocultando as ligaduras,
Pelos pés, numa viga,

Para iludir, fingindo-se de morto,
A caterva inimiga.

Julgam os ratos justificado o biltre,
Porque a alguém arranhara,
Porque talvez furtara assado ou queijo.
Ou panelas quebrara.

Todos ajustam de lhe rir no enterro,
Em tripúdio escarninho.
Pondo no ar o nariz, a medo avançam
A ponta do focinho.

Voltam todos depois aos seus buracos;
Mas, de novo saindo,
Dão quatro passos, a sondar terreno,
Farejando, inquirindo.

Mas o melhor da festa é que o defunto,
Ressurge inopinado,
E, em pé caindo, agarra alguns que a toca
Não tinham alcançado.

"Sei outras artes mais (diz mastigando-os);
Foi velho ardil de guerra
Este que vistes. De que vale, estultos,
Esconder-vos na terra?"

Não vos hão de salvar essas cavernas
Que vos servem de abrigo.
Caireis, um por um, cá no bandulho.
Crede no que vos digo."

Cumpriu-se a predição, *Mestre Melúria*
Mais outra lhes pregou;
Branqueando em farinha, em ucha aberta
Matreiro se agachou.

Saiu-se bem da treta, pois os bichos
Que dão curtos pulinhos,
Vieram nos gadanhos do verdugo
Cair como patinhos.

Só não foi farejá-lo um rato velho,
Mitrado e mui sabido,
Versado em tricas e que num combate
Tinha o rabo perdido.

E pois, de longe, ao general dos gatos
Gritou: "Eu nessa massa
Nada vejo de bom; antes suspeito
Que encobre uma trapaça.

Para nada te serve o ser farinha;
E quando foras saco,
Não me chegara, que devemos todos
Fugir de ti, velhaco".

E disse bem. Aprovo-lhe a prudência;
Pois que a desconfiança,
No conceito da gente experiente,
E mãe da segurança.



LIVRO IV



O leão enamorado

Filinto Elísio (Trad.)

Leão de alta prosápia,
Passando por um prado,

Certa zagaia viu mui de seu gosto,
E esposa foi pedi-la.

Quisera o pai menos feroz o genro.
Bem duro lhe era o dar-lha: —
Mas também o negar-lha mal seguro;
E que inda a ser possível
Negar-lha, é de temer não venha a lume
Clandestino consórcio;
Que amava os valentões a mocetona.
De grado se encasquetam
As moças, de estofadas cabeleiras.
O pai, que não se atreve
A despedir o amante tanto às claras:
"Minha Filha é mimosa,
E vós podeis, entre esponsais carícias,
Arranhá-la com as unhas:
Consenti um cerceio em cada garra,
E em cada dente a lima.
Porque os beijos lhe sejam menos ásperos,
E a vós mais voluptuosos.
Que, sem tais sustos, há de a minha filha
Prestar mais meiga a boca".
Consente o leão: desmantelada a praça,
Falto de unhas e dentes.
Laçam-lhe os cães, vai-se o leão. Sem unhas
Como há de resistir-lhes?
Quando, Amor, nos agarras, bem podemos
Dizer: "Adeus, prudência!"



A mosca e a formiga

Couro Guerreiro (Trad.)

Uma mosca importuna contendia
Com a negra formiga, e lhe dizia:
"Eu ando levantada lá nos ares,
E tu por esse chão sempre a arrastares;
Em palácios estou de grande altura,
Tu debaixo da terra em cova escura:
A minha mesa é rica e delicada;
Tu róis grãos de trigo e de cevada:
Eu levo boa vida, e tu, formiga,
Andas sempre em trabalho e em fadiga".
A formiga lhe disse:

"Tu me enfadas
Com essas tuas vãs fanfarronadas.
Que te importa que eu ande cá de rastos
Com desprezo das pompas e dos fastos?
Para amparo e abrigo não há prova
De valer mais palácio do que cova.
O palácio é do rei ou da rainha,

E não teu; mas a cova é muito minha;
Eu a fiz com a minha habilidade:
Porventura tens tal capacidade?
Pára aqui. Tuas prendas afamadas
Não passam de zunir e dar picadas.
No que toca a comer, os meus bocados
Não me sabem pior que os teus guisados.
Teus lhe chamo? — os que furtas: nesta parte
Vás comigo, que eu uso da mesma arte;
Porém não vivo em ócio e em preguiça,
Como tu, lambareira, metediça;
Por isso te aborrecem e te enxotam
Com uma raiva tal, que ao chão te botam.
Fazem-me porventura esse agasalho?
Louvam-me em diligência e em trabalho:
Eu faço para inverno provimento:
Morres nele — ou por falta de alimento,
Ou por vir sobre ti algum nordeste,
Que para a tua casta é uma peste".

O jardineiro e seu senhorio

Barão de Paranapiacaba (Trad.)

Certo sujeito, curioso em plantas,
Sendo meio burguês, meio roceiro,
Tinha um lindo vergel que cultivava,
Como bom horteleiro.

Ali, por viva sebe protegidos,
Vicejavam serpol, azeda, alface
E jasmins quanto em anos da filhinha
Para um ramo bastasse.



Uma lebre turbou-lhe a paz serena.
"O maldito animal (diz o campônio
Ao senhorio seu) zomba dos laços;
Tem no corpo o demônio.

Todos os dias, de manhã, de tarde,
Vindo a ração buscar, corre sem medo
Entre pedras e paus; até parece
Negócio de bruxedo".

"Bruxedo o quê? Diabo que ela fosse
(Responde o senhorio) hei de apanhá-la.
Por mais ronha que tenha, o meu Netuno
Há de desencová-la.

Juro, bom homem, que vos livro dela".
"— Quando, meu amo?" — "De amanhã não passa."
E na manhã seguinte ele e seu rancho
Vêm à lebre dar caça.

"— Vamos nós almoçar? Tem frangos tenros?
Anda cá! Não te escondas, rapariga;
Quando a casamos? Quando temos genro,
Meu ginja дума figa?

Terás de desatar cordões à bolsa
Para a noiva dotar". Assim falando,
Senta a menina ao lado e vai com ela
Liberdade tomando.

Numa das mãos lhe pega. apalpa os braços;
Ao lenço do pescoço ergue uma ponta.
Põe-lhe a donzela cobro à demasia,
Que a pudicícia afronta.

Desconfiando o pai, estranha os modos
E intenções do senhor. Grande alvoroço
Vai na cozinha, enquanto se prepara
O regalado almoço.

"— Que bons presuntos! Como estão fresquinhos!"
"— Às ordens do patrão: queira aceitá-los."
"— Pois não, e com prazer. Podes, à tarde,
Ao castelo mandá-los."

Vão de tudo comendo à tripa forra!
Ele e toda a caterva de criados,
Cães e cavalos, que roazes dentes
Trazem sempre aguçados.

Manda sem cerimônia em casa alheia,
Qual se fosse a sua; estraga o vinho;

Diz graçolas à moça, já vexada
Do suspeito carinho.

Tecem-se em confusão os caçadores,
Depois do almoço; cada qual se apresta.
Clangor de trompas — do infeliz rendeiro
Os tímpanos molesta.

Pobre vergel! Que assolação tremenda!
Adeus, verdura e flores de cachopa!
Adeus, canteiro! Nem de salsa um ramo
Para o caldo se topa!

Buscara a lebre por seguro asilo
De ampla couve tronchuda o pavilhão.
Desaloja-a dali; corre após ela
Netuno — o fino cão.

O veloz animal sai por um furo;
Furo? Que digo? — Um vão que se escancara;
— Enorme, larga brecha, que o fidalgo
Na cerca abrir mandara.

Era desar (pensava o senhorio)
Que o nobre castelão e a comitiva
Não pudessem dali partir montados,
Rasgando a sebe viva.

Dizia, lá consigo, o bom rendeiro:
"São farfalhas de príncipe garboso".
Leva-lhe o vento a voz; sai pela brecha
O séquito ostentoso.

E a malta do fidalgo, em poucas horas,
Fizera no vergel mais bastos danos
Do que todas as lebres da província
Fariam em cem anos.

Senhores de pequenos principados!
Liquidai entre vós qualquer pendência.
Buscar os reis para vos pôr de acordo
É suprema demência.

Não tolereis jamais que um rei se meta
Como amigo e aliado em vossas guerras;
Não o deixeis também, nem por visita,
Entrar em vossas terras.

O burro e o cãozinho

Barão de Paranapiacaba (Trad.)

Nunca forceis o talento,
Que perdereis toda a graça:
Jamais terá fino trato
Um lapuz, faça o que faça.

Poucos, do céu escolhidos,
E a quem Deus quis premiar,
Tiveram, ao vir ao mundo,
O talismã de agradar.

Vede a prova deste acerto
Do burro no proceder,
Quando quis, pra ser amável,
Ao dono, agrado fazer.

"Pois então (dizia o burro,
Em solilóquio secreto)
Há de este cão, por mimoso,
Ser dos patrões o diletto?



De bom leito e farta mesa
Com eles goza as delícias;
Enquanto a pau me desancam
Ele recebe carícias!

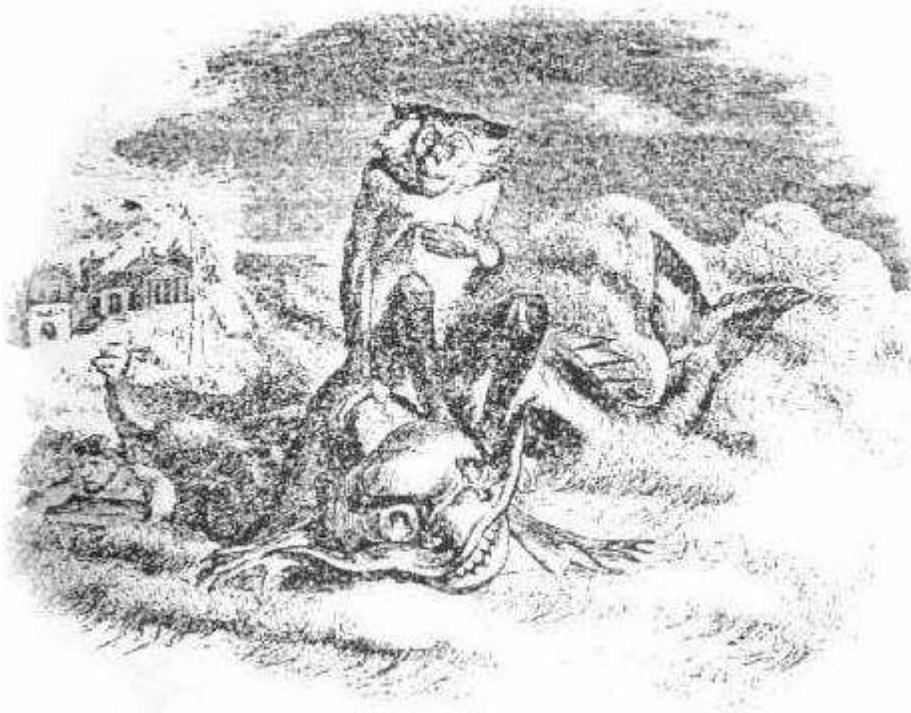
Que faz ele? Estende a pata,
E, logo após, é beijado.
Se eu não fizer outro tanto,
Hei de ser bem desasado".

Encasquetada esta idéia,
E vendo o dono contente,
Ei-lo, vai para seu lado,
Andando pesadamente.

Levanta ao rosto do dono
Casco, já gasto e asqueroso,
Juntando ao ato o solfejo
Do seu canto gracioso.

DONO

"Que afago e que melodia!
Arrocho nele, Martim!"
Muda o tom com a sova o burro
E a farsa termina assim.



O macaco e o golfinho

Couto Guerreiro (Trad.)

Costumam os Malteses nos navios
Divertir-se com cães e com bugios:
Afundou-se um navio desta gente
Junto a Sunio, que é cabo pertencente
À terra Ática: andava tudo a nado,
E um bugio também quase afogado.

Um golfinho, que o viu em tanto dano,
Parecendo-lhe ser vivente humano,
As costas lhe oferece; vem por cima
Das ondas, com o fim de que o redima.

Defronte do Pireu, que é estaleiro

De Atenas, perguntou ao companheiro
Se era desta cidade. — Respondia
Que sim, e da mais alta fidalguia.
"Conheces o Pireu?" lhe perguntava.
O macaco, cuidando que falava
De algum homem, dizia: "É um amigo,
Que estreita confiança tem comigo".

O golfinho ficou tão iracundo
Da mentira, que o pôs logo no fundo.
O golfinho foi muito rigoroso
Em dar ao mentiroso tão mau trato;
Porém todo o sujeito que é sensato,
Deve apartar de si o mentiroso.
O tratá-lo sempre é muito danoso;
Por isso haja cautela, haja recato;
Porque quando mo faz muito barato,
Ou me deixa enganado, ou enganoso,
Se me deixa enganado, fico tido
Por néscio; e de tal modo enganaria,
Que eu fique, além de pobre, escarnecido:

Se, pegando-me a sua epidemia,
Me deixou enganoso, estou perdido;
Que de um que mente bem ninguém se fia.



O gaio que se revestiu das penas do pavão

Barão de Paranapiacaba (Trad.)

De certo pavão na muda
Um gaio as penas tomou,
E a roupagem cambiante
Ao próprio corpo adaptou.

Foi, depois, fazer figura,

A pimpar entre os pavões.
Conhecido — ei-lo enxotado,
A bicadas e empuxões.

Foge, entre vaia estrondosa,
Corrido, ludibriado;
Leva o corpo em carne viva,
Pelos pavões depenado.

Buscando asilo e refúgio
Entre os gaios, sem iguais,
Foi repelido a assobios
E gargalhadas gerais.

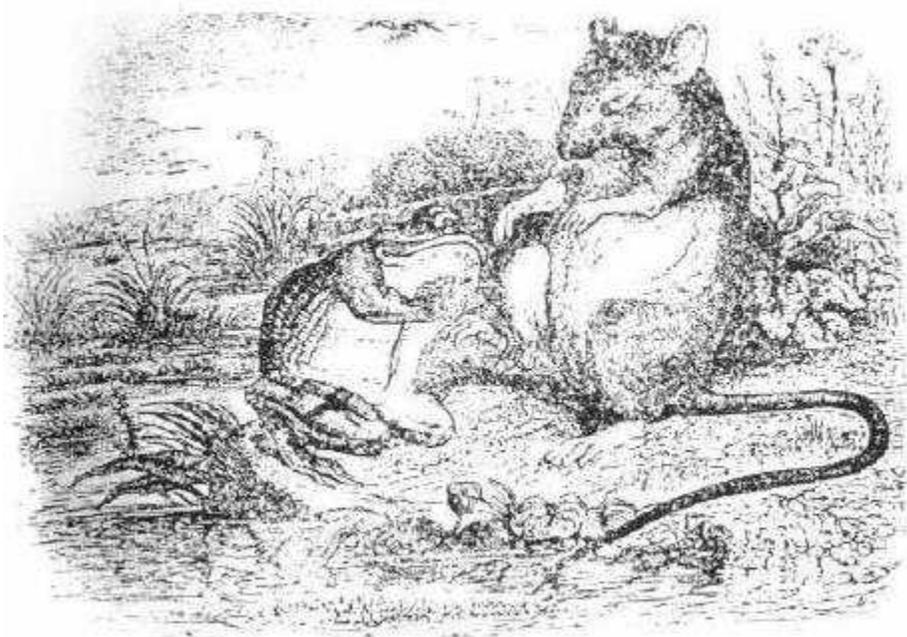
Gaios bípedes conheço
Que não são imaginários;
Usurpam alheias penas
E se chamam *plagiários*.

Mas, chítton! Não é meu fito
Apontar os impostores!
Entre os pavões são notórios
Os gaios usurpadores.

A rã e o rato

Couto Guerreiro (Trad.)

Trazendo viva guerra antigamente
Rãs e ratos, houve uma tão valente,
Que tomou em um choque prisioneiro
Um rato, que era entre eles cavalheiro.
Pedi-lhe este licença em certo dia,



Para acudir a um pleito que trazia:
Concedeu-lha. Era o rato precisado
A passar um profundo rio a nado:
Deu indício de medo; a rã lhe disse
Que se prendesse a ela e que a seguisse;
Que como no nadar tinha mais arte,
O poria, sem risco, da outra parte.

Aceitou, e de junca fabricaram
Uma boa tamiça a que se ataram;
Porém a falsa rã, que a má vontade
Encobria em finezas de amizade,
Desejava afogá-lo; e lá no meio
Puxava para baixo, e com receio
Puxava para cima o triste rato,
E faziam um grande espalhafato.

Passava acaso uma ave de rapina;
E vendo aquela bulha, o vôo inclina;
Pilha ambos pelo atilho; e a tal contenda
Acabou em fazer deles merenda
Ninguém creia em finezas de inimigo,
Porque o ódio se oculta e não se entende;

Para haver de meter-nos em perigo.

Sabemos que não fica sem castigo;
Porque às vezes no laço em que pretende
Ofender-me, também a si ofende:

Se padecesse só o embusteiro,
Menos mal; porém vou com ele atado,
E posso no penar ser o primeiro;

Por isso nada fico aproveitado,
E talvez aproveite algum terceiro
À custa do inocente e do culpado.



O cavalo que se quis vingar do veado

Barão de Paranapiacaba (Trad.)

Antigamente os cavalos
Para nós não trabalhavam.
Quando os homens primitivos
De glandes se contentavam,
O burro, o cavalo, a mula
Livres na selva erravam.

Não havia, como agora,

Arado, albardas, selins,
Cadeirinhas, carruagens,
Arnêses, grevas, fains
Nem também tantos banquetes
Casamentos e festins.

E, pois, nesses belos tempos
Certo cavalo apostou
Com um cervo, que na carreira
Muito a distância o deixou.
Para vingar-se — o vencido
Humano auxílio buscou.

O homem meteu-lhe um freio,
E saltando-lhe ao costado,
Somente lhe deu descanso,
Quando o mísero veado
Foi do cavalo à vingança,
Afinal, sacrificado.

Isso feito — eis o cavalo
Agradece ao benfeitor
E diz-lhe: "Sou todo vosso
Por tão distinto favor;
Volto à espessura selvagem,
Adeus, adeus, meu senhor!"

"— Isso é que não! (volve o homem)
Melhor aqui ficareis;
Hoje, que sei vosso preço,
Penso e leito gozareis;
Abarrotada de feno
A manjedoura tereis".

Ai! De que vale a fortuna
Se a liberdade é perdida!

Viu-se o cavalo privado

Do maior bem desta vida.
E que volta? A estrebaria
Estava já construída.

Ali terminou seus dias.
Sempre arrastando o grilhão.
Não fora melhor que houvesse
Dado à vingança de mão,
Outorgando ao pobre cervo
Da leve ofensa o perdão?

Por maior que seja o gozo,
Que da vingança provém,
Caro paga o que a consegue
Com a perda do imenso bem,
Junto ao qual todos os outros
Preço ou valia não têm.

O lobo, a cabra e o cabrito

Barão de Paranapiacaba (Trad.)

A provida cabra, saindo de casa,
Em busca de pasto,
A encher o seu ubre que, à tarde, trazia
Pesado e de rasto;

Dizia ao cabrito, correndo a lingüeta:
"Se alguém cá vier,
Só deves abrir-lhe, se acaso esta senha,
Filhinho, te der:



— Má peste de cabo do lobo e lhe extinga
A pérfida raça!
Verás suceder-te, se não me atenderes,
Terrível desgraça".

Ouviu-lhe as palavras um lobo, que em frente
Da casa passou;
E logo no arquivo da pronta memória
Fiel as guardou.

Não vista da cabra, que logo se ausenta,
A fera voraz,
À porta dizendo metade da senha,
A voz contrafaz.

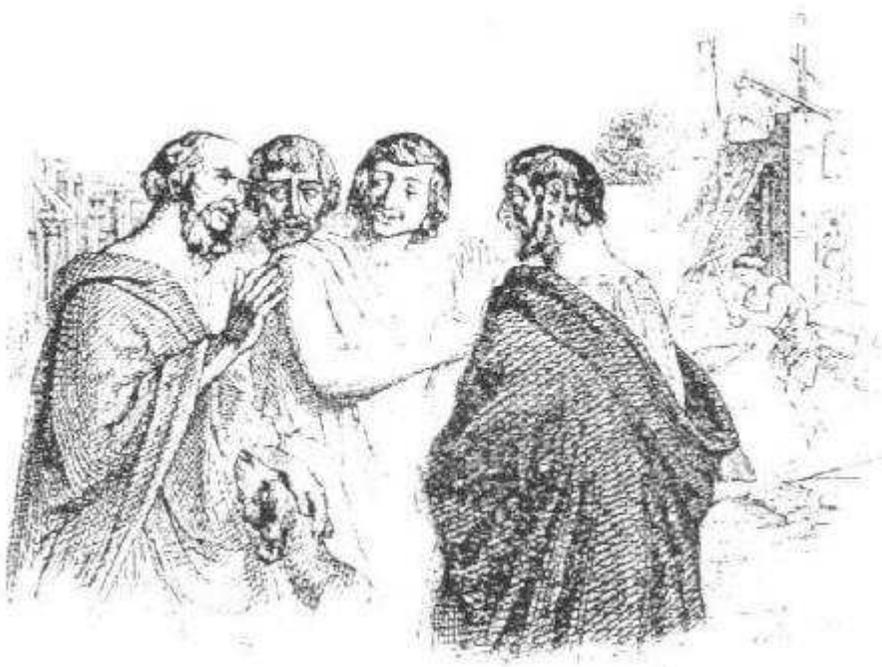
Suspeita o cabrito, e o luzio aplicado
Da porta na fenda:
"Só abro (responde) a quem alva pata
Por baixo me estenda".

Sabeis que tais patas nas rodas dos lobos

Estão em desuso.
Burlando o tratante, voltou como veio,
Corrido e confuso.

Ai! Pobre cabrito, se à senha atendesse,
Que o lobo lhe deu!

Dobrai de cautela; por mui precavido
Ninguém se perdeu.



Aviso de Sócrates

Curvo Senedo (Trad.)

Sócrates fez umas casas
De Atenas em certa rua,
Para nelas habitar
Com a pouca família sua.

Que eram baixas uns diziam,

E outros bastante elevadas,
E em suma convinham todos
Em que eram muito apertadas.

"São apertadas, é certo, —
Disse o sábio; — mas eu sei
Que de amigos verdadeiros
Cheias jamais as verei".

E mais raro do que a Fênix
Um amigo verdadeiro:
Não há nome tão sagrado,
Que seja mais corriqueiro.

O velho e os filhos

Filinto Elísio (Trad.)

Fraco é todo o poder, se união falece.
Ouvi sobre esse ponto a Frígio escravo.
Se à idéia dele algum feitio ajunto,
 Não é por certo inveja;

Dessa ambição nunca hei sentido assomos.
 Só quero dar retrato
 Do que é nosso costume.
Por se dar ufania, a miúdo Fedro
Carga o invite. De meu modesto engenho
 Tais gabos desdiriam.
 Comecemos a fábula
 (Melhor dissera história)
Do homem que, unidos, quis seus filhos.
Perto de ir, onde a morte o chama, um velho:



"Caros filhos, quebrai-me nesse lio
Esses dardos. Direi depois o senso,
Que aí se encerra*. Toma-os o mais velho,
Empenha a força, e diz largando-os:
— *Quem mais que eu possa os rompa.*

Eis que o segundo
Se atira ao feixe, e pondo-se em desplante,
Forceja em vão. Põe peito à empresa o último.
Tempo perdido! O lio fica inteiro,
Dos dardos juntos nem um só estala.
"Fracos sois. Vede em mim quanto me ajudam
Poucas forças, e o como desempenho."

Cuidavam que zombava;
Sorriam, — que ignorantes!
Separa o velho os dardos, quebra-os todos.
"Vedes quanto a concórdia vale? Meus filhos,
Oh, sede sempre unidos; laço amante

Vos prende". Enquanto o mal lhe deixou vida
Não tomou outro assunto.

Vendo enfim perto o termo de seus dias:
"Vou ter com nossos pais. Adeus, meus filhos;
De viver como irmãos heis prometer-me:
Concedei essa graça a um pai, que morre."
Cada um dos filhos três, chorando, o jura
Nas mãos do pai, que em pouco morre.
Os filhos acham mui grossa herança,
Mas apinhada de embaraço infindo:
 Um credor faz penhoras,
 Arma um vizinho pleitos...
Do primeiro os meus três deslindam tudo;
 Mas curto, quanto raro
 Foi esse amor fraterno:
Os nós, que o sangue dera
 Desde-lhes o interesse.
A inveja coa ambição, votos, consultas
Entraram de rondão pelas partilhas.
 Já se altercam debates,
 Vêm depois as trapaças.
 Passa o juiz sentenças
 Contra este, contra aquele:
Um vizinho, um credor renova pleito.
Esse por erro, aquele por defeito.
 Os irmãos desunidos,
 No parecer discordes,
Um quer-se conchavar, outro recusa...
 Perderam quanto tinham,
 Querendo, mas quão tarde!
Proveitar-se dos dardos, ora unidos.
 Ora à parte singelos.



O avarento que perdeu o tesouro

Barão de Paranapiacaba (Trad.)

Se a posse consiste somente no gozo,
Ó vós que nos cofres dinheiro guardais,
Dizei que vantagens gozais sobre a Terra,
Que sejam vedadas aos outros mortais?

Diógenes no outro mundo
É mais rico de que vós,
Que neste, como o Sinópio,
Lidais em miséria atroz.

O rico de Esopo, que esconde o tesouro,
Exemplo no assunto nos pode prestar;
O triste supunha segunda existência
E nela esperava seus bens desfrutar.

Não possuía seu ouro;
O ouro é que o possuía.
Tinha ao solo confiado
Considerável maquia.

Só tinha por fito, prazer e recreio
Pensar, dia e noite, na soma enterrada.
E assim ruminando, só viu na riqueza
Relíquia, a si próprio defesa e vedada.

Indo, voltando, correndo,
Trazia sempre o sentido
No lugar, em que deixara
O seu tesouro escondido.

Mas dando mil voltas em torno do sítio,
Um dia foi visto por certo coveiro,
Que assim surpreendendo do fona o segredo,
No chão cavoucando, roubou-lhe o dinheiro,

Nosso avaro em certo dia
Vazia a cova encontrou;
Gemeu, suspirou, carpiu-se
E em pranto se debulhou.

Um, que passa, pergunta o motivo
Dessa grita. O avarento responde:
"— Ai! Roubaram meu rico tesouro!"
"— Um tesouro roubado! Mas donde?"

AVARENTO

"Era junto desta pedra."

TRANSEUNTE

"Por que escondê-lo na terra?
Por que trazê-lo tão longe,
Não sendo tempo de guerra?"

Não era mais fácil guardá-lo no armário,
Num canto seguro de vosso aposento?
Assim poderíeis à mão conservá-lo,
Tirando-o em parcelas a cada momento."

AVARENTO

"A cada momento! Oh deuses!
Que temerária asserção!
Vem, como vai, o dinheiro?
Eu nunca lhe ponho a mão."

"Se assim sucedia (replica o sujeito)
Dizei-me, eu vos peço. por que vos carpis?
Se nunca tocáveis naquele dinheiro,
Não sei em que a perda vos torne infeliz."

Ponde uma pedra na cova
Que vos guardava o tesouro;
Será para vós o mesmo
Que um montão de prata ou ouro."



O olho do dono

Barão de Paranapiacaba (Trad.)

Em um curral de vacas
Abriga-se um veado
"Buscai melhor asilo",
Diz-lhe o bovino gado.

"Filhos (responde o cervo).
Não me denunciéis;
Eu sei de férteis pastos,
Onde vos fartareis.

Bem pode aproveitar-vos
Um dia este serviço.
Valei-me; e nunca, eu juro,
Haveis pesar-vos disso".

A todo o transe as vacas
Prometem-lhe segredo;
Some-se a um canto o cervo,
Respira, espanca o medo.

À tarde, qual costumam
Fazer em cada dia,
Forragem, erva fresca
Trazem à estrebaria.

Os servos dão cem voltas;
Não param no vaivém;
Girando em grande lida
Anda o feitor também.

E por um raro acaso
Nenhum feitor ou servo
Deu fé dos altos galhos,
Nem viu sinal do cervo.

O filho das florestas
Agradecendo aos bois,
Dizia: "Estou com vida
Porque discretos sois".

Espera pôr-se ao fresco
Na crástina manhã.
Na hora em que saírem
De Ceres para o afã.

"Vais bem por ora (disse
Um boi a ruminar);
Mas o homem de cem olhos
Não veio inda rondar.

Muito por ti receio
Essa visita, amigo;
Até lá não te suponhas

A salvo de perigo".

E nisto vinha o dono
Fazer sua inspeção.
"Acrescentai (diz ele)
Das vacas a ração.

Enchei as manjedouras;
A palha renovai;
Melhor desde hoje em dia
Do gado meu tratai.

Que custa pôr em ordem
Os jugos e as coleiras,
E destes aranhãos
Limpar as cumeeiras?!"

Olhando para tudo,
Avista de repente
Uma cabeça nova,
Das outras diferente;

O cervo é descoberto
E, a chuço perseguido,
De numerosos golpes
Por terra cai ferido.

As lágrimas não podem
Do triste fim salvá-lo.
Os servos o esquartejam
E logo vão salgá-lo.

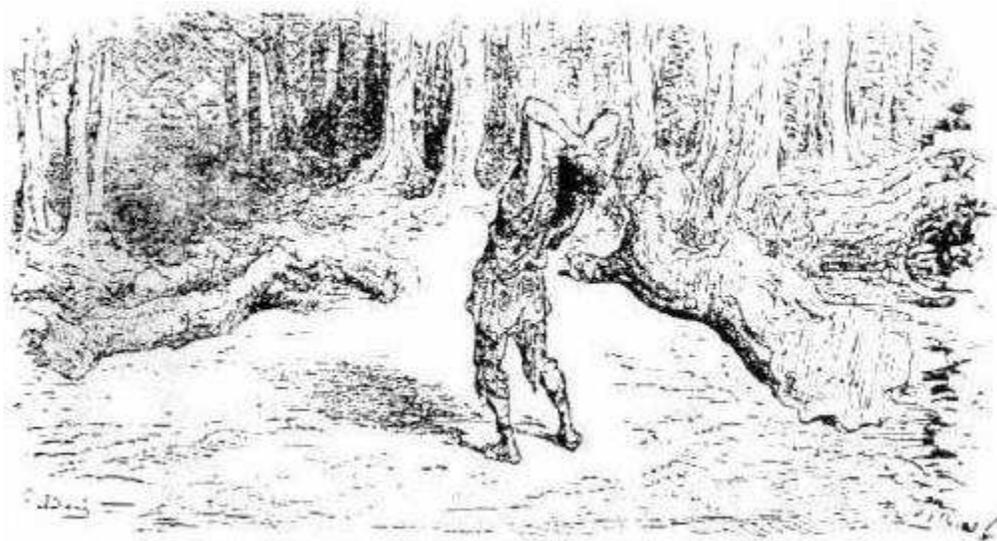
Depois de preparado.
Figura num bufete
Como iguaria, própria
De opíparo banquete.

Fedro tratou deste assunto

Nestas frases elegantes:
"Olhares como o do dono
Outros não há vigilantes".
Só lhes ponho em paralelo
Os olhares dos amantes.



LIVRO V



O lenhador e Mercúrio

Barão de Paranapiacaba (Trad.)

AO CAVALHEIRO DE BOUILLON

Vosso gosto, Senhor cavalheiro,
A este livro de norma serviu;
Meu desvelo em ganhar-vos o voto
A vitória, por fim, conseguiu.

Não quereis vãos ornatos no estilo,

Grande apuro, excessivo limar;
Eu também; não me aprazem requintes:
Muito esmero não pode agradar.

Tudo estraga o poeta, se emprega
Em seus versos cuidado demais;
Não dispenso, porém, certos lances,
Que aprecio e vós mesmo prezais.

Quanto ao alvo, que Esopo fitara,
Menos mal tenho-o sempre atingido;
Se não logro instruir, deleitando,
Valha o pouco por mim conseguido.

Eu, que nunca me dei por valente,
Se não zurzo deveras o vício
Com a clava de Alcides, — ao menos,
Do ridículo o jogo ao flagício.

Nisto só apurei meu engenho;
Se é bastante o que fiz, não no sei;
Quantos quadros de torpes defeitos
Com pincel verdadeiro esbocei!

Uma vez era a estulta vaidade,
De mãos dadas com a inveja aborrecida;
— Duas molas reais em que volve,
Pelos tempos que vão, nossa vida.

Essas pechas, que a gente degradam
Figurei no mesquinho animal,
Que, na altura e no grande tamanho,
Quis de um boi arvorar-se em rival.

Pus, às vezes, em dúplice imagem,
As virtudes dos vícios em face;
— O bom senso ante a fofa estultícia,
O cordeiro ante o lobo rapace;

Acheguei a formiga da mosca;
Sendo assim convertido o meu verso
Em comédia, que encerra cem atos,
E que tem por cenário o universo.

Fazem nela homens, deuses e brutos
O papel que a verdade requer;
Jove até nos desfila ante os olhos,
Fala em cena como outro qualquer.

Trato agora do filho de Maia
Que do céu traz recados às belas;
Mas vem hoje em caráter mais sério;
Não é caso de tais bagatelas.

Um mateiro perdera o machado,
Que lhe dava a ganhar o seu pão.
Seus queixumes, que d'alma nasciam,
Excitavam geral compaixão.

Seu machado! Era tudo o que tinha;
Nem dispunha de mais ferramenta.
Não sabendo onde pôr a esperança,
Deste modo, a chorar, se lamenta:

"Meu machado, meu pobre machado!
Dá-me, Jove, o machado, outra vez!
Eu direi que foi mais um milagre,
Que a bondade celeste me fez".

Nas olímpicas moradas
Foi ouvido este clamor.
"Conheces bem teu machado?
(Diz Mercúrio ao lenhador).

Não está perdido e creio
Tê-lo aqui perto encontrado."

E, isto dizendo, mostrou-lhe
De ouro luzente um machado.

"Não é este." — Outro, de prata,
Mercúrio lhe apresentou.
"É outro; não quero o alheio!"
(O lenhador exclamou).

Afinal, um de madeira
O nune lhe ofereceu.
"Este mesmo é que eu perdera;
Este agora, sim, é meu!"

MERCÚRIO

"A boa fé que mostraste,
Galardão merece ter;
Todos estes três machados
Ficarão em teu poder."

"Aceito (volve o inateiro);
Mil vezes agradecido."
Foi o caso, em poucos dias,
Nos arredores sabido.

Eram sem conta os lenheiros,
Que a ferramenta perdiam;
E aos céus, lha restituíssem,
Em altos brados pediam.

Não sabendo o rei dos deuses
A qual deles acudir.
Mandou, de novo, Mercúrio
Tantos reclamos ouvir.

Mostrando o machado de ouro:
"É meu!" cada qual lhe disse.
Responder doutra maneira

Julgam chapada tolice.

Mercúrio a tais embusteiros
Não faz do machado entrega;
Mas com ele um grande golpe
Na frente lhes descarrega.

Abandonando a impostura,
E a vil mentira também.
Cada um no mundo viva,
Satisfeito do que tem.

Há quem busque pela fraude
Usurpar os bens alheios;
Embalde; a Deus não se ilude
Por esse ou por outros meios.



O peixinho e o pescador

Barão de Paranapiacaba (Trad.)

O peixinho há de ser peixe,
Se vida o céu lhe outorgar;
Mas quem o solta esperando
Que às mãos lhe torne a voltar,
É louco; que é muito incerto
Podê-lo outra vez pescar.

Pescando certo sujeito
Nas águas de uma ribeira,
E pilhando um barbozito,
Disse-lhe desta maneira:
"Tudo faz número e conta,
Tudo serve à frigideira.

Vai para o cesto, manjuba,
Que és princípio de um festim."
Mas o peixinho, a seu modo,
Ao pescador fala assim:
"Dizei, senhor, eu vos peço,
Que podeis fazer de mim?

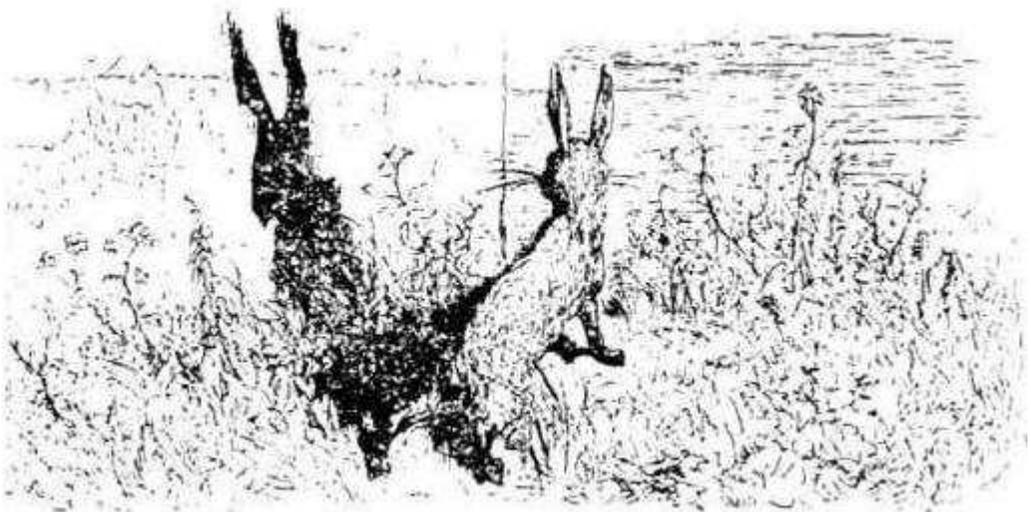
Mal chegará meu corpinho
A formar meio bocado,
Esperai que eu fique barbo,
Serei por vós repescado,
E por um rico banqueiro
Bem caro talvez comprado.

É necessário apanhardes
Um cento de iguais peixinhos
Para com eles encherdes
Um prato dos mais mesquinhos,
Que há de ser entre os convivas

Repartido aos bocadinhos."

"Sim, amigo? Isso é verdade?
(Redarguiu-lhe o pescador),
Pois ireis à frigideira,
Meu peixinho pregador,
Hei de comer-vos à ceia,
Preparado a meu sabor."

Um "Toma" vale no mundo
Mais do "Dois te darei".
O "Toma" é sempre seguro.
Quanto ao segundo... não sei.



As orelhas da lebre

Curvo Semedo (Trad.)

Conta-se que em noite escura
Certo animal cornifronte
Pôde ferir à traição,
Junto da encosta de um monte,
O rei das feras leão;

Que em despique mandou logo
Banir por ordens legais,
Para horror de tal delito,
Os bicornes animais
De todo aquele distrito:

Bois, veados, cabras, todos
Que na frente armas traziam,
Aqueles sítios deixavam;
E os que logo o não faziam,
Da morte suportavam!

Cumpriram-se leis tão cruas,
Na sombra um dia observando
As longas orelhas suas,
Disse a um grilo titubeando:

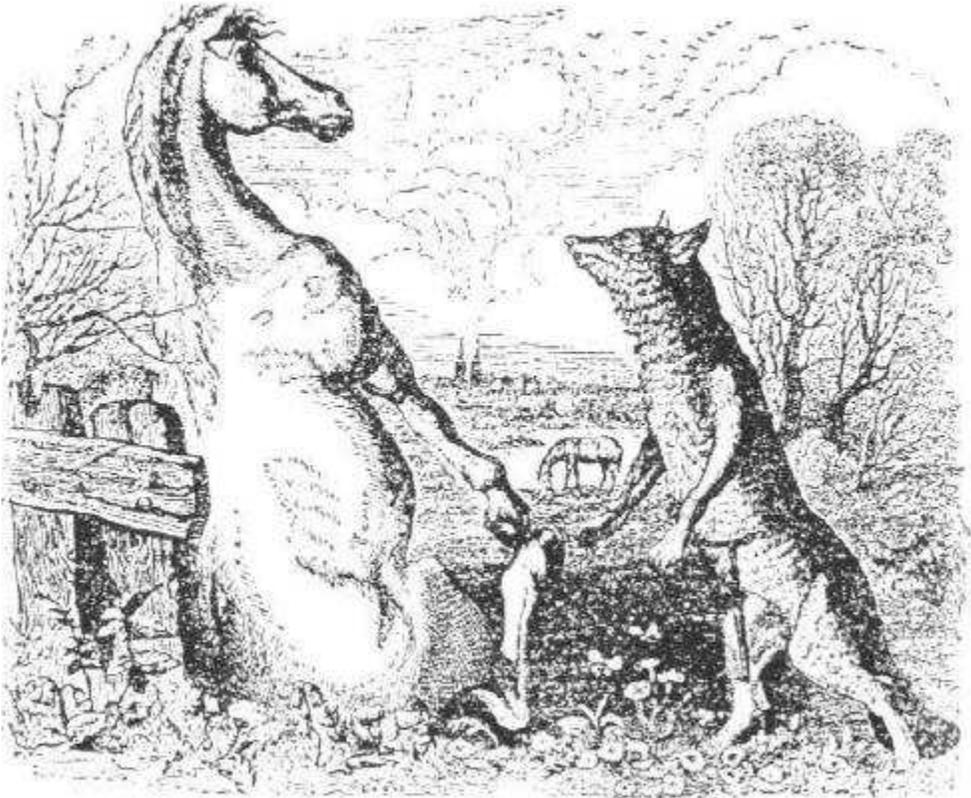
"Ai! Que estas minhas orelhas
Por chifres se tomarão!
E, se houver um delator
Que o vá dizer ao leão,
Da lei me exponho ao rigor!"

"— Tu fazer de mim pateta?
Fala, tola; pois é crível,
Lhe disse o grilo em bom ar,
Que um par de orelhas flexível
Possa por chifres passar?"

"— Sim, disse ela; e por que não?
Tenho-os visto mais pequenos".
Tornou-lhe o grilo: "Vaidosa!
Se os teus fumos fossem menos,
Serias mais venturosa,

Quem és conhece, e descansa;
Porque sempre que supomos,
Pela vaidade que temos,

Ser aquilo que não somos,
Mil incômodos sofremos".



O cavalo e o lobo

Curvo Semedo (Trad.)

Na linda estação das flores,
Às horas do meio-dia:
Brioso, esperto cavalo
A verde relva pascia.

Dum bosque vizinho um lobo
Botando-lhe o luzio, diz:
"Quem te comer essas carnes
É por extremo feliz!

Ah! Que se foras carneiro,
Ou mesmo burro, ou vitela,
Já marchando me andarias
Pelo estreito da goela;

Mas és um castelo! E assaz
Temo a tua artilharia!
Vou bloquear-te, e do engano
Fazer fogo à bateria".

Então do bosque saindo
Em passo lento e miúdo,
De largo diz ao cavalo:
"Camarada, eu te saúdo;

Respeita em mim um Galeno,
Que passa a vida a curar,
Que das ervas as virtudes
Sabe aos morbos aplicar;

Aposto que tens moléstias,
E porque na cura erraram,
Tomar ares para o campo.
Como é uso, te mandaram.

Se quiseres que eu te cure,
Ficarás são como um pero;
Grátis, que bem entendido,
Paga de amigos não quero".

O cavalo conhecendo
A malícia do impostor,
Diz-lhe: "O céu lhe pague o bem

Que me faz, senhor doutor;

É verdade que eu padeço.

Há nove dias ou dez.

Um tumor e uma ferida.

Tudo nas unhas dos pés".

"— Bem que essa doença toque

À cirurgia somente, —

Diz o lobo, — eu nesse ramo

Sou um prático eminente!"

Torna-lhe o fingido enfermo:

"Pois então, senhor doutor,

Chegue-se a mim, que eu me volto,

Venha apalpar-me o tumor".

"Pois não, filho! Diz-lhe o lobo".

E a fim de o filar se chega;

Mas, de repente, o cavalo

Dois grandes coices lhe prega:

Acerta-lhe pela frente,

Faz-lhe o focinho num bolo;

E o lobo exclama: "É bem feito!

Quem me manda a mim ser tolo?"

Metete pernas como pode,

Dizendo um tanto enfadado:

"Como a breca as arma! — fui

Buscar lã; vim tosquiado!

De carniceiro a ervanário

Quis passar sem que estudasse;

Levei da toleima o prêmio:

Cada qual para o que nasce!"



Os médicos

Curvo Semedo (Trad.)

Certo médico chamado,
De alcunha, o Tanto-melhor,
Foi visitar um doente,
Do qual o Tanto-pior
Era médico assistente.

O último, sempre funesto,
Que o doente morreria
Altamente sustentava,
E o Tanto-melhor dizia
Que o pobre enfermo escapava.

Houve sobre o curativo
Mui grande contestação;
Um aplicava calmantes,

Outro armava uma questão
Em favor dos irritantes.

No fim de tanto debate,
O enfermo a vida perdeu,
E o Tanto-pior clamou:
"Vejam qual de nós venceu!
Se o meu cálculo falhou".

Tomou-lhe o Tanto-melhor,
Mostrando um vivo pesar:
"Pois eu, sempre afirmarei
Que morreu por não tomar
Os remédios que indiquei".

E quanto a mim, se os tomasse,
Morrer havia igualmente;
Mas é desgraça maior
Cair um pobre doente
Nas mãos dum Tanto-pior.

O burro e as relíquias

Barão de Paranapiacaba (Trad.)

Um burro, de relíquias carregado,
Supunha-se adorado.
Hinos, intensos como seus tomava
E soberbo marchava.
Alguém, que dera fé dessa tolice,
"Mestre burro (lhe disse),
Do espírito bani, por piedade,
Tão estulta vaidade.
Ao santo e não à vossa personagem



Dirige-se a homenagem;
Só das relíquias se dispensa à glória
Essa jaculatória".

De juiz, que não sabe ou não estuda
A toga se saúda.



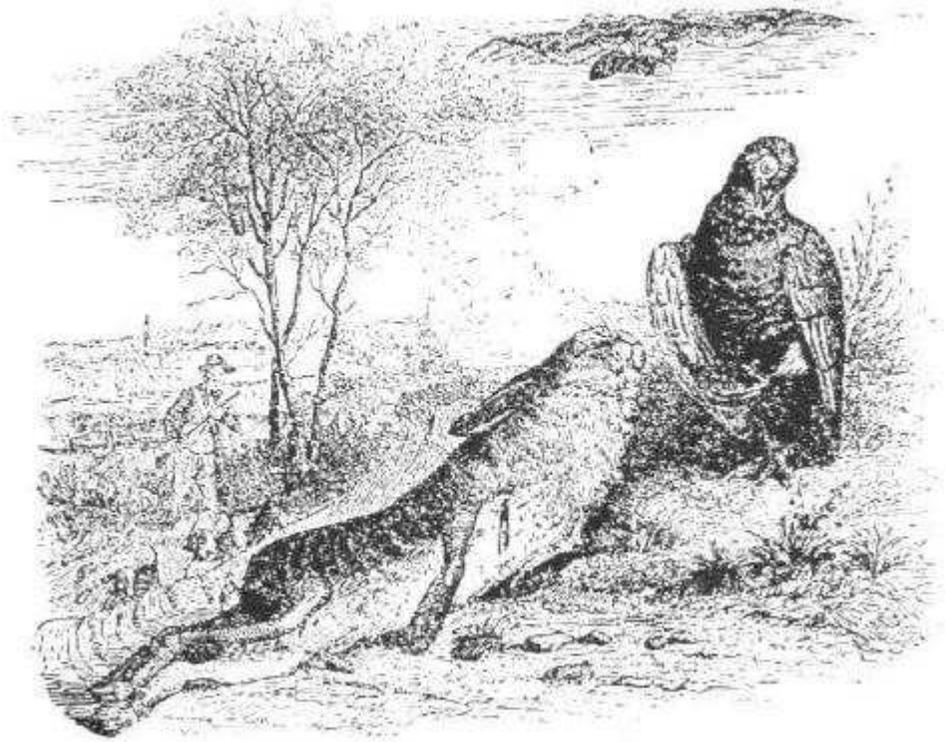
O veado e a vinha

Barão de Paranapiacaba (Trad.)

Certo dia um veado,
Tendo à morte escapado,
Livre ficando e a salvo de perigo,
Graças ao pronto abrigo
De uma videira de elevadas cimas,
Como as que dão somente em certos climas,
Julgou finda a caçada,
Por chamarem os cães à retirada,
Só à matilha ouvindo atribuir

O terem-no deixado escapular.
Liberto já do susto,
Pôs-se a roer o arbusto,
A vinha benfeitora,
Que amparo, couro e salvação lhe fora.
Extrema ingratidão,
Própria de um mal formado coração!
Ouvindo-o mastigar, volta a matilha;
Segue a indicada trilha,
Expele-o do esconderijo de folhagem,
E talhando carnagem,
Com afilados dentes o trucidada.
Perde o veado a vida,
No mesmo sítio; e em transe de agonia:
"Bem mereci (dizia)
A morte. Foi justiça rigorosa.
Que lição proveitosa
Para os ingratos meu castigo encerra!"
E baqueou por terra.
Estraçalham-no os cães num só momento,
E perde-se nos ares o lamento,
Que na hora da morte
Dirige contra a sorte,
E contra os caçadores, que, aos gemidos,
Vêm ao sítio atraídos.

Eis o fiel retrato
De quem perverso, ingrato,
O teto hospitaleiro profanou,
Que asilo lhe prestou.



A lebre e a perdiz

Barão de Paranapiacaba (Trad.)

Dos miseráveis
Nunca zombeis.
Quem diz que sempre
Feliz sereis?

Mais de um exemplo
Do sábio Esopo
Conspira em prova
Do nosso escopo.

O que em meus versos
Agora cito
Foi noutros termos
Por ele escrito.

Tinham num campo
Lebre e perdiz
(Ao que parece)
Vida feliz.

Uns cães se achegam
Do lar tranqüilo;
Vai longe a lebre
Buscando asilo.

Perde-lhe o rasto
Toda a matilha,
E nem Lindóia
Lhe dá na trilha.

De quente corpo
A emanção
Ao faro a indica
De um fino cão.

Filosofando,
Nelusco arteiro,
Conhece a lebre
Só pelo cheiro.

No encalço aperta
Da fugitiva;
Não quer que a presa
Lhe escape viva.

"A caça foi-se
(Diz Carabi);
Acreditai-me;
Nunca menti."

Cansada, a lebre
Fugiu, correndo;
E ao pé da furna

Caiu, morrendo.

Diz, por motejo,
A companheira:
"Pois não campavas
De ser ligeira!

Teus pés velozes
Pra que prestaram
Se dos molossos
Te não livraram?"

Enquanto zomba
Da desgraçada,
Dá-lhe a matilha
Rude assaltada.

Fia das asas
O salvamento.
Louca esperança!
Vão pensamento!

Do açor as garras.
Mísera, esquece!
Mal ergue o vôo,
Nelas perece.

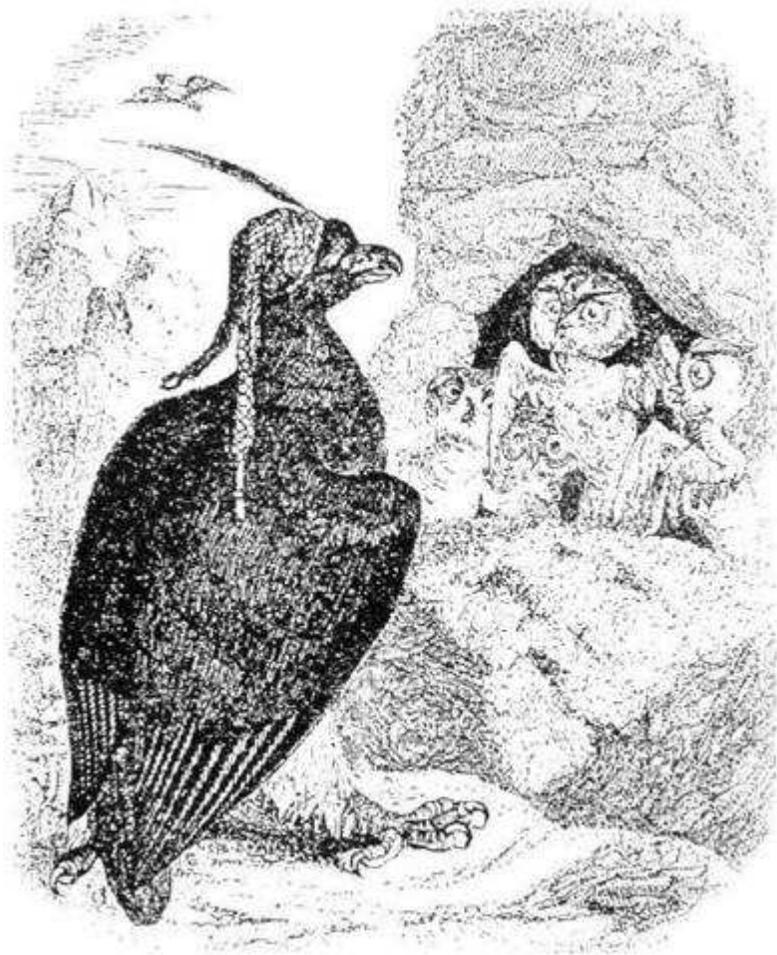
A águia e o mocho

Jaime Pietor (Trad.)

Um dia a águia disse ao mocho em ternas frases:
"O que lá vai, lá vai, é bom pormos-lhe ponto
E fazermos as pazes.
— Eu cá por mim, estou pronto".

Respondeu ele. — e os dois juraram, abraçados,
Respeitar um do outro os filhitos amados.
"Conheceis já os meus? — disse-lhe a ave da ciência.
— Não, respondeu a águia, e a ave da ciência
Disse: — Tanto pior. Se nada te resiste,
Como hão de, dize lá, contar os meus filhinhos
Com a tua clemência?
Não lhes queria estar na pele, coitadinhos!
Não, não me fio em ti, porque és rainha, e os reis
Sabem agora lá para que são as leis!

Vocês fazem o mal por um capricho reles.
Filhos do meu amor! Se acaso os vês, ai deles!
— Bem. Pinta-mos, então, e escusas de ter medo.
Que eu te prometo aqui não lhes tocar com um dedo".
O mocho respondeu: "Aqui tens os sinais:
São muito pequenitos,
Mimosos como a flor, esbeltos e bonitos
Como não achas mais;
Tão bem feitos, tão belos.
Que por este retrato hás de reconhecê-los.
Falta-me agora ver se tu és descuidada,
E me entra aí por casa a Parca amaldiçoada.
Hão de agradar-te, sei, mas faze a vista grossa
Bem sabes que sou pai e que os pais são assim.
E respeita-os por mim;
Ai! Quem meus filhos beija, a minha boca adoça!"
Deus dera prole ao mocho, e em noite desabrida,
Que ele batia mato a agenciar a vida,
A águia andando a corso avista de repente
Nuns velhos casarões, todos esburacados,
Uns monstrozinhos tais, de voz tão repelente,
Tão mal feitos de corpo e tão desengraçados,
Que ela disse consigo:
"Não há que recear; não são do nosso amigo".
E com um gesto guapo
A rainha gentil logo os meteu no papo.



Mas vem de volta o mocho, o mocho, que imagina
Ficar ali de vez,
Ao achar, pobre pai!, dos filhos só os pés.
Queixa-se, chora e pede aos deuses punição
Para ela, a assassina,
Que assim lhe veio encher de luto o coração!
"É tua a culpa, alguém então lhe disse, ou antes
É da lei que nos faz achar os semelhantes
A nós, só porque o são, amáveis, lindos, belos.
Por isso os filhos nós perdemos, nós os pais;
Se fizeste dos teus uns elogios tais,
Como podia, dize, a águia reconhecê-los?"

O urso e os dois camaradas

Barão de Paranapiacaba (Trad.)

Dois camaradas que tinham
Grande urgência de dinheiro,
Venderam de um urso a pele
Ao vizinho peleteiro.

O urso inda estava vivo;
Mas eles o matariam.
Os dois sócios, pelo menos,
Com segurança o diziam.

Sendo aquele o rei dos ursos,
Afirmam, sem hesitar,
Que da pele um grande lucro
Ia o peleiro tirar.

Preservaria, no inverno,
Do vento mais desabrido,
Dando à farta para o forro
De mais um amplo vestido.

Com tal urso (em seu conceito)
Nenhum corria parelhas;
Tanto não encarecia
Dindenaut suas ovelhas.

Pelas contas que lançaram
(Não pelas contas da fera)
Pediram para entregá-la
Dois dias, não mais, de espera.

Justo o preço, desencovam
O animal, que sai trotando.
Como feridos de um raio,

Eis os dois titubeando.

Em frente ao fero inimigo
O terror n'alma lhes lavra.
Nem mais se lembram do ajuste;
Sobre lucros nem palavra.

Um dos dois que evita o monstro,
Ligeiro se põe ao fresco,
Trepando ao cimo elevado
De um carvalho gigantesco.

Outro, mais frio que o mármore,
De bruços se atira ao chão;
Faz-se morto, suprimindo
De todo a respiração.

Ouvira dizer algures
Que o urso pra o lado atira
Corpo, que julga sem vida,
Que não se move ou respira.

O urso como um patinho
Cai no logro em continente;
Julga morto aquele corpo,
Que ali depara jazente.

Vira-o, revira-o, inquirindo
O que na verdade seja,
E chegando-lhe o focinho
Do bafo o sítio fareja.

"É cadáver; tem mau cheiro;
Pedindo está sepultura."
Assim falando se entranha
Pela vizinha espessura.



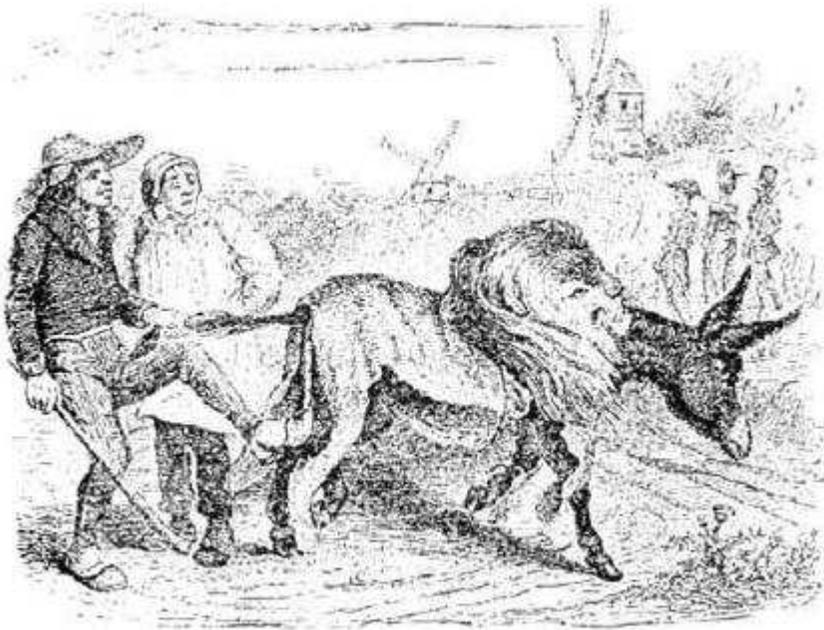
Desce o outro do carvalho,
E a seu companheiro diz:
"Em livrar-vos só com o susto
Amigo, fostes feliz.

Ora, pois, dizei-me agora:
Que é da pele do animal?
Que vos disse ele no ouvido
No seu vasconço brutal?

Eu notei que o sacripante
De mui perto vos falava
Enquanto com as duras garras
Vos virava e revirava".

O OUTRO CAMARADA

"Dizia que não devemos
De um urso a pele vender
Antes de o vermos em terra
Vencido e morto jazer".



O burro vestido com a pele de leão

Curvo Semedo (Trad.)

Quebrando a peia,
Fofa sendeiro
Fugiu ao dono,
Que era moleiro;
Dentro de um bosque,
O fanfarrão
Achou a pele

D'alto leão;
Em toda a parte
Dela vestido,
Por leão fero
Era temido;
Homens e brutos
O respeitavam.
Fugiam logo
Que o divisavam:
Mas das orelhas
Uma pontinha
De fora ao burro
Ficado tinha;
Foi vista acaso
Pelo moleiro,
Que julgou logo
Ser o sendeiro;
Indo-lhe ao lombo
Com um cajado.
Puniu o arrojo
Do mascarado:

Do tolo rindo,
Despiu-lhe a pele,
Pôs-lhe uma albarda
E montou nele.
Tal entre os homens
Mil se conhecem,
Os quais são uns,
E outros parecem.
Despem-lhe a pele
Que os faz troantes,
Ficam sendeiros
Como eram dantes.



LIVRO VI



Febo e Bóreas

Barão de Paranapiacaba (Trad.)

Viram Bóreas e o Sol, um viandante
Que contra o tempo mau se precatara;
Azada precaução! De poucos dias
O outono começara.

Chove, faz sol; a charpa do arco-íris
Avisava aos que andavam pela estrada,
Que em meses tais é de uso indispensável
Um capote em jornada.

Foram por tal motivo entre os latinos
Conhecidos por meses duvidosos.
O viandante, que aguardava ao certo
Chuveiros copiosos.

Envergava um capote, bem forrado
De fazenda encorpada e consistente.
Diz o vento: "Este julga estar a salvo
De qualquer acidente;

Mas não previu que eu posso ao seu trabalho
Presilhas e botões arrebentar-lhe.
Ora, pois, se eu quiser vou ao diabo
O capote atirar-lhe.

Quereis vê-lo? Há de ser coisa engraçada!"
"Pois bem! Façamos a seguinte aposta:
Serei eu quem da capa o desguarneça
(Diz-lhe Febo em resposta);

Escusa desperdiçar tanta palavra;
Podeis em nuvens desperdiçar meus raios;
Vamos, amigo, arremetei à empresa.
Começai os ensaios".

Não foi preciso mais. Bóreas, inchando.
Qual balão, de vapores saturado,
Faz barulho infernal; de insana fúria
Parece dominado.

Silva, sopra, esbraveja, arrasa prédios.
Submerge embarcações, nivela combros.
Tudo para arrancar um vil capote
De um viandante aos ombros.

Cerrando a capa o viandante ao corpo,
Vedou que o vento nela se engolfasse;
E Bóreas nada fez; perdeu seu tempo.

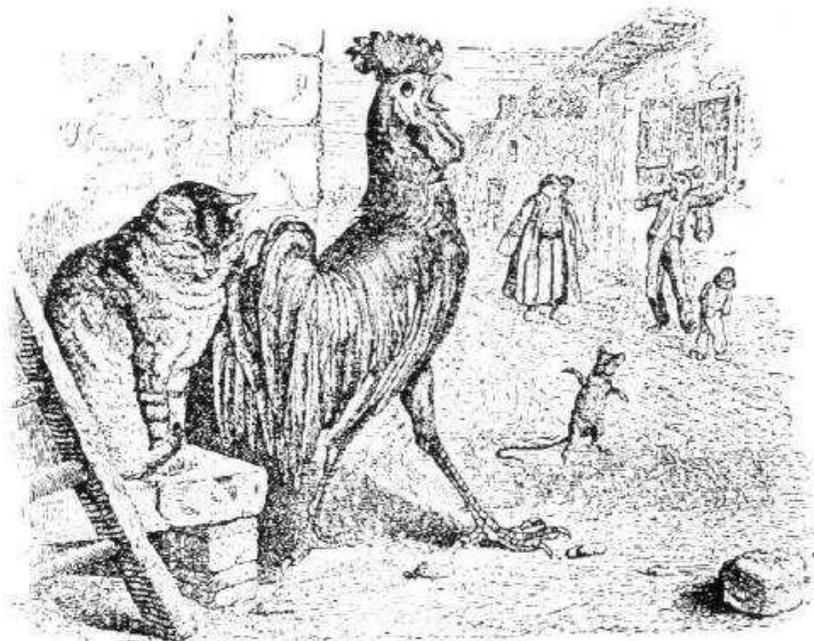
Por forte que soprasse.

Quanto mais tenta bolear a capa,
Mais firme se mantém o cavaleiro;
Dá-lhe na gola, agita-o pelas dobras,
Jorrando-lhe aguaceiro.

Vence-se o prazo; o sol, rompendo as nuvens,
Dardeja sobre a terra a luz brilhante;
Ao princípio conforta, após aflige
O nosso viandante.

Ei-lo quando sob o seu capote,
Que é forçado a tirar; e todavia,
Não empregara o sol toda a pujança,
Que mostrar poderia.

Brandura unida à prudência
Podem mais que violência.



O galo novo, o gato e o murganho

Barão de Paranapiacaba (Trad.)

Ratinho muito novo,
Bisonho, imprevidente,
Salvou-se, por milagre,
De um trágico incidente.

Ouvi de que maneira
À sua mãe contou
O que lhe acontecera,
Enquanto fora andou:

"Tendo transposto os montes,
Que são do Estado a raia,
Trotava, qual ratinho,
Que vai, solto, à gandaia.

Eis que meus olhos fitam
Dois animais notáveis;
Um, gracioso e meigo,
De gestos agradáveis;

O outro, turbulento,
Nunca em sossego estava;
Tinha uma voz ingrata,
Que pelo ouvido entrava.

Carnosa saliência
Na frente lhe tremia;
Uns como braços largos
Aos lados sacudia:

Parece, quando os move,
Que o vôo erguer intenta.

Em forma de penacho
Vaidoso a cauda ostenta.

(Crendo de um bicho estranho
Fazer este retrato,
Era de um galo novo
Que à mãe falava o rato).

Batia nas ilhargas
Com os braços tal pancada,
Fazendo grande bulha
E tanta matinada,

Que eu mesmo (Deus louvado!)
Campando de animoso,
Fugi, a praguejá-lo,
Atônito e medroso.

Teria, a não ser ele,
Entrado em relações
Co tal animalzinho,
Tão doce de feições.

De aveludado pêlo,
Como os de nossa casta,
É todo mosquetado
E longa cauda arrasta.

Parece que nos vota
Simpática ternura,
Pois tem, iguais às nossas,
Orelhas e figura.

Mostra aparência humilde;
Modesto é seu olhar,
Posto que o visse, às vezes,
Em chispas cintilar.

Ia travar conversa;
Eis solta o batedor
Tão estridente grito,
Que fujo de pavor".

"Escuta, diz a rata;
O tal açucarado
É, meu filhinho, um gato,
Hipócrita chapado.

Sob enganoso aspecto
Ódio mortal disfarça
A toda a gente rata,
Por esse mundo esparsa.

Desse, de quem fugiste
Não pode mal provir.
Talvez seu corpo venha
De ceia a nos servir.

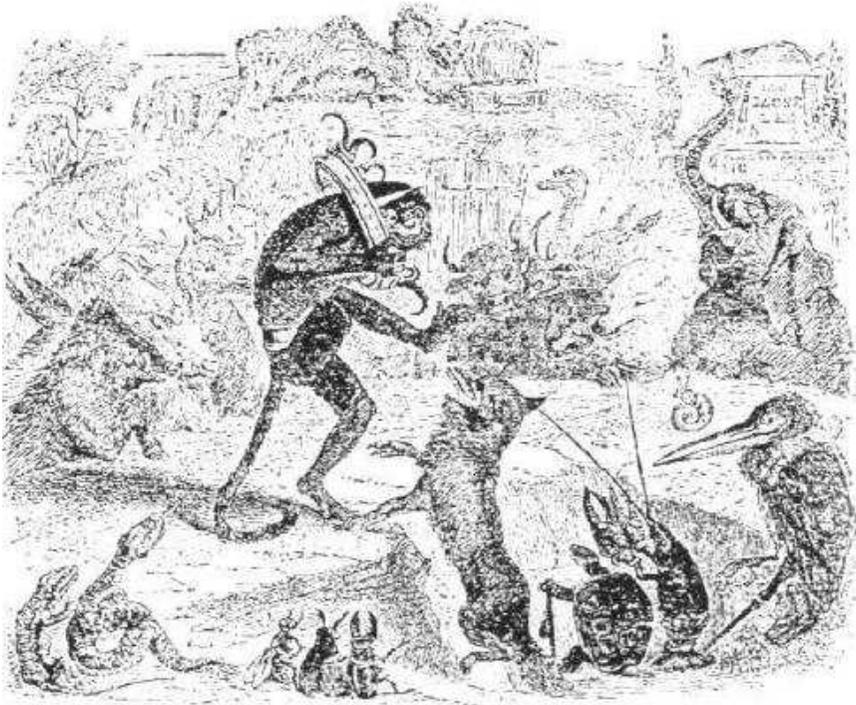
Das refeições do outro,
— O pérfido animal —
É nossa carne, ó filho,
A peça principal."

Que vezes aparências
Enganadoras são!
Não julgues pela cara;
Sim pelo coração.

O raposo, o macaco e os animais

Barão de Paranapiacaba (Trad.)

Falecendo o rei dos bichos,
Que era um célebre leão,



Reúnem-se os seus vassallos
Para uma nova eleição.

Tiram do estojo a coroa,
Que um dragão guardado havia
Por todos experimentada,
A nenhum deles servia;

Era grande para muitos;
Para alguns pequena fica,
E nos que têm fronte armada
Sobre os chavelhos embica.

Rindo e fazendo caretas
Também o mono ensaiou,
E cortejando-a, — mil sortes,
Mil momices praticou:

Como por arco de circo
Por dentro dela pulando,

Foi do povo circunstante
Aplausos angariando.

E tanto disso gostaram.
Que o macaco foi eleito;
E a maioria dos bichos
Acudiu a dar-lhe preito.

Pesou somente ao raposo
O voto que havia dado;
Mas esse arrependimento
Ficou no peito guardado.

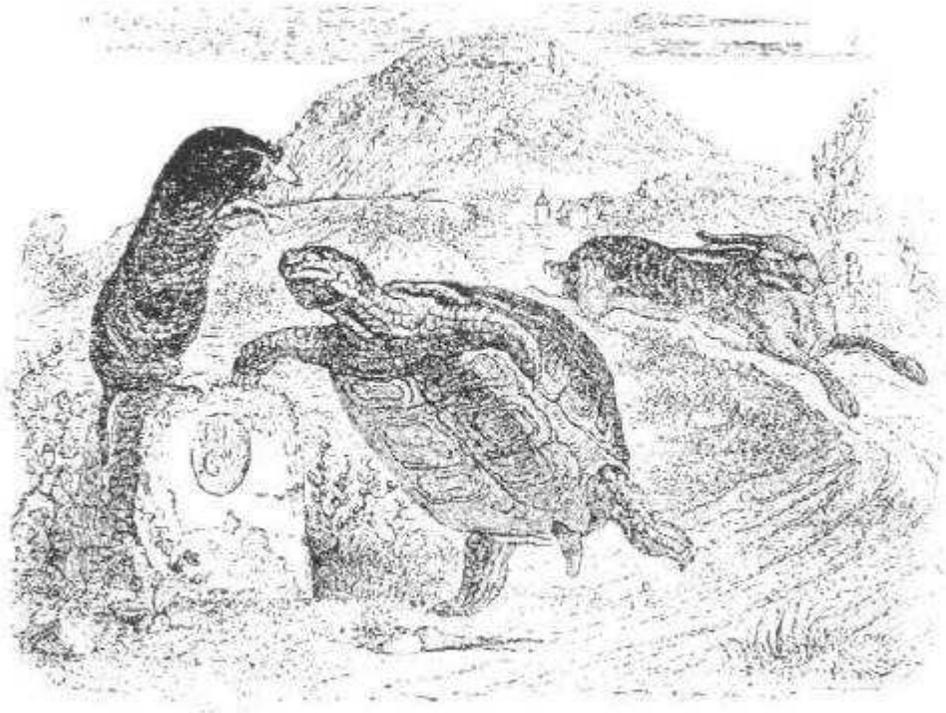
Prestada sua homenagem,
O matreiro diz ao rei:
"Há, senhor, dinheiro oculto
Em sítio, que vos direi.

Pertence ao rei, por direito.
Todo o tesouro escondido".
E, revelando o segredo,
Fala ao macaco no ouvido.

O novo rei que o dinheiro
Ambicioso almejava,
Foi ao lugar, em pessoa,
Pois de ninguém confiava.

Cai num laço; e do raposo
Ouve em nome dos vassalos:
"Se não sabes governar-te,
Como queres governá-los?"

Foi demitido o macaco
E demonstrado também
Que a muito poucas pessoas
O diadema convém.



A lebre e a tartaruga

Curvo Semedo (Trad.)

"Apostemos, disse à lebre
A tartaruga matreira,
Que eu chego primeiro ao alvo
Do que tu, que és tão ligeira!"

Dado o sinal de partida,
Estando as duas a par,
A tartaruga começa
Lentamente a caminhar.

A lebre, tendo vergonha
De correr diante dela.
Tratando um tal vitória
De peta ou de bagatela.

Deita-se, e dorme o seu pouco;
Ergue-se, e põe-se a observar
De que parte corre o vento,
E depois entra a pastar;

Eis deita uma vista d'olhos
Sobre a caminhante sorna,
Inda a vê longe da meta,
E a pastar de novo torna.

Olha; e depois que a vê perto,
Começa a sua carreira;
Mas então apressa os passos
A tartaruga matreira.

À meta chega primeiro,
Apanha o prêmio apressada,
Pregando à lebre vencida
Uma grande surriada.

Não basta só haver posses
Para obter o que intentamos;
É preciso pôr-lhe os meios,
Quando não, atrás ficamos.

O contendor não desprezes
Por fraco, se te investir;
Porque um anão acordado
Mata um gigante a dormir.



O burro e os donos

Curvo Semedo (Trad.)

O burro de um hortelão
À sorte se lamentava,
Dizendo que madrugava,
Fosse qual fosse a estação,
Primeiro que os resplendores
Do sol trouxessem o dia.
"Os galos madrugadores, —
O néscio burro dizia, —
Mais cedo não abrem olho.
E por quê? Por ir à praça
Com uma carga de repolho,
Um feixe de aipo, ou labação,
Alguns nabos, berinjelas;
E por estas bagatelas
Me fazem perder o sono".
A Sorte ouviu seu clamor,
E deu-lhe, em breve, outro dono,
Que era um rico surrador.
Eis de couros carregado,
Sofrendo um cruel fedor.
Já carpia ter deixado
O seu antigo senhor:
"Naquele tempo dourado, —
Dizia, — andava eu contente;

Cada vez que ia ao mercado,
Botava à cangalha o dente,
Lá vinha a couve, a nabiça,
A chicarola, o folhado,
E outras castas de hortaliça;
Mas, se hoje, fraco do peito,
O meu dente à carga deito,
Em vez da viçosa rama
Da celga, do grelo, ou nabo,
Só acho dura courama
Que fede mais que o diabo!"
Prestando às queixas do burro
A Sorte alguma atenção,
Lhe deu por novo patrão
Um carvoeiro casmurro.
Entrou em nova aflição
O desgostoso jumento.
Vendo faltar-lhe o sustento,
E em negro pó de carvão
Andando sempre afogado,
Tornou a carpir seu fado.
"Que tal! — diz a Sorte em fúria,
Este maldito sendeiro,
Com sua eterna lamúria,
Mais me cansa, mais me aflige
Que um avaro aventureiro,
Quando fortunas me exige!
Pensa acaso este imprudente
Que só ele é desgraçado?
Por esse mundo espalhado
Não vê tanto descontente?
Já me cansa este marmanjo!
Quer que eu me ocupe somente
Em cuidar no seu arranjo?"
Foi justo da Sorte o enfado,
Que é propensão do vivente
Lamentar-se do presente,
E chorar pelo passado:

Que ninguém vive contente,
Seja qual for seu estado.



O cão que pela sombra larga a presa

Como Guerreiro (Trad.)

Um cão passando ia um rio a nado,
E levava de carne um bom bocado;
Via n'água a sua sombra, e, presumindo
Que era outro cão, que dele ia fugindo,
E que presa maior inda levava,
Com fim de lhe tirar se arreganhava.
Naquele abrir de boca lhe caía
A carne, e nem mais sombras dela via.



O carreteiro atolado

Curvo Semedo (Trad.)

Por caminho apaulado,
Mui barrento e mal gradado,
O seu carro conduzia,
 Que trazia
De erva e feno carregado,
Inesperto carreteiro:
Por incúria o desgraçado
Num grandíssimo atoleiro
Enterrar deixou seu gado:
Era longe o povoado,
E não vinha caminheiro
Qu'o ajudasse e lhe acudisse:
De aflição desesperado,
 Se maldisse!
E exclamou todo inflamado:
"Vem, ó Hércules sagrado,
Acudir-me pressuroso;
Pois que já sobre o costado
Sustentaste o céu formoso,
O teu braço vigoroso
 Se me acode,
Este carro tirar pode
 Do atoleiro".

Deste modo se carpia
O carreiro,
Quando ouviu uma voz forte,
Que não longe lhe dizia
Desta sorte:
"Se quiseres que te valha,
Mandrião, lida, trabalha,
Examina de onde vem
Esse estorvo que te encalha,
Ou detém:
Salta cima desse carro,
E, tirando-lhe um fueiro,
De redor lhe arreda o barro;
Bota pedras no atoleiro,
Calça as rodas, e depois
Põe-te à frente, e pica os bois".

Tudo fez o carreteiro
Que lhe tinham ensinado;
E ficou muito pasmado,
Quando viu surdir avante
O seu carro do lameiro:
"É milagre, exclamou logo,
Ouviu Hércules prestante
O meu rogo,
E evitou-me o precipício!"
Acabando
De falar apenas ia,
Outra voz, em tom mais brando,
Lhe dizia:
"Confiar na Providência
Para obter o que intentamos,
Sem que os meios lhe ponhamos,
É demência.
Nada obtém quem não procura;
Que foi sempre a diligência
Mãe da sólida ventura".

A viuvinha

Jaime de Séguier (Trad.)

Não é sem soluçar que se perde um marido:
Mas tudo tem um fim, mesmo um grande alarido,
E a que mais chorincou e mostrou mais pesar
Acaba por calar-se e por se consolar.
Apaga o tempo a dor e reaviva a alegria,
Que querem? Não fui eu que fiz o bicho humano.
 Entre a viúva de um só ano,
 E a viúva de um só dia,
 A diferença é tal, que se diria
Não ser decerto a mesma e haver por força engano.
Enquanto uma sorri e nos encanta e atrai,
A outra, derramando um pranto amargo em chuva,
Solta, de quando em quando, a mesma nota: um ai!

O que faz exclaimar a quem passando vai:

 "Eis uma inconsolável viúva!"

Sim? Pois não fosse! Ora escutai:

Para o negro país donde ninguém voltou,
De uma esposa gentil o esposo ia partir.
Clamava ao lado a esposa: "Espere! Eu também vou!
Ó! leva-me contigo: eu quero-te seguir!"
O marido partiu, mas sozinho. Pudera!
Seguiu-se a usada dor sincera ou não sincera.
A bela tinha um pai, homem fino e prudente,
Que foi deixando escoar toda aquela torrente,

E que um dia observou: " Ó menina, eu suponho
Que isto afinal é já choro demasiado.

O pranto estraga a pele e fica-se medonho:

 Eu sempre te pergunto,

 De que serve ao finado

 Essa dor excessiva?



Inda por cá no mundo há muita gente viva,
Deixemos em sossego o pobre do defunto.
Eu não pretendo já que troques os teus goivos
Pelas galas joviais e floridas dos noivos.
Mas enfim se eu vier, dum certo prazo ao fim,
Propor-te, minha cara, em guisa de conforto,
Que aceites como esposo e concedas o *sim*
A um gentil rapaz, apessoado, enfim
Muito melhor que o morto...
— Não quero, atalhou ela, alívio ao meu tormento!

Só por esposo aceito o claustro de um convento!"
Que havia a responder? Nada. Foi o que fez

O nosso velho astuto.

Assim se foi passando um mês. No outro mês,

Já se pensou um pouco em guarnecer o luto.

Cada dia se nota uma nova mudança

Na forma do vestido ou na do penteado.

Já se ri, já se brinca e se joga e se dança.

Deitou-se para trás das costas o passado.

O pai, já não receando o tal que se finou,

Não pensa mais no resto ou se faz esquecido,

Quando a filha lhe diz: "O papá: e o marido?"

— Hein! Qual marido? — O tal, em que o papá falou?



Advertência

Eis uma segunda coleção de fábulas que apresento ao público. Julguei acertado dar à maioria delas aparência e forma um pouco diferentes das que compõem a primeira, seja por causa da diversidade dos temas, seja para emprestar maior variedade à minha obra. Os traços comuns, que se-meei com maior ou menor abundância nas duas primeiras partes, convi-nham melhor às invenções de Esopo do que a estas últimas, onde os utili-zo mais moderadamente, a fim de não cair em repetições; pois o número desses traços não é infinito. Indispensável se tornou, pois, que eu procu-rasse outras maneiras de enriquecer as narrativas, ampliando-lhes os por-menores como, aliás, pareciam reclamar. Por menos atento que o leitor seja não deixará de percebê-lo: assim sendo, não considero necessário expor aqui as razões do meu proceder, nem mesmo dizer onde fui buscar estes últimos temas. Apenas confessarei, por gratidão, que devo a maior parte deles a Pilpay, sábio hindu. Seu livro foi traduzido para todas as línguas. Os naturais do país julgam-no muito antigo, e original relativamente a Esopo, se não é o próprio Esopo sob o nome do sábio Locman. Outros, ainda, forneceram-me temas bastante felizes. Enfim, procurei conferir às últimas partes a variedade de que me senti capaz.

LIVRO VII



Os animais enfermos da peste

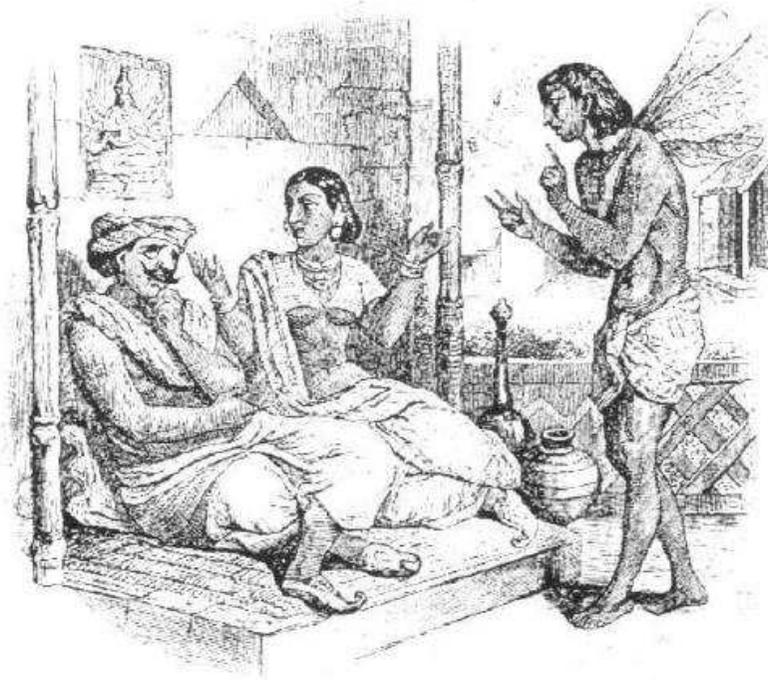
Machado de Assis (Trad.)

Mal que espalha o terror, e que a ira celeste
 Inventou para castigar
Os pecados do mundo; a peste, em suma, a peste;
Capaz de abastecer o Aqueronte num dia,
 Veio entre os animais lavar;
 E se nem tudo sucumbia,
 Certo é que tudo adoecia.
Já nenhum, por dar vida ao moribundo alento,
 Catava mais nenhum sustento.
Não havia manjar que o apetite abrisse,
 Raposa ou lobo que saísse
 Contra a presa inocente e mansa,
 Rola que à rola não fugisse,

E onde amor falta, adeus, folgança.
O leão convocou uma assembléia e disse:
"Sócios meus, certamente este infortúnio veio
A castigar-nos de pecados.
Que o mais culpado entre os culpados
Morra, por aplacar a cólera divina,
Para a comum saúde esse é, talvez, o meio.
Em casos tais é de uso haver sacrificados,
Assim a história no-lo ensina.
Sem nenhuma ilusão, sem nenhuma indulgência,
Pesquisemos a consciência.
Devorei muita carneirada.
Em que é que me ofendera? Em nada.
E tive mesmo ocasião
De comer igualmente o guarda da manada.
Portanto, se é mister sacrificar-me, pronto.
Mas assim como me acusei,
Bom é que cada qual se acuse; de tal sorte
Que (devemos querê-lo, e é de todo ponto
Justo) caiba ao maior dos culpados a morte.
— Meu senhor, acudiu a raposa, é ser rei
Bom demais; é provar melindre exagerado.
Pois então devorar carneiros.
Raça lorpa e vilã, pode lá ser pecado?
Não. Vós fizestes-lhes, senhor,
Em os comer muito favor.
E no que toca aos pegureiros,
Toda a calamidade era bem merecida;
Pois são daquelas gentes tais
Que imaginaram ter posição mais subida
Que a de nós outros animais".
Disse a raposa; e a corte aplaudiu-lhe o discurso.
Ninguém do tigre nem do urso,
Ninguém de outras iguais senhorias do mato,
Inda entre os atos mais daninhos,
Ousava esmerilhar um ato;
E até os últimos rafeiros,
Todos os bichos rezingueiros

Não eram, no entender geral, mais que santinhos.
Eis chega o burro: — "Tenho idéia que no prado
De um convento, indo eu a passar, e picado
Da ocasião, da fome e do capim viçoso,
E pode ser que do tihoso,
Um bocadinho lambisquei
Da plantação. Foi um abuso, isso é verdade".
Mal o ouviu, a assembléia exclama: aqui del-rei!
Um lobo, algo letrado, arenga e persuade
Que era bom imolar esse bicho nefando,
Empestiado autor de tal calamidade.
E o pecadinho foi julgado
Um atentado.
Pois comer erva alheia! O crime abominando!
Era visto que só a morte
Poderia purgar um pecado tão duro.
E o burro foi ao reino escuro.

Segundo sejas tu miserável ou forte,
Áulicos te farão detestável ou puro.



Os desejos

José Inácio de Araújo (Trad.)

Há no Mogol uns duendes
Serviçais — uns criadinhos,
Leitor, se não compreendes,
Passe na fé dos padrinhos.
Para limpar a casa erguem-se cedo,
E fazem muito mais;
Mas no que arranjam não toqueis com um dedo.
Porque tudo estragais.
Um destes, perto ao Ganges alojado,
Tratava dum jardim
E era pelo patrão muito estimado.
(Devia ser assim).

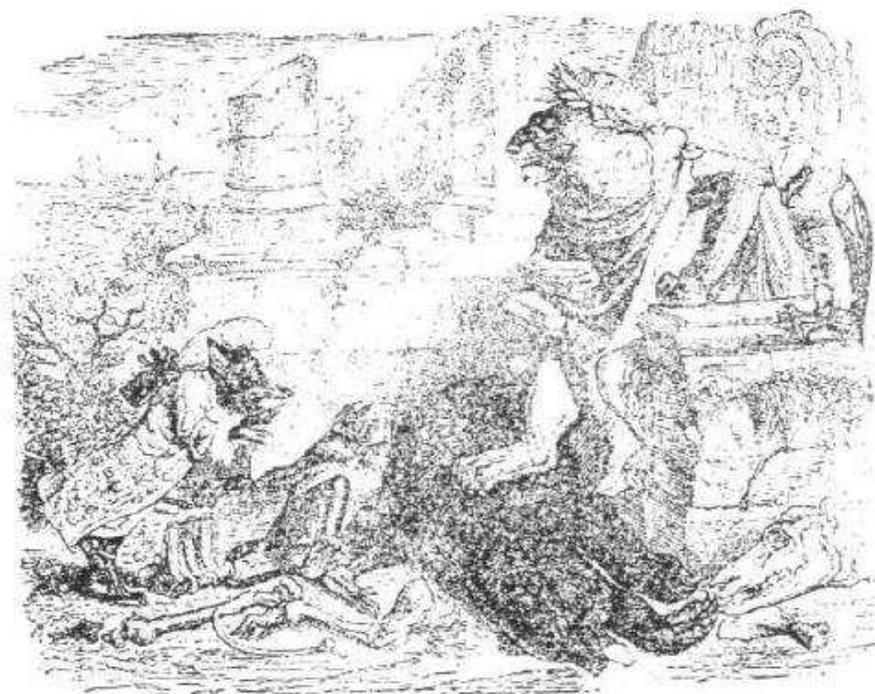
Porém outros duendes (dos mais reles,
Segundo o que se conta)
Tomaram-no de ponta
E forjaram intrigas. O rei deles,
Por ordem que assinou com a régia mão,
Manda-o dali sair;
E ele, antes de partir,
Saudoso se despede do patrão:
— "Posso cumprir, no momento,
Três desejos que tu tenhas;
Dize no que mais te empenhas,
Que ao teu serviço me vês."
— "Dá-me riqueza abundante
Que todo o mundo cobice."
O duende, se bem o disse,
Ainda melhor o fez.

Ei-lo cheio de riquezas,
Que lhe engrossam a vaidade;
Já não sabe onde arrecade

Os seus imensos milhões:
Já o carregam tributos,
Já lhe pedem por abono;
E por vezes perde o sono
Com receio dos ladrões.

"Vem, ó mediana!" — Ela ao pedido
Acode; é festejada,
E bem agasalhada...
E só falta um desejo a ver cumprido.
Riu-se o duende ao ver que em coisas fúteis
As horas se consomem,
Que bem se empregariam nas mais úteis;
E então o nosso homem

Pediu a sapiência, bem sem par,
O mais útil e fácil de guardar.



A corte do leão

José Inácio de Araújo (Trad.)

Um dia, a leonina majestade,
Forte no dente e unha,
Quis saber com verdade
De que povos seu reino se compunha;
E convocou por circular firmada
Com o selo real
A vária bicharada.
Dizia o papelucho, por sinal,
Que o rei daria audiência,
E que esta, por maior magnificência,
Seria aberta ao grito
Do macaco em caretas mais perito.
O monarca entendeu,
Para ostentar grandeza entre os vassalos,
Ao seu real palácio convidá-los...
Mas que palácio o seu!...
Depósito de restos da matança,
De exalações ingratas
Que obrigam o urso, mal na entrada avança,
A tapar os narizes com as patas.

O rei, vendo isto, pula
E da vida e do enjôo lhe dá cabo. —
A sacudir o rabo,
O mono aplaude a ação, e em prosa chula

Tece grande louvor
À cólera de um rei tão justiceiro,
E diz que não há flor,
Que vença do antro o delicado cheiro.

Sua lisonja tola
Teve por prêmio a morte.
Este senhor, a quem não lhe *ia à bola*.

Não sabia ensinar por outra sorte.
Estava a raposa perto,
E o leão lhe pergunta em sério tom:
"Com franqueza, este cheiro é mau ou bom?"
Responde o bicho esperto:
"Pronta o vosso desejo aqui cumprira,
Se um defluxo, que tenho, o consentira".

Os contos são úteis, de ensino são ricos:
Se acaso na corte puderes entrar,
Faz sempre o teu jogo com pau de dois bicos,
Terás a certeza de ali agradar.

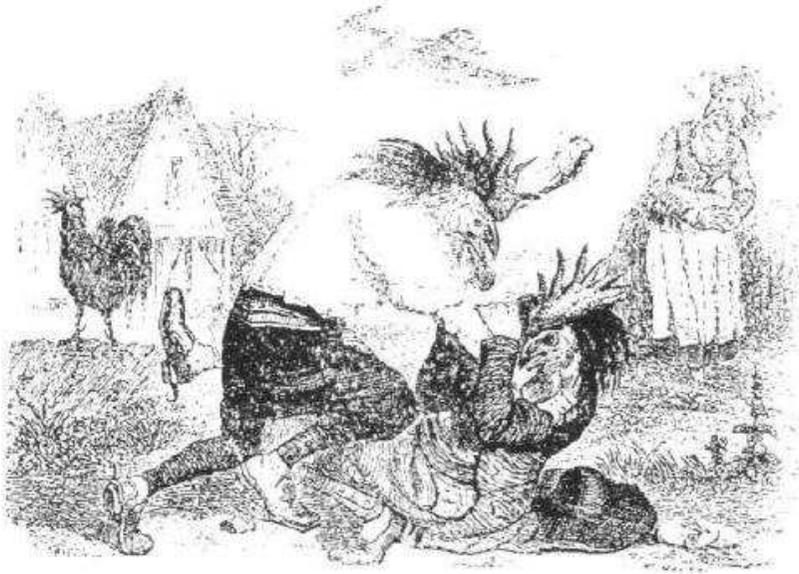
O carrão e a mosca

Conde de Azevedo e Silva (Trad.)

Trepando a custo em íngreme ladeira
Inundada de sol e de poeira,
Por um carrão bojudo,
Seis valentes cavalos, vão puxando.
Mulheres, frades, velhos, desceu tudo.
Sopram, suam as bestas, e a miúdo
Pegam-se, exaustas: quando
Surde uma mosca em roda
E chega-se aos cavalos;
Pretende com o zumbido estimulá-los
E mover a caranguejola toda
Um e outro aguilhoando, ora sentada
Na lança, ora nas ventas do cocheiro.
Mas em vendo o carrão pela calçada
De novo andar ligeiro.
Em si própria resume toda a glória.
Corre de um lado e doutro num tormento,
Qual ativo sargento
Na pugna contribui para a vitória!



Depois entra a clamar
Que não tem quem lhe acuda;
Como há de o carro andar,
Se ninguém mais a ajuda?
Rezava o frade o ofício;
O ensejo era propício!
Cantando ia uma dama: "Ora, cantigas!
A mosca lhe zunia, em boa hora!"
Louca andava! Depois de mil fadigas,
Chega ao alto o carrão: "Descanso, agora!
Descanso! A mosca diz, —
Afinal tanto fiz
Que em cima os pus! Cavalos, meus senhores,
Façam favor, paguem-me os meus labores!"
Assim também há gente entremetida
Que se finge expedita e diligente,
E é somente atrevida.
Fora com eles, fora, que é má gente!



Os dois galos

Couro Guerreiro (Trad.)

Dois galos se meteram em peleja
A fim de saber qual deles seja
O capataz de um bando de galinhas:
Unhadas e bicadas tão daninhas
Levou um, que se deu por convencido,
E andava envergonhado e escondido.

O vencedor se encheu de tanta glória,
Que para fazer pública a vitória,
Pôs-se de alto, voou sobre umas casas;
Ali cantava, ali batia as asas.

Andando nestas danças e cantares,
Veio uma águia, levou-o pelos ares;
E saindo o que estava envergonhado,
Gozou do seu ofício descansado.

Quem contemplasse bem quão pouco dura
Neste mundo qualquer prosperidade,
Livre estava de inchar por vaidade
Com um leve sucesso de ventura.

O que tem a alegria por segura
E doente, e o seu mal fatuidade;
Que ela passa com muita brevidade,
E vem logo a tristeza, e muito atura.

De mudanças o mundo está tão cheio,
Que hoje rio, amanhã estou sentindo
Uma grande desgraça que me veio:
Delira quem dos tristes anda rindo;
Que é absurdo gostar do mal alheio,
Quando o próprio a instantes está vindo.



L I V R O V I I I



A morte e o moribundo

Barão de Paranapiacaba (Trad.)

Nunca é da morte surpreendido o sábio.
Pronto sempre a partir, sabe o momento,
Em que lhe cumpre da jornada extrema
Os aprestos dispor. Ah! Que esse instante
Todos os tempos no seu grêmio abrange.
Fazei-lhe embora a divisão por dias,
Por horas, por minutos, por segundos,
Não há porção, ou átomo integrante
Da longa duração, que não se inclua
No tributo fatal; todos e tudo
São do domínio seu; nada lhe escapa.
Às vezes, no momento em que no mundo
Abrem olhos à luz dos reis os filhos,
A fria mão da Morte inexorável
Por todo sempre as pálpebras lhes fecha.
Da grandeza fazer escudo e amparo,
Mocidade alegai, virtude e graças;

Tudo vos rouba sem pudor a Morte.
Um dia inda virá que o mundo inteiro
Há de aumentar-lhe a colossal riqueza.
Nada mais certo do que a morte existe;
Nada nos acha menos preparados.

Moribundo que mais de cem anos
De vida contava,
Porque a morte queria levá-lo
De chofre — a acusava.

Constrangê-lo a partir sem que o deixe
Fazer testamento!
Nem sequer preveni-lo que havia
Chegado o momento!

"Pois é justo (dizia) que eu morra
Assim de repente?
Minha esposa que eu parta sem ela
Não quer, não consente.

Esperai, pois a um neto-sobrinho
Me resta empregar;
Dai-me tempo a que eu possa na casa
Um lanço puxar

Oh! Não sejas cruel Divindade,
Tão sôfrega assim!"
"Surpreender-te (responde-lhe a Morte),
Meu velho, não vim.

Sem razão de insofrida me acusas.
Cem anos não contas?
Quanta gente que tenha essa idade
No mundo me apontas?

Quando muito, haverá dez macróbios
Em todo o país;

Muito esperto serás, descobrindo
Uns dois em Paris.

Acabaras a casa, se em tempo
Te houvesse avisado!
Testamento tiveras escrito
E o neto arrumado!

Mas não foi um aviso o sentires
Os membros tolhidos,
Fraco o espírito e sem energia
Engenho e sentidos?

Para ti nada agora se veste
De gala, ou magia;
Para ti toma inúteis desvelos
O astro do dia.

Tu lastimas uns bens que não podes
Gozar neste mundo;
Teus amigos mostrei-te ou já mortos,
Ou já moribundos.

Não foi isto avisar-te? — E já tempo;
Partamos depressa;
À república o teu testamento
Em nada interessa".

Disse bem. Eu quisera esta vida
Deixar prazenteiro,
Qual se deixa um festim, dando graças
Ao bom hospedeiro.

Eu terei minha mala provida
E pronta a bagagem;
Pois quem pode prever os transtornos
Da longa viagem?

Murmuras, velho! Contempla
Essa valente coorte
De jovens, que marcham, correm
A nobre, mas certa morte!

Que vai clamar? De indiscreto
— Meu zelo na pecha incorre;
Quem mais se assemelha a um morto.
Mais contra vontade morre.

O financeiro e o remendão

Joaquim Serra (Trad.)

Um remendão cantava noite e dia,
Era um gosto escutá-lo!
Ditoso na pobreza, parecia
Um nababo nadando na opulência.
Seu vizinho não tinha igual regalo,
Nem tranqüilo repouso.
Apesar da riqueza, a consciência
Trazia-o cuidadoso.
Um financeiro era o tal vizinho;
E vivia acusando a Providência
De não ter feito o sono e a alegria
Uma mercadoria.
Que se comprasse como o pão e o vinho.
Se às vezes dormitava,
Do remendão o canto o acordava!
Fê-lo ir à sua casa o financeiro
E perguntou-lhe: — "Ó mestre, a quanto monta
O que podes ganhar num ano inteiro?
— Não posso calcular tamanha conta...
Tantos santos há hoje na folhinha



Causando feriados,
Que não ousou dizer, por vida minha,
Quanto um ano me rende... Alguns cruzados,
Pra não morrer de fome, chega apenas
O que faço por dia,
Miserando salário,
Após muito trabalho, rudes penas!...

— Pois toma esta quantia,
Retruca o milionário;
Quero dar-te a fartura.
Não mais trabalharás em tua vida!"
E entregou-lhe uma bolsa bem sortida.

Foi às nuvens o pobre sapateiro!
Julgou-se logo o dono

De todo o ouro da terra!
Apressado correu ao seu telheiro,
Aonde esconde e enterra
Não só o ouro... a alegria e o sono!...

Adeus, ledas cantigas!
Qualquer ruído o põe em sobressalto;
Se dorme, escuta vozes inimigas,
E treme até do leve andar do gato!
O mísero maldiz do seu contrato,
E prestes o desfaz;
Vai ter com o financeiro
Que tranqüilo dormia,
E diz-lhe: "Tome lá o seu dinheiro,
Guarda-o, eu guardarei a cantaria
E o meu dormir em paz!"

As mulheres e o segredo

José Inácio de Araújo (Trad.)

Não é lá no pensar muito atilado
Quem a mulher confia o seu segredo...
Mas neste ponto também tenho medo
Muitas vezes do sexo que é barbado.

Para experimentar sua mulher,
Estando certa noite ao lado dela,
Um marido exclamou: — Ai, Micaela,
Que dores tão cruéis! Que atroz sofrer!

Não sei triste de mim, como me agüente!
Mas que é isto, mulher? Ó caso novo!...
Mesmo agora acabei de pôr um ovo!
"Um ovo!? — Aqui o tens; inda está quente!"



Não contes este caso; tem cuidado, —
Quando não de galinha põem-me a alcunha."
A mulher, que o engano não supunha,
Jurou fechar a boca a cadeado.

Mas apenas se ergueu de manhãzinha
Esta pouco assisada Micaela,
Desejosa de dar à taramela,
Foi o caso contar a uma vizinha.

"Sabe, comadre, o que hoje sucedeu?...
— Então que foi? Que foi? — O meu Torquato
Pôs um ovo que enchia bem um prato!...
Mas não conte a ninguém, ouviu? — Quem? Eu!"

Do peso do segredo aliviada,
A mulher do do ovo entrou em casa;
Mas a vizinha já se vê em brasa
Por dar esta notícia desusada.

Deixa o almoço ao lume, sai mui pronta
E a outra conta a história de bom gosto;
Mas ao ovo que o homem tinha posto
Acrescenta mais um por sua conta.

O caso vão contando estes e aqueles,
E cada qual seu ovo acrescentava;
De sorte que à noitinha se afirmava
Que o homem tinha posto um cabaz deles.



O cão que leva o jantar ao dono

José Inácio de Araújo (Trad.)

Marchando com grande entono
Um cão esperto e sagaz,
Levava o jantar ao dono
Em um pequeno cabaz.

Passa outro cão atrevido,
Entra a rosar, a rosar,
E mostra-se decidido
Em lhe tirar o jantar.

Mas o que pensa não faz,
Que o primeiro cão, valente,
Da boca larga o cabaz
E ao ladrão refila o dente.

Um bando de cães acode;
Vê-se o jantar em perigo;
E o fiel cão, que não pode
Combater tanto inimigo,

Diz aos irmãos com bom modo:
"A questão é de barriga;
Reparta-se isto por todos
E não pensemos na briga".

Este atira-se a um bocado,
Aquele a um outro cobiça;
Cada um puxa para seu lado...
Foi fogo viste, lingüiça!

É parecido este cão
Ao empregado zeloso
Que arrecada, escrupuloso,
Os dinheiros da nação;

Mas não podendo estorvar
Que os outros comam do bolo.
Não quer que lhe chamem tolo
E é o primeiro a roubar

O urso e o amador de jardins

José Inácio de Araújo (Trad.)

Em um bosque solitário
De funda mudez sombria,



Por lei do destino vário
Oculto um urso vivia.

Podia perder, coitado,
O juízo; — vem dele a míngua
Ao que se vê isolado
Sem ter com que dar a língua.

É muito bom o falar,
O calar-se inda é melhor.
Dos sistemas no abusar
É que se encontra o pior.

Como no bosque recurso
Pra conversar não achava,
Aborreceu-se o nosso urso
Da vida que ali levava.

E, enquanto em melancolias
Ia consumindo o alento,
Não longe passava os dias
Um velho em igual tormento.

O velho amava os jardins,
Que a capricho Flora esmalta.
Belo emprego, mas dos ruins.
Quando um bom amigo falta.

E cansado de viver
Com *gente* que muda nasce,
Meteu-se a caminho, a ver
Se achava com quem falasse.

Ora, quando o velho ia
Saindo para a jornada,
Do bosque o urso saía
Levando a mesma Fisgada.

Encontraram-se, era cedo,
E o velho, como é de crer,
Teve do urso grande medo
Como teria qualquer.

Mas por fim, julgando-o manso,
Com ele simpatizou:
"Queres jantar com descanso
No meu lar?" Ele aceitou.

Comeram; d'alma no centro
Nenhum receou perigos;

E ficam portas a dentro
Vivendo os dois como amigos.

O velho as flores regava,
Com que muito se entretinha;
O urso saía, caçava
E abastecia a cozinha.

E tanto afeto exhibia,
Embora em maneiras toscas,
Que quando o velho dormia,
Até lhe enxotava as moscas.

Mas um moscardo maldito
Apareceu, tão ruim.
Que o urso se viu aflito
Pra conseguir o seu fim;

E, de raiva furioso,
Agarra um matacão,
E esborrachou o teimoso...
Sobre a tola do patrão!

A mil éguas fulanejas
Lance a Parca a dura foice:
Querem encher-nos de beijos,
E o que dão, por fim, é coice!



O porco, a cabra e o carneiro

José Inácio de Araújo (Trad.)

Uma cabra, um carneiro e um porco gordo,
juntos num carro, iam à feira. Creio
Que todo o meu leitor será de acordo
Que não davam por gosto este passeio.

O porco ia em grandíssimo berreiro
Ensurdecendo a gente que passava;
E tanto um como outro companheiro
Daquela berraria se espantava.

Diz o carreiro ao porco: "Por que gritas,
Animal inimigo da limpeza?
Porque, trombudo bruto, não imitas
Dos companheiros teus a sisudeza?"

— Sisudos, dizes?!... Quer-me parecer
Que não têm a cabeça muito sã,
Porque pensam que apenas vão perder,

A cabra o leite e o carneiro a lã.

Mas eu, que sirvo só para a lembrança,
Envio um terno adeus ao meu chiqueiro...
Pois cuido que à goela já me avança
O agudo facalhão dos salsicheiros!

Pensava sabiamente este cochino,
Mas pra que, pergunto eu? Se o mal é certo,
É surdo às nossas queixas o destino;
E o que menos prevê é o mais esperto.



As exéquias da leoa

Barão de Paranapiacaba (Trad.)

Tendo estado alguns dias doente,
Faleceu a mulher do leão;
A seu rei, pela perda sofrida,
Tristes pêsames dar todos vão,
Condolências que ao pobre viúvo
Mais agravam a imensa aflição!

Fez saber o leão a seu reino
Que em tal dia, a tal hora e lugar,
Se deviam com pompa solene
As exéquias reais celebrar;
Ao preboste cumpria o regê-las
E aos do séquito em linha ordenar.

Tudo às ordens do chefe obedece,
Como os nossos leitores prevêem;
Troa aos berros da fera a caverna,
(Que os leões outro templo não têm).
E os da corte arremedam-lhe os brados.
Em vasconço rugindo também.

Eu entendo por corte uma terra,
Povoada de apática gente,
Que de coisa nenhuma se importa,
E pra tudo disposta se sente.
A estudar nas feições de seu amo
Se ela deve estar triste ou contente.

Se, baldando os esforços, não logra
Ser aquilo que o rei quer que seja,
Pelo menos, usando artificios,
Por tentar parecê-lo forceja.
Deus permita que sempre na vida
Dessa gente afastado me veja!

* * *

Povo, macaco dos amos,
Camaleão furta-cores!
Uma só alma creríeis
Nesses mil adutores;
Esses, sim, podem chamar-se
Relógios reguladores.

Mas... para voltar ao conto...
O veado não chorou;
De sua rainha a morte
Como justiça encarou;
Pois alguns anos antes,
Filho e esposa lhe matou.

Desse fato ao rei dos bichos
Deu parte um vil lisonjeiro,
E ajuntou, por conta sua,
Que vira rir o galhofeiro,
Mostrando, em meio do luto,
Um semblante prazenteiro.

Diz Salomão que é terrível
Sempre a cólera de um rei.
Que a do rei leão sublima,
Sem receio afirmarei.
Se o veado, estranhos aos livros.
Sabia disto — não sei.

Brada o leão: "Ris, ó biltre,
Hóspede mau da espessura;
Não imitas essas vozes,
Ecos da interna amargura?
Vou mandar que te castiguem
Miserável criatura!

Não profano as sacras unhas
Em tua carne daninha;
Vingai, lobos, nesse infame
A vossa augusta rainha;
Imolai-o aos manes dela
Aqui na presença minha!"

"Sire! O tempo dos lamentos
(Volveu o cervo) é passado;
O pranto agora é supérfluo;

Já demais haveis chorado;
De vossa cara metade
Eu vi o vulto sagrado;

Toda de flores cercada
Há pouco me apareceu,
E minha vista, sem custo,
Distinta a reconheceu;
E (disse:) — O que vou narrar-te
Ouve atento, amigo meu.

Não quero pranto e gemidos
Neste solene momento;
Para Deus, para os Elísios,
Me leva este saimento;
Ao lado dos outros santos
Gozo o céu a meu contento.

Deixa o rei, por algum tempo,
Em dolorosa agonia;
Se chora, é que tem saudades;
Isso causa-me alegria."
Apenas se cala o cervo,
Rompe em grita a bicharia:

"Apoteose, milagre!"
E o cervo, em vez de punido,
Foi, entre palmas e bravos,
Em triunfo conduzido,
Sendo-lhe um rico presente
Afinal distribuído.

* * *

Com ilusões fagueiras
Os reis lisonjeai;
Com aprazíveis nugas
Seu ânimo embalai.

Por mais que tenham n'alma
A cólera a ebulir,
Hão de afeição votar-vos
E a pílula engolir.



O burro e o cão

Fernandes Costa (Trad.)

A lei do mútuo auxílio é lei antiga e bela
Imposta por Natura.
O burro, com ser burro, andava ao fato dela
E, se em funesto dia a desprezou de vez,
Não sei como tal fez.
Esta justiça devo à boa criatura.
No convívio do cão, seguia de jornada,
Com toda a pacatez e sem pensar em nada.

Tinham o mesmo dono,
O qual, afadigado,
Fez a vontade ao sono.
Veio a talho de foice o caso apropriado,
Pois isto sucedeu, mesmo a meio de um prado
Onde a erva crescia à mão de semear.
O burro, que não era afeito a hesitações,
Pôs-se logo a pastar.
De cardos viu a falta, olhando-a indiferente,
Pois muito bem sabia
Que era ser exigente.
Ele, a gema, o primor dos burros mansarrões,
Negar-se a dispensar, ao menos por um dia,
O freqüente manjar, que ainda o fartaria
Em mais ocasiões.
Criado em tais doutrinas,
Sabia as paixões más vencer de quando em quando
E, assim, dizendo adeus às tentações mofinas,
Continuou pastando.
O cão, esse, coitado! À força de jejum,
Viu-se obrigado a ter menos filosofia;
Chegou-se francamente: "Amigo, eu tiraria
Decerto o meu jantar
Podendo-lhe chegar.
Tenho deveras fome, e a fome é um tormento;
Dá-me um minuto só, faze-me este favor.
Abaixa-te um momento".
O burro nem palavra. Aquilo era, talvez,
Ataque de surdez;
Ou estaria pensando, inconscientemente:
Ser caridoso é bom, mas é muito melhor
Calar e ir dando ao dente.
Volvido largo tempo, achou-se mais disposto
O burro a responder. Vê-se que a digestão
Lhe despertava o gosto
De dar à taramela. Assim falou ao cão:
"Amigo, ouve um conselho;
Deves saber esperar e deves ter paciência.

Lições da experiência
Que eu sei, já por ser velho.
Mais um momento, e breve,
O nosso dono esperta. O seu dormir é leve,
E tão depressa acorde, é ponto certo que há de
Cuidar logo de ti, tratando-te de sorte,
Que fiques como um frade".
Nisto, um lobo feroz, renunciando morte,
Aparece, esfaimado.
O burro, transtornado,
Aflito, chama o cão e pede que lhe acuda.
Outra vez se repete a mesma cena muda,
Até que o cão responde: "Ouve um conselho amigo:
Deita a fugir depressa, enquanto o nosso dono
Acaba de dormir. Ele tem leve o sono,
E logo que acordar, acode, sem demora,
A livrar-te do perigo.
Quem sabe até se agora
Já sonhará contigo?
Bem sabes que o viver tem cenas variadas,
No mundo anda-se exposto a muitas más venturas:
Se o lobo te apanhar, levanta as ferraduras
E quebra-lhe as queixadas".
Ao burro este aranzel de pouco aproveitou,
Pois, durante o sermão,
O lobo o devorou,
Sem dó nem remissão.
*É bom, convém saber,
Uns aos outros valer.*

O gato e o rato

Filinto Elísio (Trad.)

Quatro animais diversos,
O gato grama-queijo,



O mocho, ave triste-feia,
Doninha talhi-longa
E o rato trinca-malha,
Frequëntavam o tronco
Asselvajado e podre
E velho, dum pinheiro.
E tanto o frequëntaram
Que um homem certa noite
Em torno dele as redes
Estendeu. — Sai o gato
De madrugada à caça.
Como as relíquias últimas
Das sombras lhe tolhiam
Ver a rede, cai nela;
Ei-lo em perigo de morte!
Grita: vem logo o rato.
Um mui desesperado,
O outro folgando muito
De ver nos laços preso
Seu mortal inimigo;
Disse-lhe o triste gato:

"Caro amigo, os penhores
Da tua benquerença
Em meu pró são freqüentes,
Vem me ajudar; que eu saia
Da trempe, em que ignorante
Caí. Por bom direito
Com singular afeito
Entre os teus todos sempre
Te preservei! Que te amo,
Como olhos meus. Nem disso
Me pesa. A Deus dou graças;
E agora ia eu rezar-lhe,
Como insta a todo o gato
Devoto as manhãs todas
Fazer. Tais nós me prendem:
Vem quebrar-me estas malhas,
Tens na mão minha vida."

RATO

Que prêmio é o que me espera?

GATO

"Jurar-te aliança eterna;
Dar toda a segurança;
Dispõe das minhas unhas:
Por ti, e contra todos
Empenho o meu amparo.
Comerei a doninha,
Mais a mulher do mocho,
Que ambas mui mal te querem."

RATO

— Como és tolo! Eu soltar-te!
Assim seria eu asno! —
Volve-se ao seu cubículo,

Que é ao pé da doninha;
Trepa mais alto o rato,
E dá co mocho. Perigos
Em toda a parte encontra.
O mais instante o vence,
Ao gato o trinca-malhas
Desce e se ajeita em modo
Que trinca um nó, trinca outro,
Trinca tantos, que a cabo
Desempecilha o hipócrita.
Nisto aparece o homem;
Fogem os dois aliados. —
Passam tempos. Vê o gato
De longe o rato alerta,
Bem que afastado; e diz-lhe:
"Vem-me beijar; vem, mano;
Me ofende o teu receio,
Como inimigo olhares
O teu aliado! Cuidas
Que me esquece dever-te,
De Deus abaixo, a vida?"

RATO

Cuidas, que eu do teu gênio
Me esqueço? Há tratado,
Que a nenhum gato obrigue
A ser agradecido?
Eu finco pé na aliança,
Que armou necessidade?"



LIVRO IX



Os dois pombos

José António de Freitas (Trad.)

Amavam-se dois pombos ternamente
Com suave meiguice e amor profundo.
Um deles — que loucura! — de repente
À casa toma tédio, quer ver mundo.

"Que vais fazer? diz-lhe então

Já saudoso o companheiro:
Medita, pensa primeiro,
Assim deixas teu irmão?

Ninguém duvida que a ausência
É dos males o maior;
Não para ti!... Só se for
Que os trabalhos, a inclemência,

E dessa jornada o perigo,
Que pretendes arrostar,
Possam teu peito mudar
Em peito bondoso, amigo.

Se mais perto a primavera
Sorrisse alegre, então... vá!
Quem te obriga a partir já?
Espera o zéfiro, espera;

Há pouco um sincero corvo
Crocitou, e à nossa raça
Agorou muita desgraça
Em tom profético e torvo.

Só nas coisas infelizes
Doravante pensarei;
Em redes, falcões, que sei?..
Tiros, flechas e boizes.

Ah! — direi quando chover:
Meu pobre irmão, coitadinho.
Terá ceia, terá ninho,
E tudo o que lhe é mister?"

Esta linguagem branda e cheia de bondade
Enternece-lo faz;
Teve, porém, mais força a indômita vontade
Do viajante audaz.

"Não chores; três dias bastam-me —
Já vês que é curta a demora —
Para matar este férvido
Desejo que me devora.

Quando voltar, com que júbilo
Referirei por miúdo
Aventuras, episódios,
Incidentes, tudo, tudo!

Quem pouco vê, é certíssimo
Que pouco pode contar.
Eu te direi que, em tal época,
Achava-me em tal lugar,

E tu, enlevado, extático,
De me ouvir falar assim;
Hás de julgar — asseguro-te —
Que estavas ao pé de mim."

Assim falou, e em pranto de soluços
Despediram-se os dois. O viajante
A jornada começa. Não distante
Da casa, que fugira, carregada

Ergue-se no ocidente escura nuvem,
Que em chuva se desata, e o peregrino
Corta os ares em louco desatino.
Um albergue buscando, uma pousada

Negro tronco, de folhas quase nu,
Se lhe depara então. Voa ligeiro,
E mal pode encontrar de triste ulmeiro
Entre a folhagem rara asilo pobre.
Depois, quando outra vez se anila o céu,
Frio, molhado sai do humilde abrigo,
Enxuga as penas, parte e muito trigo

Espalhado no campo além descobre.

Outro pombo vê perto, e sem detença
Dirige-se pra lá.

E quando cuida mais, quando mais pensa
Gozar com igual ventura imensa.

Num laço preso está.
Que por mão ardilosa, enganadora,
Por debaixo do trigo armado fora.

O laço era já velho. O prisioneiro
Esforça-se, porfia, teima, luta.
De tal forma trabalha
Com as asas, bico e pés, que, enfim, consegue
Quebrá-lo, ver-se livre, muitas penas
Deixando na batalha.

Mas a fortuna má, que o segue, e nutre
Contra o pombo infeliz ódio entranhado,
Já lhe mostra nos ares um abutre,
Que voraz, esfaimado,
Mal o avista, a vontade sente acesa
De lhe deitar a garra e fazer presa.

E o mísero, que traz restos de guita
A cortar-lhe inda os pés,
Um galeote, um criminoso imita
Fugindo das galés.

Eis que, porém, naquele mesmo instante,
Batendo as asas longas,
Das nuvens arremessa-se gigante
Uma águia, e, sem delongas,
Trava-se entre os ladrões rude peleja
Por lograr cada qual o que deseja.

O pombo, como terceiro,
Aproveita do combate;

Ergue o vôo e só o abate
Quando encontra um pardieiro,

De seu bárbaro destino
Julgando o pobre animal
Que a peripécia final
Era este caso mofino.

Mas um rapaz turbulento, —
Não tem compaixão a infância! —
Uma pedra com tal ânsia
Lhe envia, que, sem alento,

Quase o deixa. — Maldizendo
A sua curiosidade,
Vai para casa gemendo.
Meio coxo, meio morto,
E, sem outra novidade,
Chega do ninho ao conforto.

A lande e a abóbora

Barão de Paranapiacaba (Trad.)

Deus bem sabe o que faz. Escusa procurar
As provas desse acerto; a abóbora as vai dar.
Viu este fruto um lorpa e, estando a contemplá-lo,
E achando-o muito grande e mui delgado o talo,
"Em que pensava (disse) o autor desta invenção,
Que da abóbora fez tão má coleção?
Se fosse cá por mim, não tinha mais trabalho
Que fazê-la pender daquele alto carvalho.
Por Deus, que isto calhava; em árvore tão grande
Assenta fruto assim e não mesquinha lande.
— Que pena, João, não teres figurado
Na assembléia do Deus, do cura apregoado?



Tudo ficara então melhor distribuído:
O fruto, que ao carvalho eu vejo suspenso,
E ao meu dedo meiminho iguala na grossura,
Pousara, em lugar dela, ao rente da planura:
Deus se enganou, decerto. E quanto mais medito
Na má colocação dos frutos, que hei descrito,
Mais me parece nisto equívoco existir".
Com estas reflexões, privado de dormir,
O nosso camponês provava o dito certo:
"Quem muito engenho tem, conserva-se desperto,
"Porque lhe foge o sono". — Entanto, à fresca sombra
Deita-se de um carvalho em mole e verde alfombra.

Magoa-lhe o nariz lande, que se despega:
Desperta em confusão; com as mãos o rosto esfrega;
Na barba o fruto achou. Com dores do nariz:
"Oá! Pois não sangrou! Se fosse mais pesada
A massa que tombou, que tal fora a pancada!
Se uma abóbora fosse em vez desta frutinha.
Ficara em fresco estado a pobre face minha!
Tal não aprouve a Deus! Pois, sábio e onipotente.
Para assim proceder, motivo houve excelente".
E, graças dando ao céu por tudo quanto fez,
A casa recolheu-se em paz o camponês!



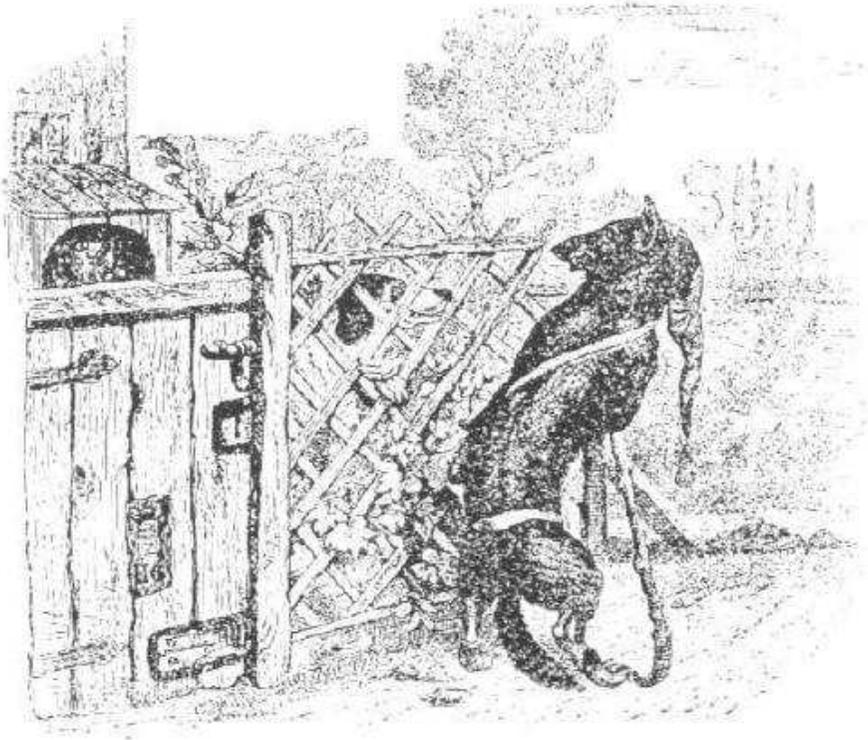
A ostra e os pleiteantes

Filinto Elísio (Trad.)

Dois peregrinos,
Um dia encontram

Na praia uma ostra,
Que o mar lançara.
Já com os olhos a sorvem, já com o dedo
A apontam um ao outro.
Pôr-lhe dente? — isso é ponto contestado.
Um se debruça
A colher preia,
E o outro o arreda,
E diz: "Saibamos
A quem compete
Ter dela o gozo.
O que a avistou primeiro, a trinque; e o outro
Veja-se com o olho,
Coma-a com a testa!
— Se o negócio, diz o outro, assim se julga,
Tenho — graças a Deus, esperto luzio.
— Nem os meus são ruins, disse o primeiro;
Que antes que tu, a vi; por vida o juro.
— Se a viste, a mim cheirou-me".
Neste comenos,
Chega ao pé deles
Juiz da Casinha.
Nele se louvam.
Mui grave o juiz recebe a ostra e — papa-a,
E os dois a olhar. — Refeição feita:
"Tomai — lhes diz, em tom de presidente —
Cada um sua casca,
Salva de custas,
E vão-se andando".

Contai quanto hoje custa uma demanda,
E o que a muitas famílias depois fica;
E vereis que o juiz vos leva o bolo,
E vós ficais com o saco, e com os trebelhos.



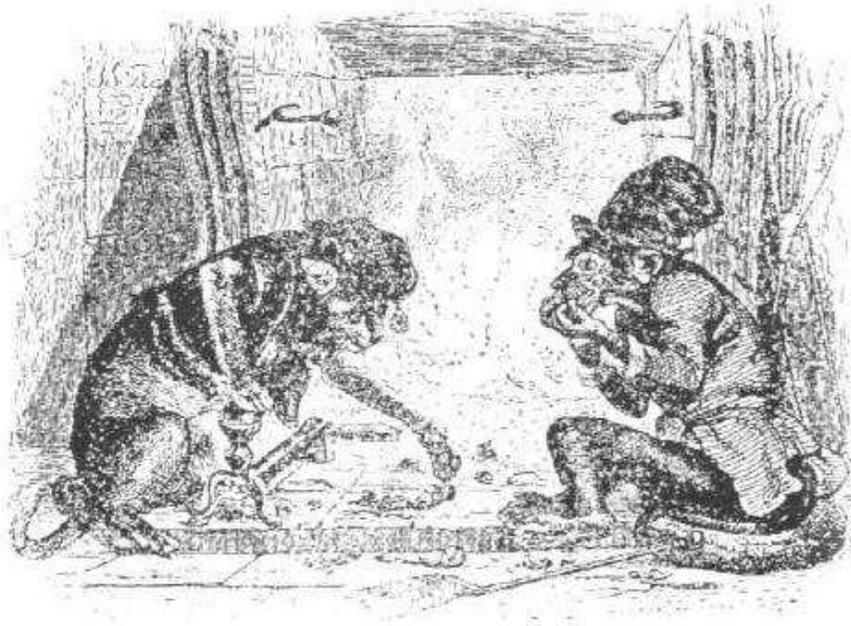
O lobo e o cão magro

Eduardo Garrido (Trad.)

A pequena distância de uma aldeia,
Um lobo encontra um gozo,
E quer ferrar-lhe o dente.
O cão, manhoso,
E vendo a coisa feia, —
Rabo entre pernas, — diz-lhe humildemente:
"Peço perdão, — mas Vossa Senhoria,
Ou não vê bem de perto,
Ou vê decerto
Em mim pobre iguaria!...
Eu sou o que se chama — um carga d'ossos:
Vendido em qualquer talho,
Não valho
Dois tremoços!...
Quer um conselho? Espere. Muito breve,

Meu dono casar deve;
Convidado
Já fui para o noivado;
Tempo de boda,
Tempo de fartura:
Faz-se gordura
Esta magreza toda!
Tal como sou, não passo de um lambisco;
Enquanto que depois de uns dias ledos, —
Não é por me gabar, — mas... um petisco,
Eu devo ser
De se lamber
Os dedos!...
Deixe que eu tire o ventre da miséria,
E venha, venha então!"
O lobo crê na léria...
E larga o cão!
Passam dias, — e, muito cauteloso,
Entra o lobo na aldeia,
A ver se acha no gozo
Melhor preia.
Mas, em lugar seguro, o cão, velhaco:
"Por cá, meu caro? — diz; — prazer sem-par!...
Dois dedos de cavaco
Eu e o guarda-portão te vamos dar;
Espere aí portanto,
Tiramos o ferrolho!" —
Era o guarda-portão
Um canzarrão
Capaz de estrangular um lobo, enquanto
O demo esfrega um olho! —
O lobo, ao vê-lo, diz — todo assustado:
"Senhor guarda-portão, um seu criado!"
E as pernas pôs em rápido exercício!

Ora aqui está um lobo que, a meu ver,
Mostrava não saber
Do seu ofício!



O gato e o macaco

Barão de Paranapiacaba (Trad.)

Eram Ratão e Bertoldo;
Aquele gato, este mono.
Comendo à mesma cozinha,
Sujeitos ao mesmo dono.

Que boa camaradagem
De daninhos animais!
De ninguém, fosse quem fosse
Se arreceavam os tais.

De alguma coisa estragada
Que aparecia no lar
A gente da vizinhança
Era escusado culpar.

Bertoldo furtava tudo;
De seu lado dom Beltrão,

Mais ao queijo, do que aos ratos
Prestava sua atenção.

Certo dia ao pé do fogo
Meus larápios contemplavam
Uma dúzia de castanhas,
Que no braseiro estalavam.

Que pechincha se pudessem
Surripiá-las com jeito!
Os tratantes nessa peça
Viam dúplice proveito.

O próprio interesse de ambos
Era o móvel principal;
Depois o prazer maligno
De fazer aos outros mal.

A Ratão disse Bertoldo:
"Irmão, que és fértil em manhas,
Faze agora uma de mestre;
Tira-me aquelas castanhas.

Se Deus me houvesse adaptado
Para do fogo tirá-las,
Que giro teriam elas!
Estava sempre a trincá-las!"

Foi dito e feito. Ratão
Metete a pata na lareira,
E um pouco afastando a cinza
Por delicada maneira.

Retira, em seguida, as unhas
E avança-as mais de uma vez;
Surripia uma castanha,
Depois duas, depois três.

Ia papando-as Bertoldo;
Eis que surde uma criada.
Adeus, gato! Adeus, macaco!
Vão batendo em retirada!

Ratão, segundo me contam,
Não se mostrou satisfeito;
Pois achou que era de tolo
O papel que tinha feito.

* * *

Muitos príncipes conheço,
Que nosso Ratão parecem;
Fazem quejanda figura,
E disso se desvanecem.

Vão escaldar-se às províncias
Por algum rei que os instiga;
É sempre o rei, quem, de fora,
Colhe proveito da briga.

A pastora e seu rebanho

Barão de Paranapiacaba (Trad.)

"Como assim! Desta bruta matula,
Um ou dois dias há de sempre faltar?
Cada dia há de o lobo, a seu salvo,
Alguns deles nas garras levar?"

Conto-os sempre. Eram mais de um milheiro
Quando, há pouco, o portão lhes abri;
Mas deixaram comer o mais lindo,
O mansinho Ton-ton-Dejali".



Conhecia-me a mais de cem passos,
Da sanfona atendia-me ao som;
Junto a mim sempre estava balando;
Que saudade! Ai! Meu pobre Ton-ton!"

Ao findar Berenice, a Pastora,
Esta fúnebre e terna oração,
Em que deu de Ton-ton à memória
Glorioso e perpétuo brasão;

Diz (falando ao rebanho, a seus cabos,
Ao vuigacho e ao menor dos cordeiros);
Que, mostrando-se todos bem firmes,
Venceriam os lobos matreiros.

Já por honra da classe protestam
Ter firmeza de marcos de estrada;
Querem morto o glutão odioso,
Que matara o seu bom camarada.

Cada qual a jurada palavra
Pela vida cumprir prometeu;
Deu-lhes fê Berenice e, de mimos
E louvores, contente, os encheu.

Mas apenas a noite assomara,
Sobreveio outro novo incidente:
Surde um lobo; eis abala em desordem
O rebanho ovelhum, que o presente.

A fazer debandada geral,
Nada tinha de lobo; era apenas
Mera sombra daquele animal.

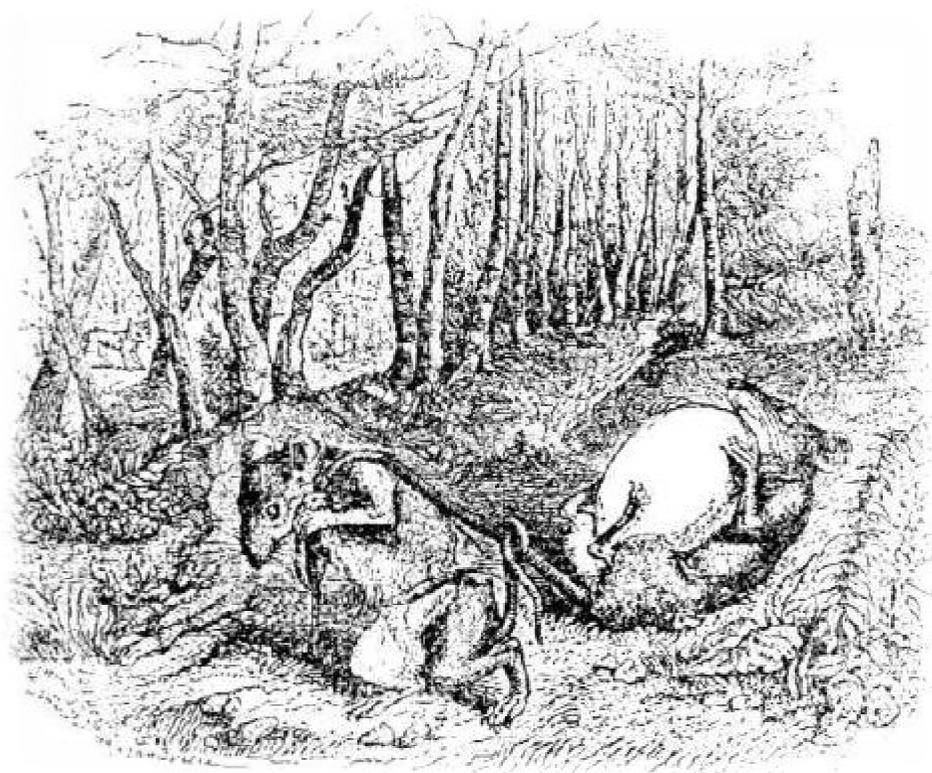
* * *

Proclamai a maus soldados,
Vê-los-eis bravateando,
E logo ao menor perigo
Costas ao fogo voltando.

Em vão lhes bradais: "À frente!"
Adeus, valor e coragem!
Não os contém vosso exemplo,
Nem vossa heróica linguagem!



LIVRO X



Os dois ratos, o raposo e o ovo

Barão de Paranapiacaba (Trad.)

DISCURSO A MADAME DE LA SABLIERE

Íris! Eu te louvara! Empresa grata!
Nada mais fácil que te dar louvores.
Mas, por cem vezes recusaste incenso,

Nunca imitando, neste ponto, as outras,
Que almejam cada dia encômios novos.
Nenhuma delas adormece, ó Íris,
A murmúrio tão brando e lisonjeiro.
Não as censuro; o sestro lhes tolero.
Sestro aos numes comum, aos reis e às belas.
Este licor que a raça dos poetas
Exalta ao quinto céu; — suave néctar
Que ao senhor do trovão servem no Olimpo,
E, por nós ministrado em taças de ouro,
Inebria da terra os deuses todos,
É, íris, o louvor. Nunca o provaste.
Tens, em compensação, mais almos gozos:
— O comércio do lar, colóquio ameno,
Em que fornece o acaso assuntos vários,
Sem que se excluam da conversa amável.
Áurea nugas, ligeiras bagatelas.
Não crê o mundo, no qual ali se passa;
Pois deixemos o mundo e as crenças dele.
— Quimeras e ciência e ninharias,
O nada, — o tudo é bom; digo e repito
Que haver deve de tudo em tais palestras.
É jardim, onde flora os dons expande,
Onde descansa a abelha em várias flores,
E de tudo, em que poussa, o mel fabrica.
Assentado este ponto, impetro vénia
De às fábulas mesclar certos princípios
De atrativa e sutil filosofia.
Posto que audaz. De nova batizaram.
Dela ouviste falar. Os seus adeptos
Só vêm no irracional máquina pura,
Em que por molas se regula tudo,
E livre arbítrio não preside aos atos;
— Tudo é nele matéria e plena ausência
D'alma e de sentimento; assim se move
A pancadas iguais, cego e sem fito,
Do mundo o vasto espírito.
Move a segunda; atua após terceira.

Bate a hora, afinal. Diz essa gente
Que em tudo esse relógio é como o bruto.
Toca-lhe em certo ponto um corpo estranho,
Vai sem demora o ponto impressionado
(Em nossa opinião) ao seu vizinho
A nova transmitir e, passo a passo.
Chega aos sentidos, que a recebem toda.
Opera-se a impressão. Mas de que modo?
Respondem que por ato necessário,
Sem vontade ou paixão. Sente-se o bruto
Agitado de certos movimentos,
Que o vulgo chama júbilo, tristeza,
Amor, prazer e dor e muitos outros.
Assim não é, porém; nada de enganos.
"O que é isso?". "Um relógio". "E quanto ao homem?"
"— E coisa mui diversa. —" É deste modo
Que a nova teoria expõe Descartes;
Descartes — o mortal, que fora um nume,
Pelos pagãos sagrados, e que hoje ocupa
Entre espírito e homem justo meio.
Como alguém, entre nós, burro quadrado.
Também ocupa o meio entre ostra e homem.
Ouve como o filósofo discorre:
"Sobre os irracionais, filhos do Eterno,
Pelo dom de pensar eu me avantageio;
Eu tenho do que penso a consciência".
Tu sabes, íris, de ciência certa,
Que, quando mesmo os animais pensassem,
Não poderiam refletir no objeto,
Nem tão pouco no próprio pensamento.
Descartes vai mais longe e diz bem claro:
— "Não pensa o bruto". — Não te custa, ó Íris,
O crer nesta asserção, que eu mesmo adoto.
Quando entretanto em meio da floresta
Das trompas o clangor, a grita infrene.
Não deixam tréguas à fugitiva caça;
Quando a preia há baldado esforço e traças
Em fazer que os mastins seus rastos percam;

O veado senil de dez chavelhos
Põe na frente um mais moço e aos cães o força,
Como negaça nova, a apresentar-se.
Uma série não vês de raciocínios
Que, a fim de se salvar, formula o cervo?
O recuar na senda, ardis, malícias,
A troca feita, os mil estratagemas,
Que aos mais ilustres cabos honrariam,
Eram credores de melhor destino.
Cortá-lo em postas, ao cair sem vida.
Eis as supremas honras que lhe sagram.

Se a perdiz sente os filhos em perigo
(Pois mal vestidos das recentes plumas
Vê que podem as asas iludi-los,
Quando ousarem voar, fugindo à morte),
Finge-se de ferida, arrasta uma asa
E atraindo molossos, caçadores,
Após ela a correr — afasta o risco;
Do ninho, em que a deixou, salva a progênie.
E quando o caçador a crê nos dentes
Do perdigueiro, que lhe foi no encalço,
Ela lhe diz adeus; o vôo erguendo,
Bate as asas, a rir-se do sujeito
Que, boquiaberto, em vão com a vista a segue.

Não mui longe do Norte existe um mundo.
Onde, como é sabido, os habitantes.
Qual sucedeu nos tempos primitivos,
Vegetam na ignorância mais profunda.
(Dos homens falo só). Mas, quanto aos brutos,
Vivem a trabalhar em grandes obras
Que põem barreira às cheias furiosas,
Ou comunicam entre si dois rios.
As suas construções duram, resistem
A ação do tempo; a um leito de argamassa
Superpõe-se outro leito de madeira.
Cada castor por sua vez trabalha;

E comum a tarefa; o velho impele,
Sem lhe deixar descanso, o moço à faina.
Muito mestre ali está regendo as obras.
Aprendizado desta raça anfibia
De Platão a república seria.
Sabem no inverno levantar as casas;
Passam lagoas, fabricando pontes,
— Produto de sua arte, obra engenhosa.
E por mais que os estude — a nossa espécie
O quanto pôde conseguir até agora
Foi mar e rio atravessar a nado.
Ninguém me obriga a crer que estes castores
Sejam corpos de espíritos vazios.
Muito mais ainda aponto. Atende à história
Contada por um rei, de glória cheio.
Fica por mim o defensor do Norte.
Cito um príncipe, amado da Vitória;
Só seu nome é muralha ao turco império;
É da Polônia o rei. Um rei não mente;
Conta que de seu reino nas fronteiras
Guerra contínua os animais sustentam,
E que o sangue, que o pai transmite aos filhos,
Os belicosos germes lhes renova.
São da raposa irmãos aqueles bichos.
Jamais com arte igual entre os humanos,
Nem mesmo em nosso tempo, houve outra luta.
— Vedetas, espíões, guarda avançada,
Emboscadas, facções, e mil inventos
Da ciência maldita e detestável,
— Filha do Estige e mãe de heróis ilustres —
Lhes apura o bom senso e a experiência.
Para cantar tais guerras — o Aqueronte
Devia dar-nos o divino Homero.
Se com esse poeta a nós voltasse
De Epicuro o rival, que nos diriam,
Sobre os exemplos, que deixei citados?
O mesmo que eu disse: "A natureza
Tudo neles produz por simples mola,

É neles toda física a memória;
E, para referir-me aos meus exemplos.
Só da memória os animais precisam.
O objeto, ao voltar, vai-lhes no arquivo
Procurar, descrevendo igual caminho,
A imagem, tempos antes debuxada;
E esta, volvendo sobre os próprios passos,
Vem tornar-se a causal do mesmo fato,
Sem auxílio nenhum do pensamento".
Nós procedemos de diverso modo;
A vontade nos rege e determina,
E não instinto e corpo. Eu falo, eu ando,
Sinto dentro um motor; tudo obedece
Em mim a este princípio inteligente.
— Dos movimentos árbitro supremo,
Do corpo se distingue e com clareza,
Concebe-se melhor que ao próprio corpo.
De que modo, porém, o corpo o entende?
Eis o ponto. Obedece um instrumento
Dócil à mão. E a mão? Quem a dirige,
Quem guia os céus na rápida carreira,
Existe acaso um anjo em cada estrela?
Dá-se a impressão. O meio? Isso e mistério
Que saberemos só de Deus no seio.
E, se cumpre falar verdade franca,
Mesmo a Descartes escapou, decerto.
Seremos — ele e nós — iguais lá em cima.
Mas, Íris, o que eu sei é que nos brutos.
Cujos exemplos aponte, não se revela,
Não atua esse espírito sublime;
O homem, ninguém mais, é templo dele.
Num ponto, os animais a planta excedem;
Respira, entanto, a planta. Eu vou contar-te
Caso que gera reflexões bem graves
Sobre os princípios da moderna escola.
Que nega, *in totum*, raciocínio aos brutos.

Dois ratos que andam buscando sustento,

Acharam um ovo. Que belo jantar!
Não era preciso que um boi deparassem;
Bem pouco a tal gente costuma chegar.
E quando contentes, com vivo apetite,
Vai parte da presa comer cada um,
Um *quidam* surgiu-lhes (incômodo encontro)!
Foi mestre raposo que estava em jejum.

Que ardil usariam que ao ovo salvasse?
Levá-lo enfardado dos dois entre os braços?
Rolá-lo? Puxá-lo? Se fosse possível,
Em breve ficara partido em pedaços.

Necessidade engenhosa
Lembrou-lhes uma invenção;
Vendo os dois que estavam perto
Da comum habitação,
E a meio quarto de légua
O parasita ladrão,
Deitou-se um deles de bruços,
O ovo nos braços tomou;
O outro, a trancos e barrancos,
Pela cauda o rebocou.

Quem, depois de um fato destes,
Alma aos brutos contestou?

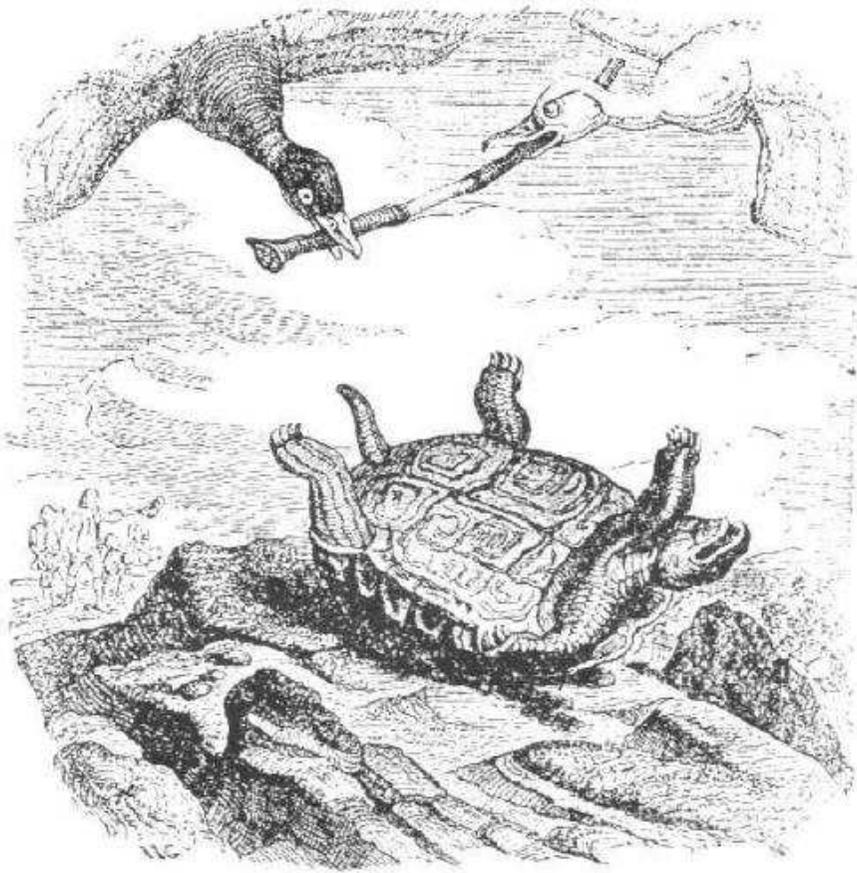
Eu, se fosse juiz, lhes dera uma alma
Como a do infante, que não pensa logo
Ao nascer. Cada qual, pode, portanto,
Pensar, antes que possa conhecer-se.
Por igual forma atribuía ao bruto
Não decerto razão a nosso modo,
Porém mais, muito mais que um cego impulso.
Sutilizara um átomo corpóreo,
Tênuê: que a mente a custo o concebera.
— Um extrato de *luz*, um *quê* mais vivo,
E inda mais móbil do que o próprio fogo:

Pois que, em suma, se o pau produz a flama,
Esta, em volátil fluido apurada,
D'alma não pode dar ligeira idéia?
Não sai ouro das vísceras do chumbo?
Eu tornara capaz esse artefato
De sentir e pensar, até lhe dera
De julgar a imperfeita faculdade,
Sem que jamais o mínimo argumento
Nem o macaco formular pudesse.
Quanto ao que diz respeito à espécie humana,
Fora o nosso quinhão mais largo e rico.
Duplo tesouro em sorte nos tocara;
— Um consistira n'alma, igual em todos,
— Sábios, loucos, crianças, idiotas,
E estes hóspedes todos do universo,
Que sob o nome de animais o habitam. —
— O segundo seria uma alma nova;
Comum, em certo grau, de homem e de anjo.
Sendo à parte criado, esse tesouro
Seguira pelos paramos dos ares
As cortes do céu; o rei do espaço
A larga penetrara em ponto augusto;
Nunca teria fim, tendo princípio.
(Fenômenos reais, posto que estranhos!)
Essa filha do céu, brilhara apenas
Qual baça e fraca luz na essência humana.
A razão, sendo assim mais forte o órgão,
Penetraria as trevas da matéria,
E esta sempre em seu manto envolveria
A outra companheira, a alma imperfeita,
— Parte grosseira do organismo nosso.

A tartaruga e os dois patos

Alfredo Alves (Trad.)

Estava enfastiada a tartaruga



Da negra e estreita toca em que vivia;
Por isso um belo dia,
Apoderou-se dela
O desejo profundo
De abandonar a casa e correr mundo.
A todos bem parece a terra estranha,
E sempre foi notória a grande sanha
Que o coxo tem à casa.
A dois patos foi ela então dizer
A viagem que tinha projetado.
Solene, autorizado,
O par lhe respondeu:
"Tens aberto o caminho.
E nós te levaremos
A um sítio, que sabemos;
Verás muito país e muitas gentes;

Repúblicas e reinos florescentes.
Terás muito que ver
E muito que aprender.
Ulisses muito aproveitou com isso".
Os dois eram espertos,
E expeditos no ajuste do serviço.
Que iam prestar à pobre tartaruga.
Foram logo fazer de um pau nodoso
Tirado de uma árvore,
Um engenho famoso,
A fim de transportar a viageira.
Agarra-se cada um
Valentemente a cada extremidade,
E apresentando o meio à tartaruga,
Disseram-lhe com grande autoridade:
"Ferra aqui e não largues!"

A mísera assim fez,
Sem de leve temer
O que ia suceder
E foram pelos ares...

"Milagre!" gritam todos os que vêem:
Tartaruga voar é caso estranho.
Decerto tem em si poder tamanho,
Que não cabe no mundo!"

A tartaruga enfatuada e louca,
Para responder vai abrir a boca
Melhor fora calada,
Pois logo num momento
Caiu arreventada,
Aos pés do povo atento.

Vaidade, presunção, muita palavra
Reveladora de apoucado siso,
Têm a mesma origem,
Da mesma fonte brotam.



Os peixes e o corvo marinho

Barão de Paranapiacaba (Trad.)

Criara um corvo marinho
Rigorosa imposição
A todo o tanque existente
Junto à sua habitação;
Viveiros, reservatórios,
Tudo pagava pensão.

Provida e bem variada
Tinha em geral a cozinha;
Mas roubando-lhe a velhice
O grande vigor que tinha,
Foi indo a menos a pesca
E houve, ao fim, mesa mesquinha.

Corvos marinhos costumam
A si próprios fornecer;
Não podendo este, por velho,
No fundo das águas ver,
E não tendo rede ou linha,
Fome chegou a sofrer.

E, nesta grande abertura,
O nosso corvo marinho
Que fez? A necessidade,
Que em ardis tem pergaminho,
Sugeriu-lhe certo alvitre,
Próprio de instinto daninho.

Vendo a certa carangueja
Dum tanque à beira pousada,
"Comadre, disse, vou dar-te
Séria missão, delicada;
Dize à gente desses tanques
Que se ponha acautelada.

Em oito dias, sem falta,
Ela toda morrerá;
Na rede o dono do sítio;
A todos vos colherá".
Isso tudo a carangueja
Diz aqui, diz acolá.

Ergue-se grande celeuma;
Correm, fazem reuniões;
Todos ao corvo marinho
Enviam deputações:
"Quem vos deu, senhor (perguntam)
Tão tristes informações?

Donde veio tal notícia?
A fé de quem no-las dais?

Tendes, acaso, certeza
De tudo quanto afirmais?
Que remédio havemos dar-lhe?
O que nos aconselhais?"

CORVO MARINHO

"Não vos dê cuidado o meio;
Eu do embaraço vos tiro;
Um, pós outro, hei de levar-vos
Ao meu seguro retiro;
Só Deus conhece o caminho
Do sítio a que vos transfiro.

O céu, a fim de salvar-vos,
Essa mansão reservou;
Foi a própria natureza,
Que em tal viveiro escavou
Asilo que à raça humana,
Vil e traidora, ocultou."

Deram-lhe fé; um pós outro,
Toda essa aquática gente,
No bico do mestre corvo
Foi levada em continente
A cavada penedia,
Que é mui raro alguém freqüente.

O corvo, apóstolo exímio,
Colocou-a num lugar
Transparente, raso, estreito,
Onde a podia enxergar;
E um, hoje, amanhã, segundo,
Fisgava-os para o jantar.

Provou-lhes, à custa deles,
Terem feito muito mal
Pondo a sua confiança

Em pássaro canibal.
Se em mãos dos homens caíssem
Sofriam matança igual.

Se haveis de ser devorados,
Que importa o devorador?
Homem, lobo, é sempre morte,
Seja qual for o teor.
Toda a pança a tal respeito
Tem idêntico valor.

A leoa e a ursa

Raimundo Correia (Trad.)

Caiu-lhe o filho na cilada,
Que o mendaz caçador lhe veio ao bosque armar:
E pelo bosque andava, irada,
A mãe leoa a urrar — a urrar, a urrar, a urrar...
E a noite toda e todo o dia
Soltou berros cruéis, urros descomunais;
E não só ela não dormia,
Mas nem dormir deixava os outros animais.
Tamanho e tal berreiro a fera
Fazia, que fazia os bichos mais tremer;
Até que veio a ursa (que era
Comadre dela) em prol dos mais interceder.
"Comadre, disse, os inocentes
Que famulenta e crua, estrangulando vai
A aguda serra de teus dentes.
Não têm eles também, acaso, mãe nem pai?
Têm. Entretanto, estes, pungidos,
Loucos por um desastre ao teu desastre igual.
Não vêm quebrar nossos ouvidos:
Não nos quebres tu, pois, com algazarra tal!
— Eu, sem meu filho! Ai! Que velhice



Sem ele arrastarei, com este fardo atroz!"
Disse a leoa. E a ursa disse:
"Do teu fado. porém, que culpa temos nós?!
— É o destino que me odeia!..."
E quem no mesmo caso o mesmo não dirá.
Se dessa frase a boca cheia
De todo o mundo (diz o La Fontaine) está?...

O mercador, o fidalgo, o pastor e o filho do rei

Barão de Paranapiacaba (Trad.)

Pelas furentes vagas,
Já quase nus — cuspidos,



Quatro pesquisadores
De mundos não sabidos,

Um mercador, um nobre,
Um príncipe, um zagal,
Postos de Belizário
Na condição fatal,

Andavam pela estrada
Um óbolo a implorar,
Para a miséria sua
Um pouco aliviar.

À borda duma fonte
Cansados se assentaram,
E sobre o seu destino
Conselho celebraram.

Da sorte má dos grandes
O príncipe falou:
Nosso pastor, no entanto.
Prudente aconselhou

Que a idéia do passado
Riscando cada um,
Tratasse com desvelo
Da provisão comum.

"Que vale a queixa? (disse)
Não dá com que se coma;
Trabalhe-se e teremos
Com que chegar a Roma."

CRITIQUEIRO

"Pastor, que assim se exprime!"

AUTOR

"Donde esse espanto vem?
Só testas coroadas
Critério e engenho têm?"

Julgam que o céu limita
O cérebro ao pastor,
Equiparando nisto
A ovelha ao guardador?"

Mal foi manifestada
Aquela opinião,
Teve dos companheiros
Geral aprovação.

NEGOCIANTE

"Sou forte na ciência
E prática numérica.
A tanto por quinzena
Darei lições na América."

— "Ensinarei política"

(O príncipe acudiu).
— "Vou explicar heráldica"
(O nobre concluiu).

Como se entrar pudesse
Naquela gente inculta
A frívola vaidade
Dessa ciência estulta!

O PASTOR

"— Perfeitamente, amigos!
Falais qual o Messias;
Mas é mister lembrar-vos
Que o mês tem trinta dias.

É bela essa promessa,
Que cada qual nos fez,
Mas tão longínqua! Aturam
Jejum durante um mês?

Quem de manhã jantarmos
Nos dá certa esperança?
Mesmo da ceia de hoje
Quem é que dá fiança?

Antes do mais, tratemos
Da essencial matéria;
Supro-vos a ciência
Nesta questão que é séria."

Mal disse estas palavras
Ao bosque arremeteu;
Cortou e vendeu lenha,
Que algum dinheiro deu.

Nesse e nos outros dias
Tiveram que comer;

Nenhum dos três receia
A fome perecer.

Assim ficaram livres
De, à mingua de sustento.
Irem no reino escuro
Provar o seu talento.

* * *

Agora desta aventura
Vou tirar a conseqüência;
É que à vida nada importam
Sobras d'arte e de ciência;

E, graças às faculdades
Que a natureza nos dá,
O nosso mais forte auxílio
No braço e nas mãos está.



LIVRO XI



O leão

José Inácio de Araújo (Trad.)

Sultão Leopardo
Foi dono de gados
Que tinha espalhados
Num vasto sertão;
E em certas devesas
Dali muito perto,

Com fama de esperto
Nascera um leão.

Consulta o leopardo
Raposo entendido:
"Do bicho nascido
Devemos temer? —
Sossego e descanso
Nos campos espero
No dia em que o fero
Papá lhe morrer".
Responde o raposo
Meneando a cabeça:
"Bom é não esqueça
Quem é tal senhor.

Pra sua amizade
Prudente é que apele...
Ou dar cabo dele,
Que é isso o melhor".

O esperto raposo
Não foi atendido,
E o bicho, crescido,
Mostrou a ralé.
"E agora? — o leopardo
Asnático exclama.
— Chorá-lo na cama.
Que parte quente é!"

Se o leão crescer deixas, já te digo
Que andarás bem tomando-o por amigo.
Inda um outro conceito aqui me ocorre:
Quem o inimigo poupa, às mãos lhe morre.



O leão, o macaco e os dois burros

Barão de Paranapiacaba (Trad.)

Desejando reger a seu povo
Sabiamente e aprender a Moral,
O leão chama ao paço o macaco,
— Mestre em artes da gente animal.

Começou dom Simão deste modo:
"Vou dizer-vos em frase concisa
Quais os dotes que um bom soberano
Demonstrar no governo precisa.

Anteponha o serviço do Estado,
A um impulso fatal, que chamamos
Amor-próprio; — ele é pai dos defeitos
Que nos brutos, em regra, notamos.

Deste mau sentimento o triunfo
Não é fácil num dia alcançar;
É já muito o seu péssimo influxo
Conseguirmos, ao fim, moderar.

Sendo assim, vossa augusta pessoa
Viverá de baldões escoimada,
E de injusto ridículo a pecha
Não vos pode, meu rei, ser lançada."

"— Dai-me exemplos (acode o monarca)
Dum e doutro defeito apontados."
— "Sem demora (responde o macaco,
Expressando-se em termos pausados):

Toda a espécie (e eu por mim princípio),
Toda a classe, qualquer profissão,
Tem-se em muito, e de néscios e ineptos
Tacham sempre os que dela não são.

Coisas destas, iguais destemperos,
Que não custam ceutil a ninguém.
Vai a torto e a direito impingindo
Em discursos que senso não têm.

Pelo avesso — o amor-próprio vos leva
A exaltar os de ofícios iguais:
Esse o meio seguro e mais fácil.
Com que a própria pessoa elevais.

Argumento, portanto, e concludo
Das verdades severas, que disse,
Que os talentos no mundo não passam.

É sistema que muitos adotam,
Meu senhor, de fazer-se valer,
Mais na roda dos tabulas rasas,

Que entre a gente de tino e saber...

Não há muito que encontrei dois jumentos,
Que o turíbulo, alternos, tomavam,
E segundo o costume, a seu modo,
Os louvores também alternavam.

"Não achais (diz um deles) que o homem
— Esse nobre animal tão perfeito —
Só de tolo e de injusto, em grau sumo,
Entre os burros merece conceito?

Nosso nome sagrado profana;
Pois de burro a pessoa apelida,
Que é de ingênita esfera acanhada,
Ou de luzes e tino despida.

Abusando de um termo, batiza
Nosso riso e discurso de — zurros!
São deveras gaiatos os homens
Em quererem ser mais do que os burros!

Cumpre agora que o verbo soltemos
E que os tais humanos oradores
Vão metendo a viola no saco,
Pois que são os reais zurradores.

Mas deixemos de parte essa gente:
Vós me ouvis, eu vos ouço: é bastante:
Ouço em êxtase o tom que transmite
Vosso harmônico e doce descante.

De aprendiz Filomela não passa
Junto a vós, o cantor primoroso!
Na doçura do canto, no acorde,
Não vos chega o tenor mais famoso."

Diz o outro: "Na vossa pessoa

Eu venero, senhor, iguais dotes."
E vão juntos, não fartos de incensos,
Nas cidades louvar-se os dois zotes.

Cada qual desses parvos julgava
Que os parceiros de encômios enchendo,
Para si colheria importância,
Indo em crédito a classe crescendo.

Não só entre jumentos
Vejo essa balda em moda;
Mas, em geral, seguida,
Por gente d'alta roda;

Podendo, tentariam
Por vã preeminência,
Trocar em — Majestade
A simples Excelência.

Mas eu já sou prolixo;
Demais talvez falei;
A vós, senhor, submisso,
Segredo rogarei.

Quisestes do amor próprio
Ver a fiel pintura,
Ridícula tornando
A pobre criatura.

Quando houver tempo e ensejo;
Pois desenhado o tédio
Em vosso rosto vejo."

* * *

Aqui pôs fecho o mono
Ao engraçado conto;
Não sei se deu exemplo

Do outro escabroso ponto.

De certo — mestre em artes,
Fino, sutil de marca, —
Temeu ferir melindres
De seu feroz monarca.

O lobo e o raposo

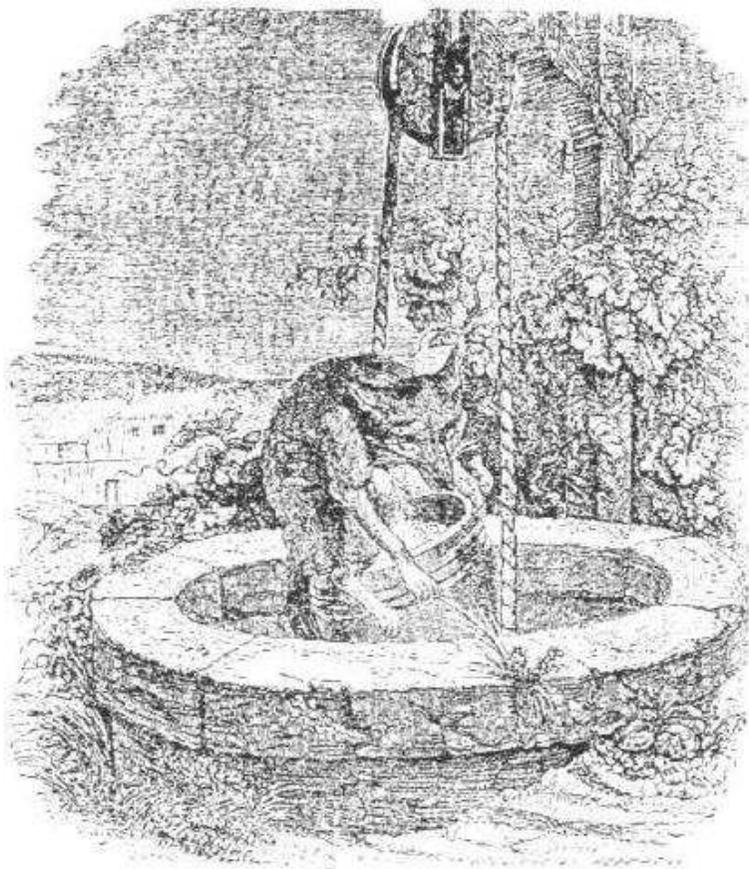
Barão de Paranapiacaba (Trad.)

Por que motivo Esopo,
Se fala do raposo,
Sempre lhe dá patente
De esperto e audacioso,
E mais que os outros bichos,
Fino, sagaz, manhoso?

O lobo se lhe cumpre
Os dias seus salvar,
Ou se é forçoso a vida
Aos outros arrancar,
Não sabe, como aquele,
Ou mais, peças pregar?

Creio que é mais perito
Que o bicho espertalhão;
Mas não contesto o mestre
Sem dar forte razão:
Até no seguinte fato
Lhe abono a opinião.

O morador das tocas
Em certa noite, via
A lua, que dum poço



Nas águas refletia;
A orbicular imagem
Um queijo parecia.

Dois baldes, que alternavam
Do braço ao movimento,
Traziam para a borda
O líquido elemento.
Caindo de fraqueza
A minguia de alimento,

E por canina fome
Nosso raposo urgido,
Ajeita-se no balde,
Em cima suspenso,
Alçando o peso ao outro
Nas águas imergido.

Embaixo vê ser falsa
A imagem, que o iludiu.
Lamenta, arrependido,
O erro em que caiu,
E já com a morte nos braços,
Seu fim — próximo viu.

Sair dali só pode,
Se algum outro esfaimado,
Fitando aquela imagem,
E dela namorado,
Descer, içando o balde,
Com ele mergulhado.

Do poço por dois dias
Ninguém se avizinhará.
Então, qual de costume,
O tempo, que não pára,
Do astro de argêntea face
A esfera cerceará.

O mísero raposo
Desesperado jaz.
Eis o compadre lobo
Por lá seu giro faz,
E felizmente a goela
Bem sequiosa traz.

Diz-lhe o sagaz raposo:
"Bom dia, camarada;
Vou dar-vos iguaria
Gostosa e delicada.
Não vedes esta roda?
Vai ser por vós provada.

E queijo primoroso;
Posso dizer — comi-o;

Deus Fauno o fez do leite.
Mugido à vaca Io:
Provando-o, Jove enfermo
Ficara sem fastio.

Saboreei apenas
Uma fatia; vede —
Fica-vos muito e logo
Podeis matar a sede.
Descei naquele balde
Que ali vos pus adrede".

No mal forjado embuste
O parvo lobo creu.
Desce; com o peso o balde
Do fundo suspendeu,
Trazendo acima o traste,
Que logo às gâmbias deu.

Não nos riamos do lobo;
Pois sucede a muita gente
Cair, por iguais motivos,
Em cilada equivalente.
No que se teme ou deseja
Se acredita facilmente.

O velho e os três mancebos

Filinto Elísio (Trad.)

Plantava certo velho de oitenta anos.

"Plantar!" — diziam certos mancebinhos
Vizinhos e bairristas.

"Plantar!... Edificar tinha seu passe.
Por certo caducais. Ora, vos peço



Pelos numes do Olimpo,
Menos que envelheçais como Matusala,
Que vai carregar a vida
Com o empenho de um porvir que há de escapar-vos?
Doravante cuidai nas vossas culpas;
Deixai esperanças longas,
Vasto assunto, que a nós convém somente.

— Tampouco a vós: que quanto estabelecemos,
Vem tarde, e pouco dura.
Zomba igualmente a mão das fuscas Parcas
Dos meus, dos vossos dias. Na certeza
Vão iguais nossos termos.
E qual de nós, da abóbada estelífera,
Verá último a luz? Há aí momento,
Que nos dê por seguro
Um segundo de vida? Os meus bisnetos
Dever-me-ão esta sombra. E bem? ao sábio
Tolhereis vós desvelos,

Que aos outros dêem prazer? Fruto é, que eu logro
Já desde hoje e amanhã, e inda outros dias
Talvez que ainda o goze,
E que inda, sobre as vossas campas, possa
Algumas vezes vir saudar a aurora."

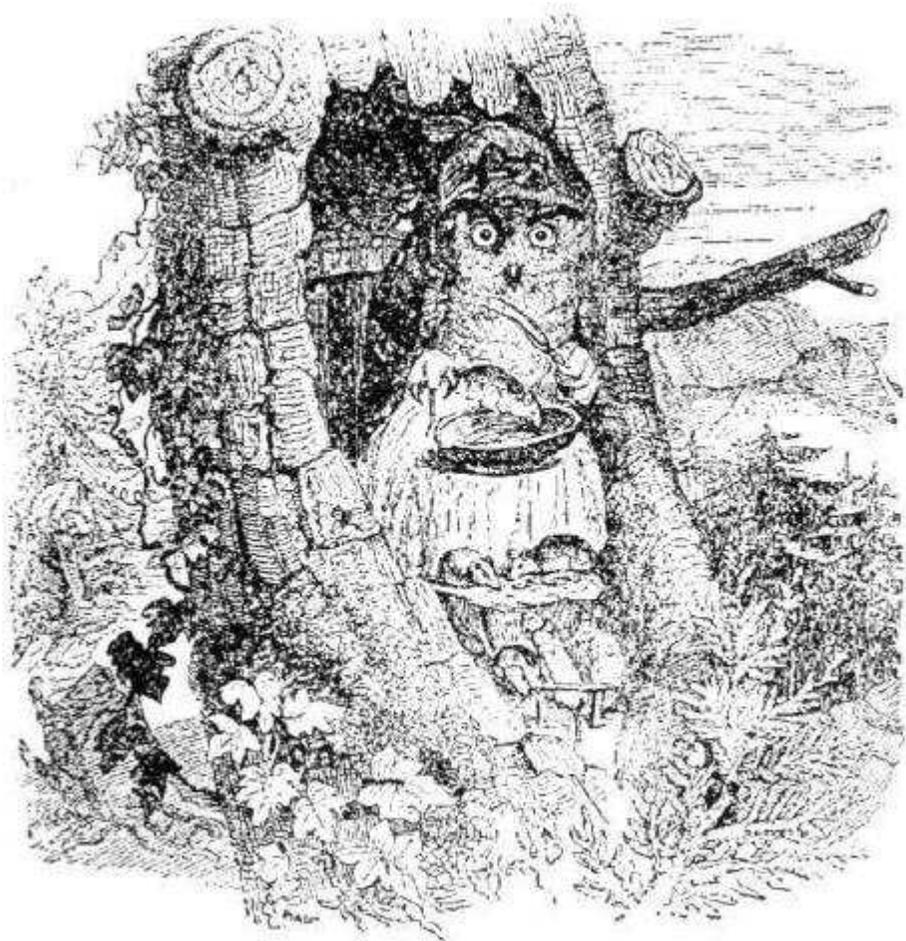
Razão o velho tinha:

Que um dos três moços se afogou no porto,
Partindo para a América; o segundo,
Armando aos grandes postos,
Servindo o Estado, em marciais empregos,
Golpe imprevisto lhe cortou o estame
Dos dias seus; e o último,
Caiu do tronco, em que enxertava um garfo.
Chorando, o velho lhes gravou nas campas
O que eu aqui vos conto.

O ratinho e a coruja

Filinto Elísio (Trad.)

Nunca digas à gente:
— *Ouvi um dito bom, gracioso ou guapo.*
Sabes tu, se os ouvintes
Farão apreço igual, que deles fazes?
Este, que ora vos conto,
Lá merece atenção. Dou-o por prodígio,
E bem que verdadeiro,
Nos ares, nas feições parece fábula.
Por velho ao chão derribam
Que para intérprete Átropos tomara).
Em seu cavado tronco,
Que carcomera o tempo, aposentavam-se
(Entre outros inquilinos)
Muitos ratos sem pés, quais bolas, gordos;



Que os sustentava o pássaro
Dentre medas de trigo. O tal rebanho
Tinha-o ele aleijado
Co bico: Confesso, que era bom lógico.
Em seu tempo o tunante
Andara à caça; e como lhe escapassem
Os que caçou primeiro,
Por não cair na mesma, estropiava
Quantos depois colhia.
Desfalcados dos pés, ia a seu cômodo,
Hoje um, amanhã outro.
Trincando neles; sendo-lhe impossível
Todos tragar dum golpe.
Juntai-lhe inda cautelas de saúde
Iguais às que alguns temos:

Juntai, que era o bargante tão ladino.
Que, para alimentá-los.
Saía o corso a lhes buscar vivenda.
Teime o cartesiano
Em tratar como máquina, ou relógio
O mocho; qual é a mola.
Que a aleijar lhe ensinou o povo, que muda. —
Ou há aqui raciocínio,
Ou em raciocínio não me entendo. —
Olhai, que de argumentos!
Fogem-me após que os colho; pois comamo-los. —
— Todos?... É impossível. —
— Vale mais guardá-los, para atalhar fomes —
Em resguardo os tenhamos.
— Como? — Corto-lhe os pés. — Quem há que me ache
Homem, que mais ajeito
Um argumento enfie? Os Aristóteles,
Bofe! E os meus sequazes
Outra arte de pensar nos ensinaram.

Epílogo

Barão de Paranapiacaba (Trad.)

Assim minha musa à beira
De uma linfa cristalina
Ia as falas traduzindo
(N'alta linguagem divina)
Dos seres que à natureza
Pedem a voz peregrina.

Sendo intérprete espontâneo
De tanto povo diverso,
Fiz com que todos entrassem
Como atores em meu verso;
Pois tudo tem língua própria,

Tudo fala no universo.

Bem que entre si mais facundos,
Do que aqui pintados vão,
Se nesses versos não virem
Uma fiel descrição,
Se acharem que minhas obras
Tipo e modelo não são;

Fica-me o mérito ao menos
De ter aberto esta estrada;
Poderão outros levá-la
À perfeição desejada.
Findai, diletos das Musas,
A empresa assim começada.

Dai as lições e os exemplos
Que eu, sem dúvida, omiti;
Pois nos véus da alegoria
Quase sempre os envolvi.
Muito amanhã inda vos resta
Nas terras, que descobri.

Durante o suave emprego
De minha Musa inocente,
Luís a Europa conquista,
E sua destra potente
Os mais excelsos projetos
Leva a fim conveniente.

Tão altos, sublimes planos
Nunca teve outro monarca;
Só ele, filho das Musas,
Com tais tentativas arca!
— Eis assuntos vencedores
Do Templo e da fera Parca!



Ao senhor Duque de Borgonha

Não poderia colocar as minhas fábulas sob proteção mais gloriosa do que a vossa. O gosto requintado e o sólido critério que deixais transparecer em tudo quanto fazeis, em uma idade em que os outros príncipes apenas se impressionam com as exterioridades brilhantes que os rodeiam; tudo isso, acrescido ao dever de obedecer-vos e ao desejo de agradar-vos, me obriga a apresentar-vos um trabalho cujo original constituiu motivo de admiração para todos os séculos, tanto quanto para todos os sábios. Ordenastes-me continuar, mesmo; e, se me permitirdes confessar, direi que vos devo alguns temas, nos quais semeastes belezas por todos admiradas. Não há mais necessidade de consultarmos Apolo ou as Musas, nem qualquer das divindades do Parnaso; todas elas estão presentes nos dons que a natureza vos concedeu e na faculdade de bem julgar as obras do espírito, ao qual juntais o conhecimento das regras indispensáveis. As fábulas de Esopo constituem bom material para tais dons: contêm todos os tipos de situações e de caracteres. Na verdade, essas fantasias modelam histórias que a ninguém lisonjeiam. Os temas estão longe de carecer de importância: na minha obra, os animais são os preceptores dos homens. Não me alongarei mais sobre o assunto: melhor do que eu conheceis o proveito

que dele se pode tirar. Se agora entendeis bastante de oradores e de poetas, algum dia ainda mais entenderéis de bons políticos e de generais; e tão pouco vos enganareis na escolha das pessoas como quanto ao mérito das ações. A minha idade não permitirá que eu figure como testemunha do que afirmo. Necessário é, pois, contentar-me em trabalhar sob as vossas ordens. A vontade de agradar-vos substituirá uma imaginação enfraquecida pelos anos: quando desejardes alguma fábula, será para ela que apelarei. Gostaria que no meu trabalho pudésseis encontrar louvores dignos do monarca que ora dirige os destinos de tantos povos e de tantas nações, fazendo as atenções do mundo inteiro se voltarem para as suas conquistas, para as suas vitórias e para a paz que parece aproximar-se, e cujas condições sabe impor com a moderação a que nossos inimigos podem aspirar. Imagino-o como um conquistador que deseja pôr limites à sua glória e ao seu poder, e de quem poderão dizer, com mais propriedade do que a respeito de Alexandre, que vai governar os estados do universo, obrigando os ministros de tantos soberanos a reunirem-se para pôr fim a uma guerra que só pode ser prejudicial aos seus senhores. São esses, porém, assuntos mais altos do que nossas palavras: entrego-os a penas mais hábeis do que a minha; e sou com profundo respeito.

Monsenhor, vosso muito humilde, muito obediente e fiel
servidor,

De La Fontaine.



LIVRO XII



Os companheiros de Ulisses

Barão de Paranapiacaba (Trad.)

Príncipe, vós que sois dileto amor dos numes,
Deixai que em vosso altar vos queime estes perfumes:
Se tardios vos sagro os sons de minha Musa,

A idade e o muito afã me servirão de escusa.
Em mim, com rapidez, o engenho já declina,
Enquanto em vós, Senhor, se aumenta e se ilumina;
Não anda; a correr vai; parece até que voa.
Nas lides marciais destarte a fama soa
Do herói que vos legou tão altos predicados.
Por seu querer não foi que, a passos apressados,
Curvando ao mando seu a deusa da Vitória,
Deixou de entrar ovante o pórtico da Glória.
Sustou-lhe o impulso um deus: — O rei conquistador,
Que num mês se tornou do Reno o vencedor.
Hoje talvez alguém chamasse temerária
Velocidade tal, que então foi necessária.
Mas... faço ponto aqui; que os Risos e os Amores
Se desprazem de ouvir perluxos oradores;
Pois nunca para o céu de vosso lado tornam
Esses deuses gentis que a corte vos adornam.
Sem que dela o Bom Senso e a Sã Razão se excluam.
Que em tudo o que fazeis a presidir atuam.

Aos dois numes ouvi sobre um fato,
Em que os Gregos, demais levianos,
A prestígios cederam que em brutos
Transformavam os entes humanos.

Os fiéis companheiros de Ulisses,
Que há dez anos em sustos viviam,
Ao capricho dos ventos errando,
Sem saber que destino teriam,

Certo dia chegaram às plagas,
Onde a filha do nume da luz,
— Circe — então reunia na corte
Tudo quanto fascina e seduz.

Deu-lhes Circe licor saboroso,
Que, ao princípio, lhes tira a razão;
Logo após, o seu corpo e semblante

De animais tomam vulto e expressão.

Ei-los — ursos, leões, elefantes;
Uns se medem por grande craveira;
Há meãos, há de marca pequena,
Por exemplo: A mesquinha toupeira.

Mas o filho do grande Laertes
Do enganoso licor suspeitou;
E aplicando as lições da prudência.
Desse laço traidor escapou.

Com seu garbo de herói, nobre gesto,
Sedução da meliflua palavra,
Infundiu na princesa um veneno.
Mais sutil, que nas veias lhe lavra.

Uma deusa diz tudo o que sente.
Circe presa do herói se confessa:
E em tirar desse amor bom proveito
O ladino do Ulisses se apressa.

Conseguiu que seus Gregos pudessem
À roubada figura voltar;
"Mas supondes (pergunta-lhe a deusa)
Que hoje queiram a troca aceitar?

Será bom perguntar a esses bichos
Se desejam ser homens de novo".
Vai Ulisses, sem perda de tempo,
Arengar deste modo a seu povo:

"A taça empeçonhada
Remédio encerra em si;
E a vossa cura, ó sócios,
Eu vo-la trago aqui.

Quereis, meus bons amigos,

Voltar à espécie antiga?
Falai, e o seu desejo
Cada um bem claro diga".

Responde o rei das selvas,
Supondo que rugia,
"Perder garras e jubas!
Tão tolo eu não seria!

Posso com estas presas
A postas reduzir
A quantos temerários
Me ousarem agredir.

Rei sou; — voltando a homem,
Volto a soldado raso:
Depois de rei, vassalo?
Posso querê-lo acaso?"

Ulisses, surpreso, dirige-se ao urso:
"Irmão, que mudança! Que horrível estás!
Tens pêlos hirsutos, aspecto medonho,
E, entanto, já foste galante rapaz!"

Resmunga-lhe o bruto: "Não vês que sou urso?!
Eu tenho o feitio, que Deus dar-me quis.
Que acha dos homens mais bela a figura?
Quem é que da nossa se arvora em juiz?"

Gentil ursazita, meu novo derricho,
Não diz que eu sou feio; prefere-me assim.
Oh! Deixa-me; vai-te; prossegue o teu rumo,
Se — sob esta forma — não gostas de mim.

Eu vivo contente, feliz, sossegado,
Isento de penas, gozando de tudo;
Por isso respondo, bem firme e bem claro
Rejeito a proposta; de estado não mudo".

Confuso o príncipe grego,
Vai propor ao lobo a troca,
E os brios do antigo sócio
Com estas frases provoca:

"Estou pasmo, ó camarada,
Porque aos ecos pregoeiros
Conta uma linda pastora
Que lhe comeste os carneiros!

Quem diria! Tu, que outrora
O rebanho lhe salvaras:
Tu que foste exemplo e tipo
De qualidades tão raras!

Abandona essas florestas:
Volta aos teus; comigo vem!
Despe essa pele hedionda;
Volve a ser homem de bem!"

LOBO

"Homens de bem! Onde param?
Cá por mim nenhum conheço.
Mas tu que de carniceiro
Me tratas, por menosprezo,

Deixarias, no meu caso,
De comer as ovelhinhas?
Se eu homem fosse, as poupara,
Menos, que as feras daninhas?

Por uma palavra, às vezes,
Não vos matais mutuamente?
Fazendo o papel de lobos,
Perdendo os foros de gente?

Eu penso, por fim de contas,
Que, perverso por perverso,
Melhor é lobo que gente.
Não quero estado diverso".

A igual proposta,
Que o rei formula,
Responde acorde
Toda a matula.

Tornar-se em homens
Quem diz? Não querem;
Ser sempre feras
Todos preferem.

Matar a fome,
Seguir o instinto,
Vagar das selvas
No labirinto; —

Eis as delícias
Da estulta grei,
Surda a incentivos,
Rebelde à lei.

Julgam ser livres
Nas solidões,
Cevando, à solta,
Brutais paixões.

Assim pensando,
(Miseros bichos!)
Vivem escravos
De seus caprichos.

Eu quisera, meu príncipe, ofertar-vos
Interessante assunto,
Que do agradável, aliado ao útil,

Fosse o vivo transunto.

Belíssimo projeto, se não fosse
Difícil o escolher!
Veio a história de Ulisses e seus sócios
O tema oferecer.

Por esse mundo além, decerto, há gente,
Que imite a que pintei;
Senhor, vosso desprezo, ódio e censura
Por pena lhe imporei.



O veado enfermo

Filinto de Almeida (Trad.)

Em um país só dos seus, caiu doente um veado.
Incontinenti acha a seu lado
Camaradas que o vão visitar, socorrer,
Ao menos consolar: uma corja maçante.

"Senhores, deixem-me morrer:
Deixem que a Parca neste instante
Me despache ao seu uso; e terminem as dores
E o pranto."

Os seus consoladores
Tardando esse dever cumpriram, e só quando
Deus quis se foram retirando,
Não sem beber um belo trago,
Assim como quem cobra imposto de visita.
Sofreram do veado os campos grande estrago
E os tosou a valer a cambada maldita.

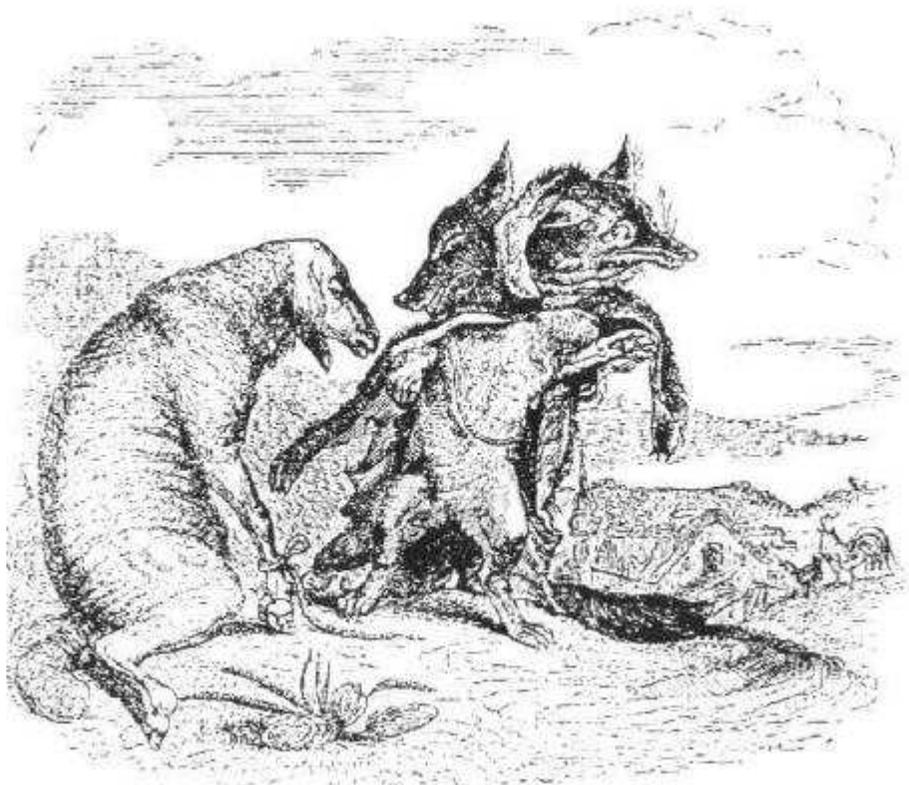
Nada a dizer o doente achou:
De um mal num mal pior tombou,
E foi forçado — ó dor sem nome! —
A jejuar, morrer de fome!

Do corpo, ó médicos, e da alma!
Quem vos reclama perde a calma.
Bem alto eu grito, e não me iludo:
Interesse! És quem dá leis a tudo!

O lobo e o raposo

Barão de Paranapiacaba (Trad.)

Donde procede que ninguém no mundo
Contente aceite a sorte que lhe coube?
Tem este aspiração de ser soldado;
Mas o soldado a condição lhe inveja.
Certo raposo quis fazer-se lobo
(Refere a tradição). Mas quem sustenta
Que nenhum lobo suspirado tenha
Pelo doce mister de mansa ovelha?



Assombra-me, porém, que um tenro infante,
Que inda vê longe à puerícia o termo,
Tenha este assunto em fábula tecido,
Enquanto, à força de cuidado e tempo,
Curvando ao peso dos cabelos brancos,
Vou fabricando, devagar meus versos,
Menos sensatos que a fluente prosa
Do infantil escritor. Os vários lances,
Pelo entrecho da fábula espalhados,
Não nos consegue repetir a Musa,
Nem com tanta expressão, nem no conjunto.
Isto resume seu completo encômio.
Decantá-los na lira é meu talento.
Mas tenho fé que em próximo futuro
Há de o jovem herói forçar-me a destra
Para empunhar a tuba altissonante.
Nunca fui (creio-o bem) grande profeta;
Leio, porém, na constelada esfera,

Que deste infante os gloriosos feitos
Hão de, em breve, exigir muitos Homeros.
Mas os tempos de agora os não produzem.
A margem vou deixar tão alto arcano,
E o lindo conto trasladar agora,
De forma que interesse aos meus leitores.

O raposo disse ao lobo:
"Muita vez para sustento
Tenho um galo, velho e duro,
Ou frango pífilo e gosmento.

Ando aborrecido, enjoado
De tão ingrato *petisco*;
Tu tens melhor passadio
E correndo menos risco.

Eu me aproximo das casas;
Tu ficas de longe, a olhar;
Por favor — ao caro amigo
Vem teu ofício ensinar.

Quero ser, por teus conselhos,
De minha raça o primeiro
Que na ponta da fateixa
Enfie um gordo carneiro.

Nunca no rol dos ingratos
Hás de meu nome incluir".
Responde o lobo: "Amiguinho,
Espera; vou te servir.

Um dos meus irmãos é morto;
Seu corpo aqui perto jaz;
Vamos a pele tirar-lhe
E dela te servirás."

Feita a coisa, torna o lobo:

"Vou dizer-te o modo usado
Para teres os rafeiros
Sempre distantes do gado".

O raposo que, mui ancho,
Do lobo a pele vestia,
As lições que o mestre dava,
Ponto a ponto repetia.

A princípio o novo ofício
Muito mal desempenhou,
Foi melhorando mais tarde,
E quase pronto ficou.

Apenas desemburrado,
Contra um rebanho se atira.
Tanto fez o novo lobo,
Que em tomo pavor inspira.

Pátroclo, vestindo as armas
De Aquiles conquistador,
No povoado e no campo
Assim espalhou terror.

E viram-se mães e noras
E anciãos, tudo em tropel,
Refugiar-se nos templos,
Fugindo do herói cruel.

A numerosa manada
Do manso povo balante
Julgou ver cinqüenta lobos
Naquele beligerante.

Rafeiro, pastor e gado,
Tudo foge para a aldeia:
Fica uma ovelha somente,
E o ladravaz logo a preá.

Ouvindo, porém, um galo
Cantar na granja vizinha,
O lobo principiante
Para o cantor se encaminha;

Deixando a talar do ofício,
Esquece ovelhas, regente
E lições; corre ao terreiro,
Pressuroso e diligente.

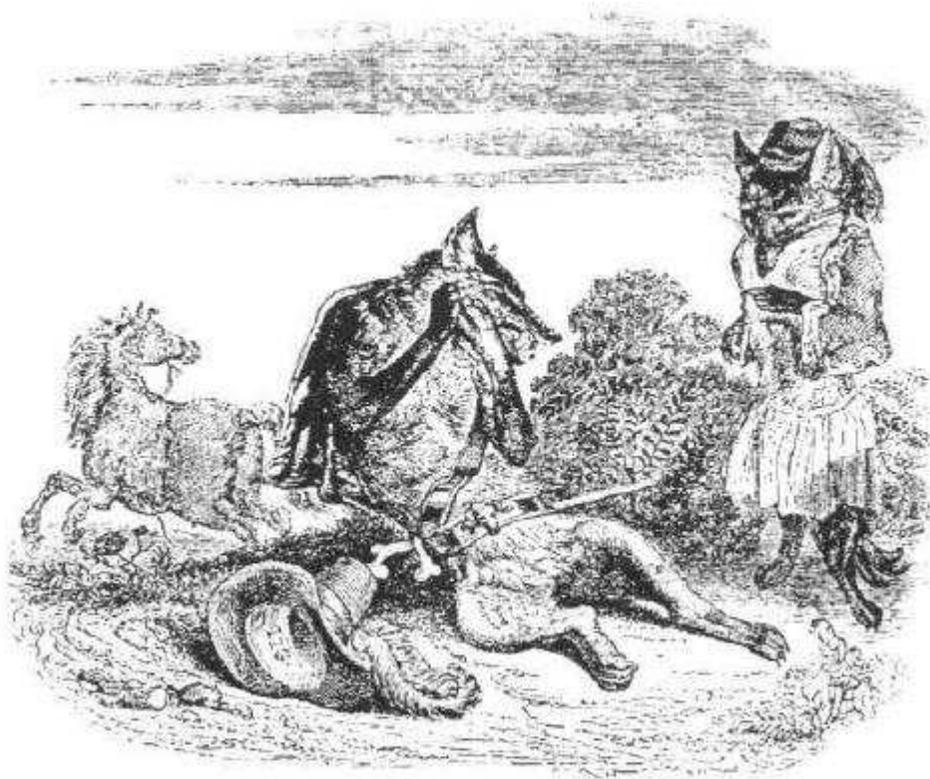
De que servem tais disfarces?
Mudar assim é ilusão;
Voltamos ao velho estado
Na primeira ocasião.

Isto, ó príncipe, inspirou-me
Vosso engenho sem igual;
Fornecestes-me a matéria
O diálogo, a moral.

A raposa, o lobo e o cavalo

Couto Guerreiro (Trad.)

O lobo e a raposa se ajustaram
Em caçarem de meias; e assentaram
Em que haviam partir com igualdade,
Levando cada qual sua metade;
Indo com este intento, descobriam
Um formoso cavalo, e pretendiam
Acometê-lo a peito descoberto;
Mas, indo-se chegando para perto,
A raposa temendo algum perigo,
Disse que era possante o inimigo;
Assim, que lhe não dessem logo caça,



Que seria melhor vencer por traça.

Para o gênio tentar da boa presa,
A raposa, que tem mais esperteza,
Chegando-se com muita cortesia,
Lhe disse: "Rogo a Vossa Senhoria
Se digne de dizer a esta criada
Seu nome, e se, a qual família honrada
Produziu tão magnífica pessoa,
Que dá grandes indícios de ser boa:
Na postura, no modo respeitoso.
Se conhece um sujeito generoso".

O cavalo, que tinha seu talento,
Logo lhe cheirou mal o cumprimento,
E cuidou na cautela, respondendo:
"De mim mesmo me estou aborrecendo,
Por ver em ti tal graça e tal polícia,
E não te poder dar ampla notícia:
Só te digo que em anos inocentes
Perdi o pai, e a mãe, e mais parentes;

Por isso ignoro a raça de onde venho,
E nem te sei dizer que nome tenho.
Contudo, esse bom modo que em ti invejo
Me obriga a saciar o leu desejo
Do modo que é possível: Tenho escrito
Neste pé, quanto já tivera dito
Se o soubesse dizer: podes chegar-te
E ler, que este é o meio de informar-te;
Porque nesta criatura acharás juntas
As respostas de todas as perguntas.
— Eu, lhe disse a raposa tão manhosa,
Em pequena fui muito preguiçosa:
Mandou-me a mãe à mestra, e deu bom preço,
Mas contudo nem letras já conheço:
Assim, cá mandarei meu companheiro
A ver se pode ler esse letreiro".

Despediu-se e contou ao lobo tudo,
Afirmando-lhe em ar muito sisudo,
Que lhe havia guardar fidelidade
Em toda e em qualquer calamidade,
E não o abandonar, inda metida
Em risco de perder a mesma vida.

O lobo, imaginando que campava
Por esperto, atrevido se chegava,
E dizia em um tom muito arrogante:
"Dize-me já quem és no mesmo instante,
Quem foi teu pai, e mãe, e de que gente
(Que seria gentalha!) és descendente.
— Podes, foi a resposta do cavalo.
Em lendo neste pé, onde essa história
Meu pai fez escrever para memória".
— "Vejam!" disse o lobo, — e foi chegando.

O cavalo, que estava sempre olhando
Quando o acharia ajeito, apenas acha,
Dois coices à cabeça lhe despacha:
Sem sentidos caiu logo o letrado;
E entretanto ele pôs-se a bom recado.

Apenas a raposa o viu de largo,

Veio ao lobo, que estava inda em letargo;
Começou a abaná-lo, e quando abria
Já metade dos olhos, lhe dizia:

"Eis aí o proveito que tiraste
Do muito que tens lido, e que estudaste:
Na verdade que estou bem consolada
De nunca me meter a ser letrada:
É provável que tendo eu aprendido,
O mesmo me tivera sucedido:
E desta ocasião juro e protesto
Que me fica este exemplo por aresto.
Se tivera cem filhos, e tivera
De cada qual cem netos, eu lhes dera
De conselho, que a ler não aprendessem
Com temor de que nisso se perdessem:
Esta gente que é muito presunçosa
De sábia, de discreta e estudiosa,
Em falar lá tem seu desembaraço,
Mas daí por diante não dá passo".

Assim falava, e vendo já mover-se
O lobo, trabalhando por erguer-se,
Como pôde, o ajudou a levantar-se.
Mal podia nas pernas sustentar-se;
E quando entrou em fala, pesaroso
Dizia: "Infeliz sou e desditoso;
Por sábio estive quase agonizante,
E tu ficaste bem por ignorante".
Daqui toma a raposa outro motivo
De mostrar que o saber é ofensivo:
Marcharam, ela muito satisfeita
Por haver escapado da desfeita;
E o lobo, inda atontado, mal podia
Atinar com a moita, onde assistia.



A liga dos ratos

Abel Botelho (Trad.)

Era uma vez
Uma ratinha que andava
Com medo de um gato maltês,
Que há tempos a espreitava.
Que fazer?...

Sábia e cauta, neste apuro,
Com o vizinho foi ter,
Um arganaz já maduro,
Um mestre, um fanfarrão, que tinha conseguido
Instalar sua ratona senhoria
Em suculenta copa, em farta hospedaria;
E, presumido.
Afirmava por bravata
Constantemente

Não temer gato, nem gata,
Nem unhadura, nem arranhão, nem dente.

"Em boa fé

Diz-lhe ele, por mais que eu faça,

Dona rata, só, bem vê,

Não posso ao gato dar caça.

Se, porém,

Os ratos da redondeza

Nos reunirmos todos, hem!

Oh! Então com certeza

Ou o seu inimigo às nossas unhas morre,

Ou prego-lhe partida assinalada."

Fez-lhe a rata uma vénia humilde, demorada;

E o rato corre

Breve, rápido à despensa,

Onde, amontoados,

Do dono da casa e expensas,

Muitos ratos se enchiam regalados.

O fanfarrão

Chegou açodado, tonto,

Esbaforido o pulmão,

E as pulsações sem conto.

Que tens tu?

Perguntou-lhe um rato; fala.

E me traz aqui assim esborafado

Urge acudir à rata; é de justiça.

O Bicharro maltês faz medonha carniça

Por toda a parte.

É o Belzebu dos gatos.

Se as ratas faltam

Virá cevar-se nos ratos.

— É certo. Às armas! Sus! Clamam... e saltam.

Diz que correu

De algumas ratas o pranto.

Embora! Nada empeceu
Aquele projeto santo.
De tropel
Cada um logo se apresta;
Cada um mete no farnel
Um naco de queijo: e em festa,
Destemido, cada um, lá marcha intemerato,
Pronto a arriscar-se a tudo, aventureiro,
O espírito flamante, o coração gaiteiro.

No entanto o gato,
Mais fino do que eles todos,
Arma a cilada.
E, ao chegarem, pelos modos,
Já tinha a pobre rata abocanhada.

A legião
Vai com passo revoluto
Dar à amiga a salvação.
Mas o gato, que é astuto,
Sem largar
O que destina à barriga,
Rosna, e marcha a defrontar
Com a caterva inimiga.

A isto, a horda teme o fim da empresa louca.
Safam-se com prudência e boa sorte.
Sem levarem mais longe os projetos de morte.
Para a sua toca.
Debandando, cada rato
Enfia breve:
E cuidado com o gato!
Se a sair, por acaso, algum se atreve.



Jean de La Fontaine



Cronologia

1621 — *8 de julho* — Batismo de Jean de La Fontaine em Château-Thierry, na igreja de São Crispim-fora-de-portas (habitualmente, os batizados faziam-se, nessa época, no dia do nascimento ou no seguinte). Seu Pai, Charles, era chefe dos Serviços de Águas e Florestas e capitão-de-caçadores: havia desposado, em 1617, uma viúva de boa família "poitevina". Françoise Pidoux. Jean foi seu primeiro filho, tendo nascido Claude em 1623. — Segundo uma tradição local. La Fontaine teria feito seus primeiros estudos no colégio de Château-Thierry, então muito afamado.

Cerca de 1633 — Crê-se que aos quatorze anos partiu para Paris, a fim de iniciar seus estudos superiores.

1641 — La Fontaine é admitido na casa-mãe do Oratório, em Paris, onde ingressará também, mais tarde, seu irmão Claude.

1642 — *Outubro?* — Excluído ou voluntariamente, abandona os estudos eclesiásticos, voltando a Château-Thierry, onde lê e começa a sua iniciação poética.

Cerca de 1646 — Regressa a Paris a fim de estudar Direito, frequentando um círculo de jovens poetas palatinos.

1647 — *10 de novembro* — Assinatura do contrato de casamento entre Jean de La Fontaine e Mane Héricart, de uma boa família, a dos La Ferté-Milon.

1652 — La Fontaine compra um lugar nos Serviços de Águas e Florestas.

1653 — *30 de outubro* — Batismo em Château-Thierry de Charles de La Fontaine, filho do poeta.

Crê-se que Charles foi educado por Maucroix, seu padrinho, vindo a exercer modesto lugar nas finanças, sem que seu pai se preocupasse com ele.

1654 — *Agosto* — Primeira publicação de La Fontaine: *Eunuco*, comédia imitada de Terêncio, em cinco atos e em verso. A obra não foi assinada.

1658 — *Março ou abril* — Morte do pai de La Fontaine, que deixou uma herança complicada. Obrigado a contrair empréstimos e, em face das dificuldades monetárias, decidiu, de comum acordo, separar-se da esposa, separação que parece ter ocorrido no princípio de 1659.

Depois de junho — La Fontaine oferece a Fouquet seu poema *Adonis*.

1659 — Dedicava a Fouquet *Le Songe de Vaux*.

1660 — Pelo Carnaval, La Fontaine faz representar em Châ-

teau-Thierry por comediantes amadores um *ballet*, *Les Rieurs du Beau Richard*.

1661 — Durante o verão, La Fontaine e Racine (dezoito anos mais jovem) vêm-se freqüentemente, pois fazem parte de um grupo que se diverte.

17 de agosto — Fouquet dá em Vaux uma festa em honra do rei, à qual assiste La Fontaine. Molière apresenta, nessa ocasião, pela primeira vez, *Fâcheux*.

5 de setembro — Fouquet é preso em Nantes e La Fontaine perde o seu protetor.

1662 — *Março?* — Publicação, sem autoria, da elegia *Aux Nymphes de Vaux*. Em uma *Ode ao Rei*, La Fontaine defende Fouquet.

1663 — *23 de agosto* — Seu tio Jannart é enviado para o exílio, em Limoges, e La Fontaine, voluntariamente ou não, acompanha-o, para voltar a Paris no fim do ano.

1664 — *Julho* — Entra como gentil-homem na casa de Marguerite de Lorraine, duquesa de Orleães, residindo no palácio do Luxemburgo.

1665 — *Janeiro* — publica a primeira parte de *Contos e Novelas em verso* (no fim do ano anterior, dois desses contos já haviam sido publicados em edição separada); a *Segunda parte dos Contos e Novelas* aparecerá em janeiro de 1666: a "Terceira parte" em janeiro de 1671.

Redige as citações poéticas de *Cidade de Deus* de Santo Agostinho, obra editada em junho de 1665 e fevereiro de 1667.

1668 — *Março* — Publicação das *Fábulas escolhidas em verso*, dedicadas ao Delfim (124 fábulas, em duas "partes" de três "livros" cada uma). Apresentadas ao rei, suas primeiras fábulas despertaram sucesso.

1669 — *Janeiro* — Publicação do romance *Amores de Psyché e*

de Cupido; no fim do volume, pode ler-se *Adonis*, impresso pela primeira vez. Minguado o êxito das obras.

1671 — *Janeiro* — Vende o lugar de Château-Thierry, sua principal fonte de recursos.

No princípio do ano é publicada a *Coletânea de poesias cristãs e diversas*, em três volumes, antologia de poetas franceses, editada com o patrocínio de Port-Royal. La Fontaine dedica o seu trabalho ao príncipe de Conti.

Alguns dias mais tarde, aparece a terceira parte dos *Contos*. E, em março, publicam-se *Fábulas escolhidas e outras Poesias*, volume que inclui diversas obras e oito fábulas inéditas que reaparecerão nos livros de 1678 e 1679.

1672 — *Fevereiro* — Morre a duquesa de Orleães, perdendo La Fontaine a última fonte de suas rendas.

1673 (?) — La Fontaine torna-se hóspede de M.^{me} de La Sablière (Marguerite Hessein), em cuja casa teria vivido cerca de vinte anos.

Publica *Poema do cativo de São Malc*.

Morre Molière, em fevereiro, dedicando-lhe La Fontaine um epítáfio.

1674 — Com Racine e Boileau, La Fontaine entra no grupo de poetas protegidos por M.^{me} de Montespan e sua irmã M.^{me} de Thiange. Escreve *Daphné* e *Florentin*.

Publica *Novos Contos*, obra que a polícia proíbe.

1678-1679 — Publicação de cinco novos livros, dedicados a M.^{me} de Montespan (são os livros VII e XI das edições modernas).

1678-1680 — Celebra em versos a paz de Nimègue e a beleza da nova favorita, Mlle. de Fontange.

1681 — *Agosto* — Publicação de uma tradução dos *Êpitres* de Sêneca a Lucílio, obra de um primo do poeta, Pierre Pintrel; La Fontaine redigiu em verso francês as citações poéticas que Sêneca escrevera em prosa.

1682 — Em janeiro, publicação do *Poema de Quinquina*, dedicado à duquesa de Bouillon, pequeno volume seguido de dois novos contos e de dois libretos de ópera, *Galatéia*, inacabada, e *Dafné*.

1683 — *6 de maio* — Primeira apresentação na Comédia-Française, sem nenhum sucesso, da comédia de La Fontaine, *Le Rendez-vous*, cujo texto se perdeu. Pretende-se que as cinco comédias (*Ragotin*, *Le Florentin*, *La Coupe enchantée*, *Le veau perdu*, e *Je vous prend sans vert*) atribuídas por certos editores, desde o século XVIII, a La Fontaine, seriam de Campmeslé.

15 de novembro — La Fontaine é eleito para a Academia Francesa, sucedendo a Colbert; mas Luís XIV, que deseja ver eleito Boileau, seu historiador, não autoriza os acadêmicos a "consumar" a eleição.

1684 — *Abril* — Boileau é eleito e logo se efetiva também a eleição de La Fontaine. A recepção tem lugar em 2 de maio.

1685 — Publicação das *Obras de prosa e de verso dos senhores Maucroix e de La Fontaine*, dois volumes, um dos quais do nosso poeta, incluindo diversas peças, cinco contos, poemas e onze novas fábulas que reaparecerão na edição de 1694.

1687 — Edição reduzida de *Épitre* a Huet. Na querela entre antigos e modernos, na Academia, La Fontaine defende os primeiros, mas não ostensivamente.

1691 — *Novembro* — Na ópera, *Astrée*, tragédia lírica de La Fontaine não irá além das seis representações.

1693 — Adoecendo gravemente no fim do ano anterior, um sacerdote procura convertê-lo.

12 de fevereiro — La Fontaine lê, perante uma delegação da Academia, uma declaração renegando os *Contos* e comprometendo-se, se Deus lhe der saúde, a "passar seus dias em penitência" e a compor "obras piedosas".

Setembro — Já restabelecido, publica a última parte das *Fábulas*, o livro XII das edições modernas: catorze fábulas são acrescen-

tadas às já publicadas em 1685.

1695 — *13 de abril* — Jean de La Fontaine morre, em Paris, na casa da família d'Hervart.



Produzido em colaboração:



Digitalização: **LENE / DS**

Formatação / Revisão: **SAYURI / TD**

TOCA DIGITAL